

HYMNOS E FLORES

JORNAL LITTERARIO

Editor: Alfredo Elysis Pinto d'Almeida.



Introdução

O seculo actual merece uma especial menção e um logar distincto na historia, pór ser elle o seculo das tentativas litterarias de todo o genero. Concorre para este desenvolvimento o amor das lettras tão propagado pelo universo, graças á civilisação, a liberdade da imprensa, essa amnestya (permittam-me a expressão). que os governos concedem á juventude comprehendedora, e o fogo com que toda a mocidade deseja pagar um tributo de gloria á sua patria, concorrendo para o engrandecimento d'ella.

Ainda assim, de todos os generos de litteratura, aquelle que maior incremento tem tomado, e mais adeptos tem acolhido em seu seio, he a poesia, essa doce linguaagem da alma, essa meiga filha do mais sublime pensamento humano.

O gosto por esta arte revela quasi sempre um character um pouco elevado, uma imaginação viva e sentimental, uma tendencia para tudo quanto é sublime e divino! E embora não seja elevada ou ideal, o poeta não é um character baixo e sujeito a paixões mesquinhas: lá tem na alma o germen de todas as grandes virtudes, e de todos os sentimentos heroicos, assim lh'os saibam inspirar e inculcar.

O romance é não só muito delectoso, e mais ainda do que a propria poesia, pela variedade de typos e scenas que apresenta, como util tambem (alludo ao romance moral; d'este só e de nenhum mais quero fallar).

A missão do romancista é mais espinhosa

do que a do poeta; porque, devendo ter sempre em vista moralisar e não preverter, deve tambem saber conciliar o agradavel com o proveitoso, para captivar o leitor e podér ao mesmo tempo deliniar algum typo da sociedade, com toda a sua ridente ou asquerosa realidade, conservando sempre o pseudonimo para não offender susceptibilidades.

Os poetas bons são mais apreciados do que os bons romancistas, mas d'estes ha mais que d'aquelles, e geralmente são lidos com maior interesse.

He por todas estas considerações que nos resolvemos a intitular de «HYMNOS E FLORES» o nosso jornal, pequena colleção de romances e contos, esboçeto imperfeito de todas as feições mais caracteristicas da sociedade.

A missão dos romancistas e poetas deve ser a de espalhar flores sôbre os escolhos do mundo: flores sem espinhos queremos nós offerecer aos nossos leitores, para lhe suavizar algumas horas de ocio e aborrecimento

Os nossos hymnos, singellos como a crença que nol-os inspira, serão sentidos como gotas de pranto, chorando sôbre uma esperança perdida, ou sôbre a erradição d'um pensamento do Céu!

Suppram os desejos o que a nossa intelligencia não póde attingir, e sejamos bem accolhidos pelos esforços, que practicamos. Da censura ou approvação do publico, depende a vida d'este nosso arrojado, mas voluntario tentamen litterario!

LODEIRO. HENRIQUETA ELYZA.

20 DE NOVEMBRO DE 1862.

DESDITA

A minha amiga C. A.

Que lhe importam ao desgraçado as ameaças do ceu ou as ruínas da terra?

REBELLO DA SILVA. *Ódio velho não cança*

Que m'importa o desprezo do mundo
Se eu desprezo seu louco par'cer?
Que m'importa o sarcasmo pungente
Que entre risos envolve o prazer?

Que m'importam as gallas que enfeitam
D'esta vida amargura cruel?
Que m'importa que passe inda a esponja
Em meus labios arados de fel?

Que m'importam tristezas da terra
Se não sinto seu louco furor?
Que m'importa alegria e ventura
Se meu peito não pulsa d'amor?!

Que m'importam os risos da turba
Que nos mostram sarcasmo ou desdem?
Ninguem sabe que triste amargura
Cada um d'esses risos contem !!

Quantas vezes o riso da orgia
He um grito que affoga o soffrer?!
Quantas vezes não cabe no peito
O veneno d'atroz padecer?!

He que a vida contem amarguras
Que nem todos as podem sondar !!
Magoas ha que são sempre um mysterio
Que só sabe quem soffre um pezar !!

He que os risos ás vezes amargam
Mais que o pranto d'atroz dissabor!
Ninguem ha que decifre o mysterio
No silencio que envolve uma dor!

Ninguem ha que desvele a desdita
Que se occulta em gelada mudez!
Que respeite a risada convulsa
Que um anathema envolve talvez!

E, se a dor se dissolve no pranto,
Um espinho da alma nos sai,
Mas, se ha pranto que verte amargura,
Dores ha, que nem pranto as extrai.

Lodeiro, 12 de Setembro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

ANJO E MULHER

A minha boa mãe em tributo de veneração eterna.

INTRODUÇÃO.

... eu lhe direi o que é o mundo,
e o amargo castigo das acções más.

C. CASTELLO-BRANCO. *Rom. de um homem rico.*

A mulher nem sempre he mulher, algumas vezes por um engrandecimento de virtudes, que a fazem abnegar-se a si propria, para se dedicar á felicidade de outros seres, a mulher pode conquistar a palma de martyr e o epytheto de anjo, que por ahí se dá vulgarmente a toda a mulher bella e que ás vezes nada merece menos do que tal nome!

Ha destes exemplos de magnanimidade, mas infelizmente raros, quasi phenomenaes! A fragilidade humana não permite que nos despojemos a nós mesmos de uma felicidade que he ou pode ser nossa, para a hirmos sacrificar no santuario da amizade. Pode uma alma sanctificar-se assim, pode elevar-se até á esphera das concessões mais sublimes, pode quasi egualarse a Deus, mas poucas são aquellas que tem a coragem de o tentar!!

Parece-nos mui longo o martyrio, por maior que se nos avulte a gloria que d'elle nos resulta. Haja, porém, franqueza. Encontra-se mais abnegação na mulher do que no homem: não porque lhe falte a elle a coragem, mas porque não tem o heroismo, que n'ella sobra.

O homem é um pouco mais egoista da sua felicidade do que a mulher, porque, aprendendo desde creança a dominar, maior queda dá o seu orgulho, tendo de renunciar a uma ventura que julgava necessariamente sua. A mulher pelo contrario tendo sido educada sempre com as ideias de respeito e obediencia, e vaidosa em extremo dos dotes que por vezes lhe grangeam a submissão do homem, tornado escravo de seus menores caprichos, a mulher, que mira sempre occasiões em que se possa fazer notar, acções pelas quaes possa libertar-se do pesado jugo que lhe foi imposto logo ao nascer, a mulher, digo, muitas vezes se torna sublime, quasi impossivel, tendo por unico movel a vaidade só! Este desejo de dizer um dia ao homem: «Olha para mim e vê que valho mais do que tu» he o incentivo de quasi todas as grandes acções das mulheres.

Ha, porém, ainda algumas excepções: ha a abnegação da mulher sem vaidade, ha a dedicação sem o desejo de gloria!!

Quando se dá este mais que rarissimo, mas todavia possível exemplo, he perdoavel esta phraze:

«A mulher he um anjo na terra.»

E he ou antes devia sel-o se ella comprehendesse bem a sua sublime missão, e se o homem a soubesse respeitar, e lhe não desnaturasse suas mais suaves tendencias.

CAPITULO I.

Cruel espinho é a memoria.

REBELLO DA SILVA. *Odio
velho não cança.*

Angelina he o typo da mulher anjo, Izaura o da mulher frivola, e vaidosa de seus encantos; e todavia são irmãs! Irmãs como o são dois arbustos nascidos da mesma planta, um dos quaes, vestido de brilhante folhagem, se corôa na primavera com uma grinalda de flores frescas e perfumadas, e o outro, crescendo esguio e enfesado, parece querer avassallar o mundo, e curvar o seu irmão, sem comtudo lhe poder roubar as bellezas.

Angelina era a modesta e pura violeta, Izaura a roza soberba e desdenhosa. Qual das duas valia mais, o leitor o dirá no fim.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYZA.

RECORDAÇÕES

A L.

Já mil gozos frui n'esta vida,
Magoas mil já tambem ressentí!
Hoje resta memoria florida,
Se recordo, o passado sorri....

Dôr amarga nos labios perpassa,
Em sorriso que envolve só dôr!
Só em magoas a vida hoje passa
Dôces magoas se lembram amor!

Ha memorias que fallam ao peito
Nas mil notas que o pranto vibrou
Ha lembranças de triste respeito
Que recordam a dôr que passou!..

Cada nota suave embalada,
Em sorrisos que outr'ora gozei,
Me recorda ventura passada
Qual nos sonhos da vida sonhei!

Do passado saudoso que resta?!
Em meu peito que vibra a paixão?!

O que vale ao que a vida detesta,
Se escutou em amor sempre «Não!»

Com saudade recordeo o passado

Ai! passado que não volverá!

Com que ardor um momento adorado!

Ai! momento que não voltará!

E quem sabe o que resta d'outr'ora?!

Diz-me, oh! virgem, as fallas d'amor!

Não me fallas d'esp'ranças agora

Só derramas no seio amargór!

Fui tão cedo, tão cedo olvidado!..

Não te lembras do amor que te ouvi?!

E, se o velas, quem sabe? ai! amado

Talvez seja! Nos sonhos o vi!

Sabe, virgem, não tens meu olvido,

Nem na vida jámais o terás..

Se d'amor já tivesse descrido,

Ai!.. Mas não! tu jamais saberás...

O passado me é grato, saudoso.

Tantas graças jámais volverão!

Tens amor? diz, oh! virgem! ditoso

Os meus prantos não mais voltarão...

Coimbra 12 de Novembro de 1862.

ALFREDO ELYSIO

OS DOIS GABELLOS

Genio travesso do *Coisas e Loisas*, tu cujo espirito folgazão e patusquinho tanto alento me dêste em dias bem tristes da minha triste vida, tu que rival foste do Silvio Pellico para arrancar-me ao desespero, e talvez ao suicidio, em amarguradas horas que o demo suma, vem de novo assoprar-me a phantasia, contigo erguel-a ás subidas regiões da gargalhada, onde habita a flor dos meus leitores, do mundo enfeito e gala e divertimento. Faz-me rir, genio amigo, faz-me rir, que tristezas bem bastam a quem as tem, nem males remedeiam ou pezares a quem de raiz os sofre n'este mundo. Nascemos a chorar, a chorar morremos; porque não riremos sequer em quanto vivos? Dois trincos a satanaz que a alma enlucta, dois pulos ao folgar que a alma alegre.

Sentem-se e escutem, que vão ouvir as aventuras romantico-tragico-grotescas d'um homem grande em muita coisa, cujo nome retumbará altisonante d'um polo a outro polo: chamava-se Antão.

Das prendas ahí digo as principaes.
- O sr. Antão nadava como um cação, dançava como um pião, comia como um glutão, batia-se como um Sansão, vestia-se como um pimpão,

e ardia como um volcão de amores pela sua Mariquinhas.

A Mariquinhas é que era uma ingrata de meus peccados. Só por isso lhe quero mal, que por tudo o mais lhe daria a vida, e os leitores também. Que lindos cabellos que tinha, a feitiçeira! Que olhos, que boca, que mãos, que pés! Pois o melhor inda eu não disse. Eram dois cabellinhos na ponta da barba, que eram dois grilhões para os mais esquivos. Foi n'elles que se prendeu o sr. Antão n'uma hora negra que elle chorava sempre.

Em quanto a espirito, a Mariquinhas era a luminaria do seu sexo.

Nada de maus sentidos ás minhas palavras. Luminaria é o termo proprio. Significa um astro radiante, ou de luz e fogo como o sol, ou de luz e melancholia como a lua. Vejam a Biblia, no capitulo primeiro do Genesis.

Para os que não tiverem a Biblia, ahí vaé outra explicação.

Luminaria é synonymo de lanterna; e lanterna é toda a mulher. Em dia, ou antes, em noite de festa, quem põe luminarias põe lanternas, é sabido e visível.

Ora que mulheres sejam lanternas também é claro.

Baixemos á analyse da natureza dos dois objectos, e vejamos a ideia media que os ha de ligar.

O que é uma lanterna? Uma coisa que se põe á janella. Primeiro ponto de analogia.

Mais. Que é uma lanterna? Um traste que serve para nos allumiar e dirigir na escuridade. Pois a mulher é a nossa luz e a nossa guia n'esta vida.

Ainda mais. Dividamos a palavra. Que temos? *Lan* e *terna*. *Lan*, coisa que aquece; *terna*, attributo essencial da mulher. Logo a mulher é uma *lan-terna*, isto é, uma coisa que aquece com ternura.

Se tudo isto não é logicamente verdadeiro assim como é verdadeiramente logico, eu desde já me condemno a reservar para mim aquellas lanternas, sem querer impor a ninguem a minha ideia.

Era pois a Mariquinhas uma luminaria, em cuja luz se tinha abrasado a queimadiça pessoa do sr. Antão. Foi o caso, que o sr. Antão andava uma tarde a *beber o pó das areias* nas margens do atlantico, ha poucos mezes a esta parte, quando um bando de gaivotas vieram, no dorso de uma onda, poisar na praia. Passou o homem, riu e bateu as palmas. Tomaram vôo as aves com horrenda grita; deram no ar tres gyros em volta d'elle, e foram longe poisar de novo n'um rochedo.

Rodou Antão sobre a perna esquerda, passando pela memoria esta quadra popular:

Toda a vez que eu vejo vir
Gaivotas á praia-mar
Cuido que são meus amores
Que veem para me buscar.

E desta vez pareceu-lhe a elle que não mentia a quadra. No ponto para onde se dirigiram as passarolas estava de pé o vulto seductor de uma mulher formosa, com a mão sobre a testa espreitando o pôr do sol.

Era a Mariquinhas.

O nosso homem estremeceu até á medula, como quem tivera a revelação de que era alli a sua mulher fatal. Olhou para ella extatico e de tanta belleza selectou em seu gosto uma pequenissima parte, aquelles fatidicos pellinhos da barba, que já notámos á curiosidade de quem lê.

Plantou os no coração e em tão má hora, que cresceram duas serpentes que lhe entocaram para sempre a vida.

A primeira coisa que elle fez foi a mais natural. Esperou.

Mariquinhas depois de attentar no sol attentou no seu admirador Antão. Pelo fio electrico do magnetismo animal, que é uma grande realidade digam lá o que quizerem, soube instantaneamente que aquelle homem estava doído por ella.

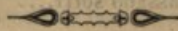
Sorriu-se. E sorriso foi esse que foi cravar-se como uma seta no coração do fino amante entre os dois cabellos que já lá estavam.

Retirou-se depois, mas vagarosa, mas triste, mas pensativa.

E Antão lá lhe foi seguindo a pista. Tão concentrado ia e tão feliz, que ao virar d'uma esquina deu-lhe um peito extranho d'encontro ao seu, e elle com as costas d'encontro á rua. Foram dois *ahs* e dois *pas*. Desastrada coisa!

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA



Toda a educação que não é religiosa incompleta o homem, e não consegue, quando muito, senão fazer d'elle um animal intelligente. É um erro pensar que o homem é grande pela sciencia; não ha grandeza nem humanidade senão pelo conhecimento de Deus.

L. AIMÉ-MARTIN.

A liberdade e a virtude são irmãos; se a ultima desaparece de um estado, a primeira pouco se demora n'elle.

REBELLO DA SILVA.

Aos quatorze annos de um mancebo

14 de Março de 1861

Fiel ao costume antigo
Trago ao meu joven amigo
Versos proprios d'este dia

Qualquer os fará mais bellos,
Ninguem tão d'alma os faria.

A. GARRETT.

No berço dos amores te embalarãam,
Na cidade gentil a quem as brisas
Em bando folgasão
Afgam docemente as brancas vestes
Que a cingem recostada sobré o monte
Em leda posição.

N'estas margens formosas do Mondego,
Do nosso patrio rio ameno e bello,
A luz te despontou:
A luz da primavera precedeste,
Da deusa foste o digno mensageiro,
A flor que a annunciou.

E d'estes annos teus a primavera
Recorda a primavera dos teus dias;
Planta nova e loucan,
As folhas desabrochas vigoroso:
Não raia já o alvor, mas claridade
D'esplendida manhan.

O sol da flicidade aquece a vida
Que ligeira te corre entre carinhos,
Entre mimos de mãe;
Aureo nome, tão doce, e puro, e sancto
Que no ceu as angelicas toadas
Mais puro som, não têm.

Do pãe o braço forte te sustenta,
Do avô a amisade te abençoãa,
Meigas caricias mil
Te circumdam da tia, toda extremos,
E amigos verdadeiros te rodeiam
Na edade juvenil.

As horas do prazer depresssa correm,
E a vida é sonho amargo cujas fezes
É bem duro esgotar,
Relampago veloz d'aureos instantes,
Rosa louçã que punge nos espinhos,
Ou virgem no enganar.

Archiva na memoria o dia d'hoje;
E mui breve a saudade do preterito
Mais cãro o tornarãa;
O passado semelha a flor que murcha
Cujo tenue perfume é o epitaphio
De quem não vive já.

A. A. F. P.

UMA PAGINA

.....
Ao descair a tarde
do dia seguinte, passeiava com Alberto á beira
do mar.

Era deslumbrante o quadro, que a natureza
n'aquella hora nos offerencia. O sol, meio es-
condido entre nuvens pouco espessas, alumia-
va o horisonte em clarões de fogo, que parecia
bordado com brilhantes franjas d'oiro. Hora
solemne, em que as trevas, de que o mundo
se envolve, parecem revellar os vedados myste-
rios da morte, e a alma, como que desprendida
do involucro terrestre, procura o mundo da te-
licidade, porque ancia.

Chegado ao limite, que deve de dia da noite,
o magestoso astro parece patar em sua car-
reira, parece dizer um adeus de saudosa des-
pedida ao mundo, que acaba de alagar de vi-
vificante luz, para afinal desaparecer nos seios
das ondas. Era um espectáculo maravilhoso,
que faz nascer n'alma uma vaga melancholia
de involuntaria tristêza.

— Que sentimentos te desperta n'alma esta
hora do crepusculo? me perguntou Alberto,
depois d'um longo silencio, em que parecia
absorto em profunda meditação.

— Reconheço a existencia de Deus, e o do-
minio do homem sobre as forças naturaes, res-
pondi eu com a voz um pouco abafada. Póde
dizer-se com o primeiro stylista francez, e can-
tor do progresso — quem nunca contemplou o
mar, e o silvo do vapor que lhe rasga as ondas,
não póde conhecer a Deus, nem o poder do
apostolo da creação.

— E eu sinto a necessidade d'um bom amigo,
prosequio elle. Este rugido das vagas, este
murmurio da brisa, estas sombras, que nos tra-
zem a noite, este ceu com o astro, que se está
levantando n'aquella orla prateada, tudo me
faz despertar no coração mil sentimentos, que
a alma não pode calar, e que só podem sêr
depositados no peito de quem os comprehenda.
Julgo, que és meu amigo, disse elle, apertan-
do-me convulsivamente a mão. A tua alma não
está ainda contaminada da hypocrisia da epo-
cha; as crenças, que, por uma lei irresistivel da
nossa organização moral, se geram e robuste-
cem no espirito de todo o homem, não se te
desfolharam ainda ao contacto das miserias, e
circoustancias do grande mundo. Has-de ou-
vir-me. Vou contar-te o maior dos meus segre-
dos.

— Provavelmente temos alguma questão
amorosa?!

— Como advinhaste tu? perguntou elle com
anciedade.

— Fallas-te-me do coração; e por isso era
de crêr, que houvesse o amôr. É o fóco, d'onde

irradião todos os sentimentos ternos. Ha talvez rivalidades; queimavas incenso a alguma deusa da inconstancia; não é assim?!.. Pouco importa, amigo. Um duello...

Alberto fitou de repente em mim os olhos, cheios d'este brilho, que os incendia, quando se vê propallado um sentimento, que é todo nosso, e disse-me, como fallando a si mesmo. — Enganei-me! julguei encontrar um amigo sincero, achei apenas um conhecido, que me não comprehendeu! Paciencia!

Esta palavra foi proferida com um desalento total; mostrava de per si a angustia, que o turturava. Conheci aqui esta primeira belleza da nossa naturêza, a necessidade de communicar-mos a algum os nossos sentimentos e creanças mais intimas, que nos opprime constantemente, fechadas no sanctuario da consciencia. Um ai sentido e maguado lhe escapou inadvertidamente dos labios, como fugido ao coração.

— Devia-o ter adivinhado — proferiu elle ainda, não lembrado talvez, de que o estava escutando.

E, depois d'um pequeno intervallo, lançandome os olhos, embaciados d'uma lagrima, me dizia:

— Fazes-me um favôr? Esqueces-te do que ha pouco me ouviste?

— Ao contrario, respondi eu de prompto, exijo, que me digas ainda mais. Gracejei um momento com a tua dôr, e não me arrependi ainda. Queria, assim, conhecer a profundeza de tuas magoas, e sondar a amargura do teu coração. Agora falla, Alberto.

(Continúa)

M. N. A. COUTINHO.

AINDA ESPERO

E bella, sempre bella! os meigos olhos
Mais languidos talvez que n'esses dias

Em que juncto de mim

Em rosas transformavas meus abrolhos!

Mais bulicoso o rir — quando sorrias —

Mulher, eu vi-te assim.

E então soltara só queixume inutil

Que é a voz do meu amor. Tu nem me ouviste,

Pois quando se é feliz,

A dor, que os outros soffrem, nós é futil!

E n'essa hora soffri! Lagrima triste

Diz mais que o labio diz.

Sou homem, e banhou-me a face o pranto!

Mas quaes gottas d'orvalho disparzido

Por sobre a murcha flor

Lhe trazem mais alento e novo encanto,
Assim do pranto meu, por ti vertido,
Tirei um novo ardor!

E em noutes de ventura acaso ás vezes
No louco perpassar de ardente walsa

Ousei beijar-te a mão...

Ai! surriste... prenuncio de revezes!

Escondês-te no seio a voz que é falsa,

Mas disse o riso — não —!

Barreira altiva e forte, que não devo
Vencer talvez em longo volver d'annos,
Me davas no desdem

Com que sempre zombavas d'esse enlevo

Que soubeste inspirar-me nos enganos

Que teu sorriso tem.

Correndo apoz sedento ás turvas aguas

Que o prazer nos offerta em vaso impuro,

Sem te esquecer jamais,

Quiz n'ellas affogar as fundas magoas

Que entrevia somente no futuro

Quaes trevas sem fanaes.

Rasgado o tenue veu, que o sentimento

D'instinctivo pudor me poz na fronte,

Eu vi no chão cahir,

Quaes folhas que batidas pelo vento

Lá perdem viço e côr em secco monte,

As creanças do porvir.

Do passado envolvido na saudade

Senti gelar meu sangue a fria aragem

D'um ermo triste e nú;

Só tinha do viver na soledade,

— Allivio á minha dor — serena imagem...

Que me lembravas tu!

Mas embora não saibas quanto a vida

Que se passa entre amor e ais ignotos

Em magoas sempre dóe;

Como o nauta sem vêr que é já perdida

Da esp'rança extrema luz, não cala os votos,

E lucha como heroe,

Assim arcando audaz com sorte infausta

Que folga em vir zombar de meus anhelos,

Constante heide lutar;

E depois, do soffrer na taça exhausta,

Talvez queiras, mulher, lançar mais bellos

Confortos d'esse olhar!

Que uma creença restou: nem posso apenas

Por instantes descer de ti, que ás ancias

Podes trazer-me a paz;

Vejo indo no porvir visões amenas

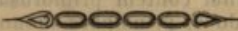
Embalada minh'alma nas fragancias

Do amor que lhe darás!..

Serei feliz então! De novo aberto
O sacrário d'esp'ranças, quasi extincto
Por um condão fatal,
Surgirei do lethargo, em fim desperto,
Qual Lazaro surgiu, roto o recinto
Do leito sepulchral!

24 de Agosto de 1862

LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA



O Arco de Fiorillo

Fiorillo era um celebre violinista Italiano de grande habilidade, mas que carecia absolutamente d'amor proprio tão commum nos seus compatriotas.

Vivia em Londres no fim do ultimo seculo, em cuja cidade habitava tambem o barão de Bayge, homem tão affeçoado á musica, que em tudo a encontrava; se ouvia ranger os goncos d'uma porta, miar um gato, ou disputar acaloradamente n'uma rua, no mesmo instante pegava n'um livro de lembranças e apontava as inflexões musicas correspondentes; não havia na cidade vendedor ambulante cujo grito peculiar não se achasse reproduzido no livro do barão.

Apesar desta affeição á musica, e dos muitos mestres que teve, e das tres horas diarias que dedicava ao estudo de violino, jamais conseguiu tocar com affinação, e ainda menos dar os bemoes. Fiorillo, que então era seu mestre, desesperava-se e não sabia o que havia de fazer com o seu discipulo.

Um dia o barão já zangado arremessou o instrumento para longe de si, e exclamou:

— Bastante tenho aguentado.

— Que diz, *milord*? lhe perguntou o mestre.

— Digo, que estou resolvido a fazer uma representação á alta camara para que prohiba, sob pena de multa, a todos os compositores de musica empregarem bemoes nas suas composições.

— Graciosa resolução! exclamou Fiorillo rindo ás gargalhadas.

— Pelo menos moral, respondeu o barão com dignidade.

Depois de tres annos de um estudo tenaz, conseguiu o barão tocar um *solo* menos os bemoes; e, entusiasmado com este resultado, disse a Fiorillo que queria dar aos seus amigos uma prova da sua habilidade, e que o encarregava de dispor tudo para dar um concerto no domingo seguinte.

Passarão-se, pois, os bilhetes de convite aos presidentes de ambas as camaras, a varios titulares, e a outras muitas pessoas nobres, as quaes, já conhecedoras da originalidade do ba-

rão, aceitarão o convite com maliciosa prevenção.

Chegou o dia do concerto, e Fiorillo excessivamente pensativo, achava-se sombrio e meditando.

— Que tendes, meu querido mestre? perguntou miss Betty, sobrinha do Barão.

— Ai! menina, respondeo o mestre; seu tio vai comprometer esta noute vinte annos d'uma profissão honrosa.

— A vossa reputação é bem conhecida; e porisso não vos apouquiteis; se se rirem, ridevos tambem; o triumpho hade ser esta noute, de quem mais se rir.

Apezar dos conselhos de miss Betty, assistio ao ensaio tremulo de medo. O barão chegou com a maior tranquillidade, collocou-se no logar destinado para os muzicos, e sem esperar pela sua vez roçou desesperadamente com o seu arco as cordas do violino.

Aquillo foi uma desordem completa, um desconcerto geral, mas os musicos que estavam fallados para o adularem, applaudirão-n'o com enthusiasmo.

Tudo tinha corrido bem até ali, mas chegada a hora do concerto diviso o barão entre os convidados o principe, excellent violinista, e a duqueza de Cambridg, que passava pela primeira cantora d'aquelle tempo.

O barão tremeo de terror, foi procurar accleradamente Fiorillo, mas este tinha desaparecido.

— Pois senhor, não ha remedio senão tocar, succeda o que succeder, mas visto que meu mestre me abandona em tão criticas circumstancias, vingar-me-hei do seu abandono, tocando com o seu arco.

Chegou a hora do concerto, que teve principio por um magnifico côro de Handell, desempenhado com acerto e mestria. Seguitão-se depois duas composições do celebre Paisiello, e pela ordem do programma seguia-se o *solo* do barão. Este executou com uma destresa admiravel o que lhe estava destinado. A assemblea que tinha assistido só com intenção de rir-se, ficou suprehendida de ver como o barão se tinha desempenhado; ouvirão-se entusiasmaticos *vivas*, e repetidos applausos, e agitação-se lenços em honra do barão que ignorava o que se passava em redor de si; tremia, escorrendo em suor.

No dia seguinte o escudeiro, quando limpava os instrumentos, notou que as sedas do arco estavam untadas de cebo; suprehendido foi chamar o barão, e este tambem admirado chamou Fiorillo.

Ahi tem o arco que tão bem me servio esta noute; peço-lhe que m'o dê como uma grata recordação, e acceite em troca esta pequena lembrança.

Ao dizer isto, entregou-lhe o documento de um vitalicio de cem libras esterlinas.

— Mas quem poz o arco d'esta maneira?

Fiorillo abaixou a cabeça, e não respondeu. — Meu querido tio, lhe respondeo miss Betty, o vosso mestre occultou-se hontem á noute detraz d'um biombo, e foi quem tocou, em quanto o tio manejava com tanta mestria o seu arco untado de cebo.

— Muito fóra de mim devia eu estar! julgava que eu é que tinha ganhado tão entusiasticos applausos.

Trad. de

F. L. DE CACERES

Outro Moyses

Que vultu solitario no alto de Moab
Estende avido olhar ás terras lá fronteiras?
A vista os sonhos d'alma — os campos de Judá,
Segor e Manassé, e as virides palmeiras l..

Os olhos se lhe turvam! Cai o varão sancto l..
Suspira sem siquer na terra amada entrar!
Tambem sem alcançar-te, simbolo d'encanto,
Falleço á tua vista, lyrio, a suspirar!..

SIMÕES DIAS

Charada

Parfois l'aube en naissant aux lointains
horisons

De ses brillants rayons répand la douce
armée;

Et tout en éclairant et la mer et les monts
Franchit tout doucement mon obscure

Tandis que, en s'éveillant à peine, ma pen-
sée

Mollement encore bercée

Dans l'aile du sommeil qui s'en ira bientôt
Fait ainsi, en craignant, un bruit un peu
plus haut.

Mais en sortant après aux champs où bout
la vie,

Je vais la retrouver au bout d'une prairie.

Et j' ai jecté là bas sur l'ombre des tilleuls

Où l'amour autrefois menait mes bisaieuls.

Son aile m'enleva dans les plages profondes

Où se meuvent toujours les mondes sur des
mondes.

A. L. S. Y.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ARCHIVO PITTORESCO

Principal Redactor — Sr. Silva Tullio

EDITORES — CASTRO, IRMÃO & C.^a

Os ultimos numeros publicados d'este interessante jornal contém primorosas gravuras representando os principaes monumentos levantados para commemorar o consorcio de Suas Magestades. Além de diversos artigos e gravuras de assumptos nacionaes e estrangeiros trazem mais as seguintes: Vista do pavilhão real, e panorama da Praça do Commercio — Arco do commercio, no largo do Corpo Santo — Columna da Praça de D. Pedro, vista de noite etc.

O *Archivo Pittoresco* publica-se regularmente ha 5 annos; é o primeiro jornal que formou no paiz uma boa eschola de gravura em madeira, sendo actualmente todas as estampas feitas nas suas officinas.

Os 4 volumes já completos contém mais de 600 gravuras sendo a maior parte nacionaes; vendem-se juntos ou separados a 2:000 rs. cada um. O preço da assignatura para o 5.^o volume em publicação é, em Lisboa 2:000 rs., nas Provincias, franco de porte, 2:200 rs. — Numero avulso 50 rs.

Subscreve-se e vende-se no escriptorio da empreza, rua da Boa-Vista palacio do conde de Sampaio, e nas principaes livrarias.

HYMNOS E FLORES

COIMBRA

PROVINCIAS

Semestre..	500 réis	Semestre..	560 réis
Anno.....	1\$000 réis	Anno.....	1\$100 réis
		Avulso.....	50 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a *Alfredo Elysis Pinto d'Almeida*, rua das Colchas, Coimbra. Escripto recebido, não se restitue. Publicações litterarias annunciam-se por dous exemplares.

EXPEDIENTE

Roga-se aos srs. assignantes de fóra o obsequio de mandar satisfazer a importancia de suas assignaturas.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA



SAUDADE

A D.

.... e tempo que foge não
volta....

R. DA SILVA.

Saudade, quem não sentira
Teus amargos dissabores?
Quem não sabe como expira
Em dolorosos temores
A voz que solta um adeus
Aos escuros escarcueus
D'um futuro sem amores?!

Quem não sabe como a vida
É triste, sem affeições?
A terra arida, despida
Das mais puras illuções?
Quando a saudade pungente
Nos faz com furia demente
Odiar, as multidões?!

Quem não sabe que amargura
Um adeus pode conter?
Quem não sabe que a ventura
Morre onde nasce o soffrer?
E deixa apóz si um traço
Que nem o apaga o espaço
Nem tempo faz esquecer?!

Ai! quem uma vez na vida
Não sentiu o pranto ardente
Queimar-lhe a face abatida,
Curvada ao chão, impotente
Sob o peso d'anciedade?
Quem não lê a eternidade
N'um olhar de despedida?!

Lodeiro 28 d'Agosto de 1862.

HENRIQUETA ELISA.

A poesia é a lingua harmoniosa do espirito,
quando a dôr, o entusiasmo ou a esperança o
elevam acima da prisão de limos do nosso des-
terro.

REBELLO DA SILVA.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 2

ANTO E MULHER

(Continuação)

A pouca distancia de Braga, está uma pequena casa de campo, situada n'um vasto ter-
rapleno, dominado de todos os lados por mon-
tanhas, tendo por docel a coma verdejante de
uma duzia de seculares carvalhos, e ouvindo a
seus pés o rumorejar do rio Este.

O sitio é pittoresco e formoso, tanto mais que
parece surgir como um oasis do centro de uma
natureza inculta.

A casa é pequena e d'um só andar, cercada
por um lado d'um jardim encantador e do ou-
tro por um bosquecito, formado por vasta ran-
mada de parreiras; tudo isto finalmente é fei-
ticeiro e poetico. Parece que uma fada, tocando
ali com varinha magica, fez surgir aquella ha-
bitação do centro de montanhas!

E' ao pôr do sol d'uma tarde de Julho, for-
mosa, quen'e e embalsmada; as aves soltam
melodiosos cantos, saudando a desappareição do
rei dos astros, que deixa no cume das monta-
nhas uma aresta brilhante de rosados raios!
Ao longe, ouve-se uma cantiga pastoril, festi-
val e melancolica, acompanhada pelo suave
balar de innocente cordeiro! No ceu não per-
passa uma nuvem; é tudo azul e transparente
como um lago em que todos os objectos se re-
tractam!

Faz-se por momentos ali um silencio em
toda a natureza, que parece recolhida em fer-
veroso extasis ante a bonança de um dia tão
feliz. Parece, que a voz de Deus então falla
n'aquella solidão, áquella mudez, e as aves
relomam seus alegres trinadoes, o zagal reco-
meça a cantiga terminada, a briza embala as
flores, e finalmente tudo vive, tudo palpita ali.

Uma das janellas da casa abriu-se e uma
suave figura de mulher appareceu a ella. Lá se
assentou, e, com o braço apoiado no peitoril, e
a cabeça docemente reclinada na mão, fica a
scismar, com os olhos suspensos na abóbada
celeste, e a alma preza n'esse olhar, perseguindo
uma visão que parece querer fugir-lhe!

Saiem de dentro uns sons de piano e a voz
suave e fresca de mulher, que vem cazar-se cá
fóra com o rumorejar da briza e os gorgeios do
rouxinol!!

E a visão da janella? inclina a cabeça para
fóra como para escapar ás dolorosas reminis-
cencias ou impressões que lhe desperta aquella
muzica! Com o peito arquejando sob o pezo
d'uma horrivel anciedade, a tez afoqueada e os
labios tremulos, parece dizer á briza: «Oh! tu
que passas leva contigo estes sons, que me
acordam na mente visões impossiveis, ideias
inconsideradas!!»

1 DE DEZEMBRO DE 1862

E o piano cessou seus acordes; no mesmo momento, outra joven assomou á janella, cantando ainda por entre dentes, e fez esta pergunta á que já lá estava:

— Que tens tu, que assim estás tão melancolica? Em que pensas?

— Bem sabes que aquella muzica me faz mal respondeu a outra, que nós ficaremos chamando Angelina.

— Ah! sim! faz-te lembrar de Jorge, o ingrato que já não vem vêr-te! disse Izaura em ar de zombaria.

— Não, filha, recorda-me minha mãe!

E a donzella, cobrindo o rosto com as mãos, poz-se a chorar!

Izaura fingiu não dar por isso, e continuou a cantarolar. No fim de alguns minutos exclamou:

— Estou hoje impaciente! tenho um palpito de que Jorge vem cá. Que dizes a isto, minha Angelina?

O silencio d'esta foi a unica resposta que obteve.

— Oh! oh! bem o dizia eu, exclamou ella outra vez, tendo deixado passar alguns minutos. Jorge não será aquelle cavalleiro que vem subindo a encosta a toda a brida do seu cavallo?

D'esta vez Angelina estremeceu; e, tendo levantado a cabeça, olhou para o sitio indicado por sua irmã, e disse entre risonha e chorosa:

— E' elle, é!

— Queres tu que eu vá ao seu encontro, lá álem, em quanto ficas enchugando os olhos? porque tu choraste e não podes apparecer-lhe assim!

— Faz como quizeres, minha irmã: para satisfazeres a tua vontade, podes ir, mas não digas que é para obedecer a um capricho meu!

Dizendo estas palavras, Angelina fitou a joven com olhos precrutadores. Izaura não pode supportar este olhar, e voltou o rosto para o lado. Depois de breve silencio, disse a sua irmã:

— Ao menos deixa-me acenar-lhe com o lenço.

— Aqui, não, juncto de mim! não quero que elle pense que sou eu, exclamou Angelina, arancando-lhe o lenço arrebatadamente das mãos.

— E' o mesmo, vou para o jardim!

Quando Izaura se retirou da janella, Angelina soltou um suspiro, e murmurou tristemente: «Meu Deus! meu Deus!»

(Continúa)

HENRIQUETA ELYZA.



Lgrimas

A L.

As lagrimas são o alivio do que vive.

R. DA SILVA.

Se as faces banha o pranto,
Só tenho por encanto
Lembrar o meu amor!
Se maguas sinto n'alma
O pranto m'as acalma,
Extincto seu ardor.

Ás vezes sonha a mente
Amor eterno, ardente,
Que tu oh! virgem dás!
Não vê a desgraçada,
Que a esperança já finada
Ao peito não dá paz!..

Se busco no passado,
Ai! vejo fui amado,
D'um anjo divinal!
Se busco no presente,
Eterna dor ressentida
O peito meu fatal!..

Nem uma crença vejo!
Amor dos ceus desejo
Desejo bem cruel!..
Que eu hoje passo a vida
D'esperanças já despida
No gozo de seu fel!..

Embora, morra a crença!
Que eu soffro tal sentença
Que o mundo vil me dá!
Se a dor no peito sinto,
Não tenho o pranto extincto
Eterno durará!..

És minha irmã, saudade,
E das-me infelicidade!
Ai! pranto és meu condão!
E d'essas tantas glorias
Só restam as memorias
Por duro galardão...

Coimbra — Nov. de 1862.

ALFREDO ELTISIO.

La modestie est peut-être la seule vertu, qu'on puisse sans inconvénient louer avec excès dans un jeune homme.

GENLIS.

OS DOIS CABELLOS

(Continuação)

Deixámos Antão Carocha.

Gostam do sobrenome? Pois eu lhes digo como lhe elle veio. Uma vez pelo entrudo quiz Antão, era ainda rapazote, divertir com ingenho e graça uma sociedade elegante. Pensou, dormiu sobre o caso, e com as auras matutinas veio-lhe uma ideia sublime, e mais que tudo original. Ruminou-a por tres dias, aplaudiu-se d'ella e resolveu pôr mãos á obra.

No dia proprio não houve quem o lombri-gasse na rua. Fechado so comsigo, a seus mais intimos não revelou o seu segredo.

Chegou a noite.

Na sala onde ia *brilhar*, e logo saberão porque assim digo, a invenção do sr. Antão, era reunido um punhado de flores-animadas, colhido no sortidissimo jardim desta cidade.

E la estava Antão com ellas.

Com danças, com toques, com descantes, andava tudo em polvorosa. A meia noite aquedou tudo e serviu-se o chá.

— Agora — pensou Antão.

E sahio.

No melhor da funcanata, quando cada dextra empunhava uma chavena, e cada sinistra uma torradinha com manteiga, troou aos quatro cantos da casa uma voz medonha.

— Fogo!

Foi como um raio. Levantou se tudo. Quatro vestidos, dois de gaze e dois de seda, estavam em lavaredas.

— Que é isto? clamaram todos.

E apontavam para umas luzinhas pequenas que se cruscavam infinitas no chão, e donde tinha partido o incendio.

Abaixou-se o mais animoso, estendeu a mão, cclheu uma luz e viu.

Era uma carocha com um pavio acceso nas costas!!!

Torradas, chavenas, bandeijas, leques, luvas, quanto havia, quanto se poude apanhar, foi arremessado num momento sobre os pobres bichos, que ali ficaram, e os vestidos queimados, todos victimas da luminosa ideia da sr. Antão.

O chá serviu para extinguir o fogo: uma gargalhada geral extinguiu com o susto o mau humor.

A vingança da sociedade foi soberba e dura-dora: appellidou o inventor de Antão Carocha, appellido que inda hoje tem, e que aqui fica estampado até á ressurreição dos capuchos.

Vindo ao ponto, iamós nós dizendo que deixámos Antão Carocha espichado de costas sobre as pedras da rua. Foi mal feito. O pobre diabo hade ter amargado a cardada com o ca-

dello de frio que tem estado. Alem do baque e do desapontamento. Não era o homem tão parvo que não achasse ridiculo o estender-se na lama deante da mulher amada. Ergueu-se de um pullo desmaiado e tremulo. Olhou para todos os lados, e não viu ninguem. A menina-luminaria tinha desaparecido, e nem lhe restava ao menos a esperanza de ser lastimado.

Pensando melhor achou que era isso uma felicidade, por onde se prova que tudo neste mundo é relativo. Verdade seja que tinha perdido o fio da sua Ariadna, que o havia de pôr a salvo do incerto e escuro labirinto do seu amor; mas tambem tinha evitado um desgosto que lhe traria morte se a visse rir da sua desgraça. Que era o mais provavel o ella rir, como eu riria, como tu ririas, como elle riria; como nós todos ririamos.

Desandou, caminhou, e enfiou em casa ainda enfiado.

Era noite fechada, ou para ser mais bonito:

Já na orla do horisonte

Se foi o sol recostar,

Não vagueia pelo monte

Vadio armento a balar.

Não se ve meigo clarão

Que deleita o coração

N'uma noite de luar.

São versos copeados textualmente d'um impresso em papel amarello, cujo auctor foi meu condiscipulo em latim e contemporaneo na Universidade, n'esse tempo um poeta inspirado como vêem, e hoje juriseconsulto de mão cheia, auctor eximio da *Theoria das provas*, obra momentosa e de muito peso... nas estantes dos livreiros. Vieram aqui mesmo ao pintar em auxilio da minha chocha prosa. E sirvo-me d'elles sem escrupulo, apesar de saber que é uma invasão á propriedade litteraria, porque tenho o auctor por bom rapaz e meu amigo, e desde já lhe dou licença para transcrever tambem todos os meus versos, *se eu algum dia os fizer*.

Toda essa noite foi um vivo inferno para o Carocha. Muitas horas levou em amoroso extasis, representando-se na phantasia aquellas fórmas angelicas, aquelle sorriso tão fagueiro, aquelles dois cabellinhos de sedução. Era nessa hora um verdadeiro poeta, se poesia não quer dizer senão— enlevo doberoso—, como opina Camillo Castello-Branco. As estrellas fitava-as e não as via, que os olhos rasos d'agua pendiam para a terra, onde lhe era encadeado o coração. Mas encadeado como Prometheu no Caucaso, com um abutre negro a chuchar-lhe as fibras. O abutre era o amor. Comparação nova e feia. Deixa-la ser que é minha e não me fica bem engeital-a j' agora.

Pela volta da meia noite o somno venceu o

amor. Não admira. Foi um deus que venceu outro. E dormiu como um prelado até alto dia seguinte. Quiz-se levantar da cama com a presteza com que se levantára da rua, mas achou que não era uma coisa tão facil como a outra. As pedras, se lhe não tinham posto os ossos num feixe, tinham-lhe posto a carne em salada.

Sempre a final se levantou, é verdade, mas custou-lhe duas caretas, dois gemidos, e o chegar tarde ao banho. Como lhe pagará a Mariquinhas tanto soffrer !?

Eu lhes digo.

Quando Antão vinha entrando na praia ia ella a entrar na barraca depois do banho. Enxergou-o de relance, e foi espreital-o de vagar por uma fisga da lona. Viu-o discorrer sem tino pela praia toda, passar as mãos pela testa muita vez, uma outra tambem apumar as costas derreadas, e deixar-se cabir em fim num tamborete de pinho.

Entretanto enxugou-se e mudou de fato.

Espreitou a occasião em que elle olhava para outra parte, e escapou-se para o ar livre.

De costas como estava, estremeceu Antão: tinha-lhe advinhado a presença sem a intercepção da lona. Que é engano cuidar ninguem que só com os olhos da cara vê quem ama. Quem ama tem olhos em toda a parte.

Elle ergueu-se e cõrou, ella olhou para o mar e fingiu não tel-o visto. O coração bateu-lhe mais forte um quasi nada; mas não sei dizer se por vaidade de se conhecer procurada, se por outro sentimento menos egoista e mais macio. E' coisa que as mesmas mulheres raro differencam em sua alma, por onde muita vez se enganam a si ou enganam os outros.

Tudo á falta de não estudarem as mulheres psychologia.

De Antão não pensava ella que o amasse, mas o certo é que tinha-se lembrado de o encontrar e folgado quando o encontrou.

Para tentar-lhe, ou antes tentar-lhe a dedicação, e em certo modo adquirir evidencia do effeito que produzia naquelle homem, deu volta como de quem se dispunha a ir-se embora, e caminhou uns dez ou doze passos. Parou de repente, e virou-se. Viu. Antão acompanhava-a a distancia razoavel. Chegou-lhe a sua vez de corar, talvez de zanga por ter sido surprehendida. Ha disso ás vezes. E outra coisa ainda mais notavel. Ficou aborrecendo o pobre coitado, mas com vontade de ver onde iria parar aquelle episodio.

Partiu na certeza de que a seguiam. A breve passos correteou-lhe da mão um lenço de cambraia rendada.

Antão ergueu os olhos ao ceu, e apanhou o lenço. Aquillo foi agua-ardente entornada no incendio, e subiu aos ares chamareda immensa

quando elle desdobrou o lenço, e no chão cahiu este bilhete em papel cartão:

«Maria Angelica das Dores.»

— Ah! — suspirou o Carocha — angelica é ella com certeza; as dores... essas são para mim!

E aqui lhe veio um bom pensamento. Parou, esperou, e quando no horizonte se escondeu a sua estrella, retomou a trilha de seus passos e foi curar as costas com um banho de salmoeira.

(Continúa)

J. SIMOES FERREIRA

SONETO

Dá-me ao rosto, minh'alma, essa apparencia
Que mostra vida e luz onde ha só trevas;
Se em dourado sonhar já não te enlevas
Não reveles abysmos da existencia.

Evocando as memorias da innocencia
Nas scenas do passado em vão te cevas;
Porque em azas de fogo assim te elevas
Tu, que sentes do mal a torva essencia?

Soffrendo, esconde, pois, a dor intensa.
Qual guarda o eremita em funda gruta
As reliquias da cruz em que só pensa.

Se viver é luctar, tambem da lucta
Mais firme porventura surge a crença
Restaurando o porvit que em sombras nuta!

Julho de 1862.

LUIZ CARLOS.

UMA PAGINA

(Continuação)

Já houve, quem affirmasse, que a verdadeira amizade se encontra no caminho da vida, como a palmeira no deserto. É assim. A amizade tal, como deve sêr, a intima alliança de duas almas, a candida sympathia de dois corações acha-se raras vezes. Os Pilades e Orestes já não pertencem a este seculo. Os Nizos e Eurialos desapareceram ao contacto da corrupção contagiosa, que corre desassomburada por todas as camadas sociaes. É summamente difficil encontrar-se uma alma candida e pura, que, contemplando attenta o vasto mar dos interesses e egoismo, espelhamento da sociedade actual, se não deixe levar pela *onda progressiva* dos cynicos e dos descrentes, que com o riso d'es-

carneo a contrair-lhe os cantos da bôcca motejam dos affectos mais sanctos do coração humano!..

Alberto, porém, conhecia-me de perto. Eramos amigos no singelo sentido da palavra.

— Diz-me, perguntou elle, conheces Adelaide... ?

— Perfeitamente.

— E não sabes o lugar, que ella occupa no coração d'este teu amigo ?

— Quem ? Adelaide ?!

— Sim : parecez-me tão admirado !

— E não queres, que me admire, e até mesmo me maravilhe ? Quando julgava ouvir de teus labios o nome de Ermelinda...

— Oh ! por Deus não pronuncies o nome d'essa mulher ; preciso esquecê-la, como o renegado procura esquecer a religião, que abandonnou ; como o proscripto procura esquecer a patria, que o viu nascer, os braços, que o embalaram no berço, os queixumes e languidos olhares da amante, que lhe apparece em sonhos a sorrir maguas e saudades.

— Mas essa transformação rapida...

— Não te admirarias, se conhecesses bem o caracter de Ermelinda.

« A sua existencia é uma cadeia de continuos caprichos !. Amei-a deveras, amei-a com delirio. Olha, queres saber esta pagina da minha vida intima, a alteração, que se operou em meus sentimentos, quando conheci esta mulher ?

« Até aos meus vinte annos os dias corrião-me suaves e bonançosos, como os de dois estre-mecidos amantes, depois de dez annos de suspiros, na primavera do consorcio. Porém a natureza com todas as suas grandezas, a flôr com o seu perfume, a ave com o seu gorgeio, o céu com as suas estrellas, e o mar com as suas ondas de prata eram harmonias perdidas para a minha alma. E o que desejava eu n'esta quadra feliz da minha vida ? Queria que a civilização me levasse commoda e rapidamente n'um Wagon do caminho de ferro ; me fizesse beber o genuino chá da China, e o café do Oriente na sumptuosa porcelana de Sevres, ou da Saxonia ; me desse um somno reparador entre lenções da Irlanda, apresentando me antes o prezumpo da Virginia, os vinhos de Bourdeaux e da Madeira, e os licôres deliciosos da Italia. O meu corpo extasiava-se entre os variados deleites do conforto, e o meu espirito, apesar das suas peculiares ambições em procurar as commoções que a arte provoca, resignava-se bem ao repouso a que estava condemnado. Ria-me dos poetas, que contavam as suas commoções em face da natureza, e dos seus intimos desejos ; que se extasiavam diante do calix da flôr pendido para a terra ; do desabrochar da roza orvalhada pelos prantos da aurora ; do

murmurio do regato por entre os brancos seixinhos ; do scintillar das estrellas, que doidejavam no reflexo encantado da lua, que tornava um cintilante de saphiras rutilantes o rio aonde mostrava a pallidez de sua face ; deante dos flocos de neve, dos arminhos, e do cacho dos lyrios... ; porque tudo isto para mim, eram nuvens, que andavam perdidas nos plainos do ceu, que elles assim baptisavam com os mais maviosos e dôces nomes, e interpellavam com os seus ternos queixumes.

(Continúa)

M. N. A. COUTINHO.

O MORIBUNDO

Da vida vou findar o meu degedo,
E não mais te verei, sonhado amor !
E deixo-te sosinha aqui tam cedo,
Sem ao menos contar-te a minha dor !

E morro sem o abraço da partida
Longe de ti, pombinha, que eu amei !..
E vou-me, sem te vêr, cá desta vida,
Trilhar novos caminhos, que eu não sei...

A morte não vem longe ; que eu bem vejo
O termino fatal do meu viver.
E morro sem siquer um leve bejo
Levar de cá, por premio ao meu soffrer !

Podesse ao menos vêr-te juncto ao leito...
Dizer-te o, que este amor por ti me diz !..
Podesse ainda unir-te neste peito...
Depois... oh ! Ceus ! morria tam feliz !

SIMÕES DIAS.

INFELIZ POR CAPRICHIO

I

Muita gente se lembra ainda do sr. Felisberto Manuel Carneiro, o fidalgo da quinta da Cruz-quebrada. É provavel que nenhum dos meus leitores ouvisse fallar deste homem, que representa um papel importante na historia que vou contar, por isso dir-lhe hei tudo que sei a seu respeito.

Era o fidalgo d'um caracter colerico, que sabia refrear muito á sua vontade com pessoas, que lhe eram superiores, ou de quem dependia, mas que aos inferiores se mostrava tal qual era, soberbo e despeitoso.

Descendente d'uma familia, possuidora apenas da quinta que lhe dava o nome, e que pre-

feria viver na miseria a trabalhar, herdára d'ella o pobre patrimonio e asidéas, e pertendia contestar por uma apparencia faustosa os boatos que corriam a respeito da sua fortuna.

Em 18. habitava Coimbra com a sua filha unica, mulher de formosura vulgar.

Frequentava a casa do fidalgo a flor da sociedade conimbricense, que vinha em chusma prestar homenagem a Eufemia. Mas havia entre os adoradores de sua filha deus que o fidalgo notara pela assiduidade de sua visitas. Dos dois aquelle, que mais captivava as attentões d'Eufemia fôra Possidonio Borges Martins, que, embora fosse apenas bastardo d'um fidalgo, tinha uns ares de fidalguia, que lhe faziam realçar os meneios pertenciosos.

Se a causa das paixões fosse causa que se explicasse, certamente não escreveria esta historia por não achar explicação plausivel da paixão que pouco a pouco se formou no coração d'Eufemia por Possidonio.

Não via por bons olhos o fidalgo a frieza com que Eufemia recebia o outro mancebo, em quem phantasiava um bello genro; e, por isso tratou d'impedir que as visitas de Possidonio se amiassem e que a sympathia que elle parecia ter inspirado á filha se não transformasse n'outro sentimento, mudando-se para a sua quinta da Cruz-quebrada, pouco distante de Coimbra.

Estavam pae e filha havia quinze dias na quinta, e já o primeiro julgava estar livre para sempre de Possidonio Martins e a segunda ter sido esquecida por aquelle de quem era todo o seu coração, quando uma tarde elle despertou os cães da Cruz-quebrada, tocando ruidosamente a sineta do portão.

Andava á caça, segundo o seu costume, o fidalgo com o creado e mordomo e tinham-se desviado para o outro extremo da quinta, em quanto Eufemia viera colher flores a um prado proximo do portão. Echoaram-lhe n'alma as badaladas da sineta; e machinalmente foi abrir o portão. Saltou do cavallo, em que ia montado, Possidonio e se não se lançou aos pés d'Eufemia foi porque observara que a relva estava humida.

Desfizeram-se em prôtestos d'amor e n'isto ficariam até á noite se os não viesse interromper o fidalgo, que voltava da caçada.

Balbuçou Possidonio um comprimento e disse em seguida que viera saber da saude de Sua Ex.^a e da sr.^a D. Eufemia.

Acolheu-o o fidalgo com uma frieza, que não ia longe da descortezia.

Possidonio ficou desorientado; e, pedindo-lhe as suas ordens, retomou o caminho da cidade.

— É quasi noite, disse o fidalgo apenas se achou a sós com a filha. Vamos para caza.

Seguiu Eufemia silenciosa, temendo que che-

gados a caza, o pae lhe dirigisse algumas reprehensões, mas, contra a sua expectativa, este apenas ali entrou, deixou-se cahir n'uma poltrona e murmurou com desalento:

— Só uma perdiz! Matei só uma perdiz!

(Continúa)

A. COELHO.

A. Ex...

Vi-te quando minh'alma em desespero

Arrojava sem dó crencas e amor

Quando um aspecto severo

Me mostravam os ceus, o valle, o monte

E não achava em todo o horisonte

Senão as leis da dôr, da eterna dôr.

Vi-te quando no manto recamado,

Que a noite estende pela terra e mar

O astro mais amado

Se enluctava com a nuvem agoureira;

E quando a lua outr'ora tão fagueira

Me par'cia imitar

Do soberbo desdem pela miseria

Ou do sepulchro a lampada funerea.

E tu rajaste, estrella, no meu céu

E da desgraça dissipaste o véo.

Elevaste minh' alma a infindo goso,

Deixa-me alçar um throno á tua imagem

E nas azas te irá da doce aragem

Esta palavra sempre: «Eu sou ditoso!»

A. L. S. V.

Ha cinco annos

(FRAGMENTO)

O navio largou as amplas vellas ao vento e a terra foi fugindo pouco e pouco, tornando-se um ponto negro lá no horizonte. Encostado na amurada, entretinha-me em ver as ondas desfazerem-se em espuma contra a prôa do baixel veloz, que me levava para terras estranhas, triste e só. Sentia um prazer suave em ver misturarem-se algumas lagrimas com as vagas, que se dirigiam para aquellas praias, que tão saudoso deixava pela primeira vez; e ali á tarde, ao pôr do sol, quantas horas não passava, scismando no minha terra, que tão bella era, quando os ultimos raios lhe doiravam as cumeadas dos montes e as comas das cazinhas da serra!

Então recordava mil venturas passadas, como se mais não devessem voltar e eu chorei! Cho-

rava como depois, deixando essa mulher, em quem mal sonhava eu tanta maldade!

Se uma lagrima basta á expurgação de uma culpa, a quatro e quatro me tem regado ellas a face, de arrependimento!

Nessa grande cidade, entre o tumultuar de um povo immenso, achei uma mulher que, julguei, poderia comprehender me. Dei-lhe o coração, a alma, tornei-me escravo d'ella.

Mimosa como a violeta do valle a quem um debil raio de sol faz pender offendida, bella como sonhei mil vezes o meu anjo tutelar, parecia que os sentimentos que abrigava no peito se lhe reflectiam no rosto, em toda aquella candura, n'aquelle sorriso, enlevo do meu ser.

Uma noute, noute de eterna saudade, olhava eu o firmamento em que as estrellas mal se distinguam, offuscadas pelo brilho da lua; lembrei-me do ceu da minha terra e que em breve teria de regressar. Uma dôr profunda veio ennevoar-me a frente e ella soube conhecer a causa da magua a que era alheia! Encostou a face á minha e eu cuidei que um ferro em braza m'a devorava, e o peito d'ella unio-se ao meu que mal continha o pulsar do coração e disse tão baixinho que nem a brisa ouvira: « Não desespere! »

Então cortei-lhe uma trança dos cabellos d'oiro, ella sorriu-se, beijei os como se quizera imprimir-lhes o signal dos meus labios, e ella sorriu ainda. Quiz depois dar-lhe um osculo na face virginal, mas uma força occulta impediu-me não poude!

.....
E não era mais do que uma estatua! sonhei um anjo e só tinha uma mulher ao meu lado, uma mulher como todas, fria e sem alma, como o marmore!

Ah! se uma lagrima basta á expurgação d'uma culpa, a quatro e quatro me tem regado ellas a face, de arrependimento.

M. C. FERRAZ DE NORONHA.

SEU NOME

(Na Fonte das Lagrimas)

Eis-me só; a natureza
Falla só em torno a mim;
Falla-me o canto das aves,
E esses perfumes suaves
Que a brisa traz do jardim;
Falla-me a fonte que corre
Em crystaes a borbulhar;
Falla a frescura dos ares,
E estes cedros seculares
Levemente a sussurrar,
Porque o zephyro entre as folhas
Vem travesso duidejar;
E os toucados nevoentos
Que envolvem montes e ceus;
E esta relva... e as florinhas,
Que tudo falla de Deus!

Não fallam homens; mas falla,
Falla na sua mudez
Essa fonte que recorda
Os tristes fados de Ignez.
Aqui não fallam meus labios;
Mas falla-me o coração,
Que me segreda no peito
Um só nome... que mais não,
Mas um nome que me é caro,
Que é toda a minha paixão;
Que entre os desgostos da vida
Como um pharol me reluz;
Um nome todo meiguice,
Que no som nunca desdisse
A doçura que traduz.

18...

A. A. F. P.

OS LUSIADAS E O ORIENTE

OU

Breve confrontação entre estes dois Poemas.

E' triste condicção dos pintores de quadros de ventura não poderem elles deter-se largo espaço e alargarem a obra em combinados matizes de felicidade. Para debuxar tristezas, e negras cores é que mais pende o humano espirito, quer seja de lhe sairem do intimo as sombras, quer se tema de que o leitor se descompraza nas descripções d'uma duradoura felicidade.

C. CASTELLO-BRANCO.

Ao confrontar os dois Poemas portuguezes *Lusiadas* e *Oriente*, bem conhecemos não ter cabedal de sabedoria para o fazer como ser devia, nem tão pouco paia poder dar devidamente o merecimento a qualquer d'elles: levou-nos a isto não animozidade ou opinião partidaria; mas sim (tendo pouco antes lido os *Lusiadas*) notar ao ler o *Oriente*, que elle não era tão original como o seu auctor diz, e que muitas couzas que J. Agostinho de Macedo diz no *Djcurso Preliminar*, analysando os *Lusiadas*, não serem originaes de Luiz de Camões, vêem alli, senão textualmente copiadas, ao menos imitadas.

Na verdade nunca supozemos que J. Agostinho de Macedo, tendo exprobado tão cruelmente a Camões o ter se servido de materia alheia para compor o seu Poema, chegando até a dizer que toda a fabula d'elle era cirzida de pedaços alheios, que o bom que nos Lusíadas havia era extranho ao seu auctor, e a chamar-lhe servil traductor, tivesse a pouca cautella de não só se servir de materia também alheia para compor o Oriente; mas até de reproduzir n'elle o que, diz, Camões imitou e copiou.

J. Agostinho de Macedo diz no seu Discurso Preliminar a paginas 58: « Não sei, na verdade, que nome dê a este invencível furor d'imitar, que se descobre até nos maiores Poetas; não só imitam ou transcrevem em grande, mas descem ao parcial e ao pequeno com a imitação: o mesmo Virgilio, formado o seu Poema de 12 Livros, os 6 primeiros são fundidos nos moldes da Odysseia e os 6 ultimos nos da Iliada etc. etc. » Ora, visto isto, segue-se que todos os Poetas imitam os outros seus antepassados, e é tão difficultoso (se é possível) fazer um Poema original, que J. Agostinho de Macedo analysando, segundo diz, os Lusíadas para não cabir nos erros em que cahira Camões, não lhe foi isso possível.

Longe de nós o pensamento de taxarmos por isso J. Agostinho de Macedo de pouco sabio: antes pelo contrario o considerámos como um grande talento, e se assim não fosse, não emprehenderia elle tão arduo trabalho, qual o de compor um Poema Epico; só sim o crimina-mos por negar aos Lusíadas de Camões originalidade quando o seu Oriente também a não possui.

Pela seguinte confrontação se verá que J. A. de Macedo não foi sómente buscar a estrangeiros com que compôr o seu Poema; mas também despojou Camões em alguns lugares.

Dividiremos este pequeno escripto em duas partes, e mostraremos na primeira aquillo em que Macedo imitou Camões, e na segunda analysaremos o seu Discurso Preliminar, na parte que diz respeito á Analyse que faz das Lusíadas, e sobre elle faremos algumas observações.

PRIMEIRA PARTE

MACEDO IMITANDO CAMÕES

I

Imitação de maior vulto.

CONFRONTAÇÃO 1.^a

Camões — Faz que Bacho tenha um soliloquio de indignação pela affronta que ia receber dos portuguezes com a descoberta da India.

Lusíadas — Canto 1.^o Est. 74 a 76.

Macedo — Faz que satanaz tenha também um soliloquio pensando na mesma affronta.

Oriente — Canto 3.^o Est. 6 a 14.

— EXAME —

Tanto nos Lusíadas como no Oriente ha soliloquios nos personagens contrarios á empreza.

CONFRONTAÇÃO 2.^a

Camões — Tendo os portuguezes aportado primeiramente á Ilha de Moçambique, os habitantes da illa eram gentios, logo que o governador d'ella soube que eram Christãos lhe concebeu um odio mortal: quer allí aniquillal-os, porém a vigilancia de Vasco da Gama lh'o não permite, e hombardeia a povoação. Commette pazes o Mouro ao que parece, arrependido, com o sentido assolapado de lhe metter nas naos um Piloto que o entregue em um porto visinho, para este fim avizado. Recebem os nossos o Piloto que os quer metter no tal porto visinho; porém Venus aparta a frota d'elle com ventos contrarios. O Mouro que vê seus designios frustrados os mette na ilha e cidade de Mombaça. Sendo os portuguezes aqui ameaçados onde o Rei os tinha acolhido bem (para melhor os enganar) Venus sobe ao Ceu e allí falla a Jupiter em favor d'elles. Jupiter lhe promete protecção, e lhe diz muitas couzas que os portuguezes haviam obrar de futuro no Oriente. Manda em seguida a Mercúrio, que vá preparar em Melinde um porto seguro onde os portuguezes se recolham, e avizar ao Gama que se parta para lá. Mercúrio depois de ter ido a Melinde com a fama apregoar o illustre feito dos portuguezes, vem á frota e ali n'um sonho participa ao Gama o grande perigo que n'aquelle porto corriam, e que logo se fosse para Melinde onde acharia um porto seguro, e tudo o que desejasse.

Lusíadas — Canto 2.^o até Est. 63.

(Continúa)

A. M. C.

Charada

- | | | | | |
|----------|---|--|---|---|
| Imitação | { | Ninguém lhe escapa no mundo | } | 2 |
| | | Seja plebeu, seja nobre; | | |
| | | Tanto fere o homem rico
Como fere o homem pobre. | | |
| Original | { | Fere a alma a quem a tem | } | 2 |
| | | Fere o corpo em quem recai. | | |
| | | Para o todo enfim-lhe achar
Em grossa porta buscai. | | |

L. C.



A NOITE

É tão suave ess'hora,
Em que nos foge o dia,
E em que suscita a lua
Das ondas a ardentia.

A HERCULANO.

Eu amo a noite ! Quando o sol dardeja
Em froxos rayos seu final clarão,
Despreza a mente na amplidão adeja,
Nas brancas azas d'immortal condão !

Eu amo a noite ! porque em sonhos bellos
Embalá a alma com suave luz,
E eu amo os sonhos ! porque são anhelos
Que nos elevam a buscar Jezus !

Eu amo as trevas ! porque a luz acorda
Dos sonhos d'alma no viver real.
É triste a vida se nos vibra a corda,
Que triste falla d'uma dôr fatal !.

Eu amo a noite ! porque tem mysterios
Que assaz me fallam d'um futuro vir,
Presagios tristes amo em cemiterios
A horas mortas com socego ouvir.

Eu amo a noite ! porque os veus da alma
Co'as sombras descem, quando a noite vem,
Se a luz que encerra minha dor acalma,
Me enlucta e cega cô o fu gor que tem.

Eu amo a triste, socegada, amena,
Calada e erma do menor rumor :
Se vem a briza a cicizar serena
Ligeira passe, balbuçando a flor !

Assim eu amo-a ! e em silencio mudo
Horas e horas a vel'ar a sós,
Esqueço a vida e esse mundo e tudo,
Senhor ! na terra lembro apenas vós.

Lodeiro 27 de Novembro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

ANJO E MULHER

Capitulo 2.

...aos affectos mortos, as lagrimas não os reverdecem ; o calor dos suspiros não abre os olhos, nem anima o peito que seccou a aridez do sepulchro.

R. DA SILVA. *Ódio velho não cança.*

Decorridos alguns instantes, o cavalleiro que subia a encosta parou á porta da casa e apeou-se, depois de ter saudado graciosamente Angelina !

— Como está hoje ? disse elle. Ainda continua a soffrer ?

— Meu Deus ! que mudança ! como elle me trata ! murmurou consigo a joven.

E um doloroso aperto de coração não lhe permittiu fallar.

Tendo entrado, o mancebo, que não era outro senão Jorge, dirigiu-se a Angelina, e, depois de alguns cumprimentos banaes sobre a sua belleza, perguntou-lhe aonde estava sua irmã.

— Izaura, respondeu Angelina, depois de alguma excitação, estava ha pouco aqui e creio que foi passear para o jardim.

— E porque não foi tambem, minha amiga ? parece-me que este ar puro da tarde e um pequeno passeio lhe haviam de fazer bem á saude !

Havia certo interesse n'estas palavras e uma especie de commoção na voz que as proferia que contudo estava completamente exempta de amor ; era antes estima e compaixão que ellas revelavam !

Angelina não se illudiu com a sua verdadeira expressão ; mas, fazendo um esforço, sobre si mesma, proferiu :

— Vou chamar minha thia e minha irmã ; mas primeiro, Jorge, diga-me uma couza. Porque não tem vindo ? Que mal lhe fizemos nós ? Acaso é menos nosso amigo ? Diga, Jorge, e perdôe-me esta desconfiança ; acho-o tão diferente do que era, quando...

— Quando que ? interrogou o mancebo, com certa inquietação.

— Nada, nada ! ia a dizer uma coisa que talvez me não perdoasse ! Então que quer ? ! estes dias tenho soffrido tanto !...

E a donzella ao mesmo tempo deixou pender a fronte ; e, offerecendo uma flor a Jorge, proferiu estas palavras :

— Aceite esta saudade que foi colhida no primeiro dia em que faltou !... um fatal presentimento me dizia que não havia de ser o ultimo..

— Angelina, Angelina ! não falle, assim ! exclamou o mancebo, juntando as mãos

Mas ainda d'esta vez as suas palavras não tinham as inflexões ternas do amor, nem da desesperação; era como o grito do remorso! mas illudiram a pobre menina, que, achegando-se mais a elle, e tomando lhe a mão, exclamou com transporte:

— Jorge, Jorge! bem sei que não és ingrato, mas, diz-me, porque motivo não tens vindo ha já tantos dias?!

— Ora, bem sabe que a morte de meu pai me trouxe muitos cuidados, que até ahí não tinha; e que, deixando os seus negocios em máu estado, ás vezes me vejo sem um instante de ocio. Aquella maldicta demanda rouba-me todo o tempo.

Angelina pareceu convencida, mas outra duvida ainda lhe suggeriu o seu espirito, e ella observou:

— Mas, porque me não trataes como d'antes?

— Porque d'antes eramos crianças, e hoje receio offendel-a, tratando-a com demasiada liberdade.

— São subterfugios, meu amigo.

N'este momento, Izaura entrou; e, dirigindo-se a Jorge com a mais bem fingida ignorancia, exclamou:

— Oh! lá! o senhor Jorge por aqui?! Que novidade foi esta?

O mancebo levantou-se com certa precipitação, que não poude dissimular, e comprimontou Izaura, apertando-lhe cordealmente a mão.

Angelina a um canto observava-a.

— Olha, disse Izaura, chegando-se a ella, trazia esta roza para ti, mas, como aqui está o senhor Jorge, supponho que terás mais gosto em que lh'a offereça.

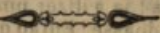
— Não, não! disse Angelina, dá-m'a antes a mim!

Porém era já tarde; a roza tinha passado em um instante da mão de Izaura para a do mancebo, que a comprimiu contra o coração por um movimento expontaneo e inconsiderado.

Poucas horas depois, a flor que lhe tinha dado Angelina jazia pelo chão, dispersa folha a folha; e a roza de Izaura pendia viçosa do lado esquerdo do casaco de Jorge.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.



A B.

Vôa, meu estro, n'essas plagas bellas,
Que tão singellas acordar me vem.

Vôa, meu estro, n'esse mundo aereo,
Divino, ethereo, que minh'alma tem!

Accende o peito dôce, brandamente
E abraça a mente de celeste amor.

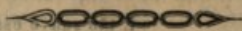
Se d'este mundo minha esp'rança vôa,
Ai! só echôa pelo espaço a dor!

Oh! foi a virgem que abraçou meu peito.
Só me deleito no que então sonhei!
Tu só, meu estro, em mil arroubos d'anjo,
Serás archanjo d'esse amor que dei.

Vôa, meu estro, n'essas plagas bellas,
Que tão singellas acordar me vem.
Vôa, meu estro, n'esse mundo aereo,
Divino, ethereo, que minh'alma tem!

1862.

ALFREDO ELYSIO



QUEIXUNES

(No Penedo da Saudade)

Por este vasto horizonte

Vão-se os olhos dilatando;

Percorrem de monte a monte

Os olivedos de frente,

E o Mondego deslisando

Pelo seu leito de areia.

A vista aqui se recreia,

E dilata o coração;

Aqui se aviva a saudade,

Aqui se l'mbra outra idade,

Outros tempos que la vão.

Aqui sentidas endeixas

Solta o moço enamorado,

Aqui, triste e magoado,

Vem confiar suas queixas

Aos tristes echos d'além;

E as ternas queixas que exhala

Os echos dizem tambem;

Por que tudo aqui lhe falla

Ao amor que n'alma tem.

Mas eu não; porque receio

Que o echo seja infiel,

E o que guardo no meu seio

Q'vã, traidor e cruel,

Aos extranhos recontar;

Porque o echo é chocalheiro,

E repete por inteiro

Tudo... tudo... sem falhar.

É por isso que não digo;

Reservo tudo comigo

No fundo do coração,

Desgostos, penas, ciume,

De dores todo o cardume,

Todo o peso da afflicção...

18...

A. A. F. F.

OS DOIS CABELLOS

(Continuação.)

O que agora vinha muito a geito era o dizer qual foi o bom pensamento que poude ser concebido 'numa alma de carocha; mas não o faço e ca tenho as minhas razões. Deixo Antão a braços com as ceruleas aguas do atlantico, e vou-me no encalço da Mariquinhas. Não me supponham, ainda assim, namorado de seus encantos, que mais prézo a minha qualidade de homem serio, o que significa, homem que teme por amor das costas o cume alheio. E em prova da minha verdade, venham todos comigo e a vista lhes fará fé.

Maria Angelica vivia so em sua casa. So, não: com uma creada e um ga'lo. Era uma tapariga bonita, e garota como os demonios.

Entrou em casa a rir como uma perdida, atirou fóra o lenço da cabeça, soltou o cabelo sobre um penteador, mudou os pés das botinhas humidadas da areia, e recostou-se 'numa cadeira, exclamando:

— Que bello appetite me faz tudo isto! Ser-me o almoço, Carlota.

Nisto bateram levemente na porta.

— Está em casa, visiuha? — disse uma voz terna.

— Estou, visinho.

— Dá licença?

— Licença e almoço: vem em boa occasião. Abre a porta e põe duas chavenas, Carlota.

Entrou a visita, que era um, como os leitores sabem. E um rapazola chibante. Alto, desempenado, olhos grandes e expressivos, e um bigode negro e farto que fazia gosto.

Tinha todos os matadores para qualquer mulher, e a Mariquinhas não lhe resistia. Quando lhe elle apertou a mão estava ella como casca de malagueta. E o seio arfava-lhe tão docemente, e a voz tremia com tal feitico, e os olhos baixava-os com tanta graça, que só de imaginal-o se me está indo o coração.

E um dos grandes gosos de um homem o estar a ver estes pequenos effeitos que produz na mulher que ama.

— Já vejo que vim cedo; suppunha que já teria almoçado.

— Pois tão tarde é elle? Ind'agora chego do banho.

— Então foi hoje muito tarde.

— Não fui, vim. Sente se, e em quanto almoçamos tenho muito que lhe contar. Que horas são?

— Perto de onze.

— Ai, credo! Carlota, avia-te d'ahi.

Dêmos nome e posição ao novo figurão que aqui vem para a acção em prejuizo do sr. Antão.

Vicente Raposo era um moço de vinte e cinco annos que amava seriamente a Mariquinhas. Não tenho mais que dizer, nem é preciso. O nome ahi fica, e amor é uma posição, ou mais ainda disposição, como qualquer outra. É a mais importante.

Quem a tiver não procure outra, que não tem de achar mais nenhuma perola nos recantos tenebrosos da vida. Diz isso, pouco mais ou menos, V. Hugo, o auctor dos *Miseraveis*, e d'esse paradoxo, e de muitos outros paradoxos, que bem estudados, bem meditados, dão a final grandes verdades.

Vicente Raposo não é agora um nome simpático de todo, mas sempre é melhor do que Antão Carocha. Pois o proprietario fazia para o d'este tanta differença, como eu para Alexandre Magno.

O conquistador de Macedonia bem vejo que está aqui mettido á cunha; mas tambem assim está o Pilatos no credo, e muitos nomes de toda a gente em muitos escriptos que se vêem todos os dias. E auctores sabemos nós que d'ahi gacharam alteada reputação. Façam de conta que tambem eu vou armar á reputação com estes *dois cabellos*. Não me ficará muito segura, mas paciencia. Quem não tem o que deseja contenta-se com o que pode.

Entretanto está o almoço na mesa, e os nossos personagens comendo e cavaqueando.

— Vamos então la a saber — diz Vicente temperando a segunda chavena de chá — o que é que a minha querida visinha tem a contar-me.

— Ora! Já lh'o não digo.

— Pois tambem lhe não dou este coração.

— Mas eu furto-lh'o.

— E eu que lhe fazia?

— Dava-me outro.

— Pois experimente e verá.

— Para que, se o meu visinho m'o dá de boa vontade.

— Se me conta o que prometeu.

— Alto la, que não prometti coisa nenhuma.

Disse-lhe que tinha para contar, e não que havia de contar: faz differença.

— Está bom: fico mal com a visinha e não volto cá.

— Pois tão curioso é? Sempre quero ver isso, não lh'o digo.

— Ha de arrepender-se.

— Porquê?

— Por muitas razões. A primeira porque fica sem saber onde eu estive hontem á noite...

— Que me importa!

— Talvez importe. Era uma reunião onde havia meninas cor de rosa.

— Mal empregadas em não serem azues como as brisas do Lamartine! Divertiu-se? Que lhe preste. Tambem eu me diverti.

— Oh! mas eu diverti-me muito; e gosei que é mais do que divertir. Se a vizinha soubesse tudo...

— Nem quero saber. Já lhe disse que não me importa. E além disso tenho mais em quem pensar.

— Sim, vizinha? Os meus parabéns.

— Obrigada. Mas não lhe digo quem é.

— Que me importa! É a vizinha servida de mais chá?

— Agradeço.

— Diz isso tão seria...

— Que lhe importa?

— Gosto de a ver assim; está cada vez mais linda. Se soubesse como lhe ficam a maçar essas cores vivas, estava sempre como agora. Esse mesmo gesto de enfado, esse olhar de relampago, e no fim de tudo esse sorriso... Eu já esperava isso. No ceu do seu character não pode haver nuvem duradoira. Não me diz nada?

— Deixe-me.

— Está zangadita?

— Não sei.

— Vou-me embora.

— Tão cedo!

— Pois a vizinha está descontente comigo...

— Eu ainda não disse tal.

— Está bom, não saio.

— E eu em paga vou dizer-lhe tudo. Carlota, levanta isto d'aqui. Vamos sentar-nos noutra parte.

Dicto e feito. Passaram a uma outra casa, e em quanto a Mariquinhas foi passando o pente pelo cabello para enxugar melhor, cabello comprido, basto e finissimo, Vicente devorava-se de loucos desejos olhando-a e esperando.

— Já sabe que tenho um namoro? — principiou Maria Angelica, dando um meneio airoso á cabeça para espalhar o cabello.

— Não acredito.

— Faz muito bem; mas é verdade.

— *Namorar* é uma coisa ridicula, e a minha linda vizinha não é capaz de coisas ridiculas.

— Acha? Sempre lisongeiro! Nem eu disse que tal fazia. O visinho é que está fazendo supposições por sua conta. Eu não namoro, tenho um namoro, tenho quem me *faça a corte*. Entende agora?

— Maravilhosamente.

— Parece-me que o visinho entende melhor o francez do que o portuguez?

— Acontece a muita gente boa. Mas vamos ao ponto.

— Eu lhe digo.

E de certo diria, se não adivesse um estôrvo. Entrou a creada com uma carta.

— Letra desconhecida!.. exclamou a menina das Dores — ah! é *d'elle*. Lea.

— E se não fór?

— É, com certeza. Foi um palpite que me

não falha. Lea, lea, que deve ser bom. Que dirá?

Vicente Raposo tomou a carta, olhou-a, revirou-a, passou-a para a mão esquerda, e poz-se com a direita a afagar o bigode. Estava fechada por um sinete onde se viam dois corações passados por uma setta, e sobrepujados por uma coroa de laranjeira.

Abriu-a, e entrou a ler:

O bella flor do valle peregrina!

O mimo das subtiz brandas auras!

Inspiração das aves!

Almo ideal do genio!

Enamorado assomo do crepusculo!

Dos pensamentos meus és tabernaculo.

A ti, a ti sómente, o pulchra vi gem,

Primor da natureza, ó minha estrella,

Incensam meus desvellos,

Em ti sómente penso!

Tu és do meu viver vida da vida

Que sem ti para mim a vida é nada.

Em vez de assignatura trazia a data d'esse dia.

— Não se dá um modo mais innocente de fazer uma declaração: disse o ledor.

— E com que fragrancia de poezia!.. acrescentou a Mariquinhas. Eu já li isso n'outra parte. E' d'um poeta brasileiro, que se chama não sei como.

— E' exacto. Nem eu.

— Deixe-me ler a mim tambem. Ah! que lindo verso!

— Inspiração das aves! —

Ora aqui está a razão porque o homemzinhão escolheu a estrophe. Lembraram-lhe as gaivotas. São contos largos que logo lhe direi. Vamos adiante. Ca está outro:

— Enamorado assomo do crepusculo —

Foi ao sol-posto que me viu. Melhor:

— Tu és do meu viver vida da vida —

Que quer isto dizer, visinho?

— Não sei. Deve ser coisa muito fina, que se não vê.

— Tudo isto é delicioso. É homem de gosto o meu namoro.

— E um ladrão, se me dá licença. O que lhe vale a elle é que nisto de litteratura portuguezes e brasileiros podem furtar á vontade, que ninguém se importa com isso. Reproduzir obras alheias é augmentar a gloria do auctor.

— Agora sério. Este homem viu-me hontem, viu-me hoje, segue-me e persegue-me. Nem em minha casa me deixa descansada. É intoleravel.

— Elle conhecia-a de antes?

— Não, que eu saiba.

— Então quem lhe diria o seu nome?

Os olhos do perguntador ficam pregados no rosto da menina; a pergunta entrou-lhe no fundo d'alma.

Quem sabe se elle teria visto?

— Provavelmente viu-o escrito na areia — respondeu ella rindo e toda encarnada —: ou teria alguma *inspiração das aves*.

— Parece-me que nem uma coisa nem outra, visinha.

— Pois olhe que foi. Apanhou-o da areia.

Abaixou os olhos, sorriu, e calou-se Vicente.

— Foi hoje á praia, visinho? — perguntou ella de repente.

— Fui: — respondeu elle simplesmente.

Calaram-se ambos.

Maria Angelica só então comprehendeu que tinha commettido uma levandade. E arrependeu-se, e envergonhou-se de si mesma. O que tinha feito, que então lhe parecerá uma brincadeira sem consequencia, representava se-lhe agora uma coisa muito séria, que era necessario remediar de qualquer modo e de prompto.

Chegou uma cadeira e sentou-se ao pé de Vicente.

Depois olhou um instante para elle, que continuava cabisbaixo amarrotando a carta entre os dedos, e disse-lhe assim:

— Como ha de ser isto, visinho?

— Como a visinha quizer.

— Não me diga isso com esse modo que me afflige.

— Duvido.

— Duvida? Duvida de mim?

E tal foi a inflexão de voz com que disse isto, que Vicente ergueu a vista para ella.

Bailhavam-lhe nos olhos duas lagrimas como duas perolas, que rolaram pelas faces quando a encarou.

Vicente deu um ar de riso, e murmurou por entre os dentes:

— Lagrimas de crocodilo...

Romperam os soluços.

— Está com o estérico, visinha? Olhe que se faz feia com isso.

Elle continuava a chorar sem dizer nada. Escondeu a cara entre as mãos, e deixou-se ficar muito tempo.

Vicente estava gosando com tudo aquillo. Tinha-se dado o papel de tyrannete, porque gostava de a ver assim. Dizia elle que gostava das lagrimas das mulheres, como das trovoadas de maio. Passam rapidas e tudo fica mais gracioso.

Quando lhe pareceu bastante, que todo o goso tem um termo, ameigou a voz e disse:

— Ora vamos lá, o que passou não vale chorar-se, mas remediá-se. Sejamos amigos, e não ha mais nada. Amanha, na praia a visinha mostra-me o seu homem, e deixa o comigo. Quer assim?

— Mas não lhe faça mal, não?

— Não faço, descance. Agora saio.

— Obrigada por tudo, visinho. Adeus.

Maria Angelica já ficou alegre. O que nos faz tristes é a consciencia; acreditem.

(Continúa) J. SIMÕES FERREIRA

À Ex.^{ma} Sr.^a D. M. G.

Vão mansamente as aguas d'este rio
Correndo até seu fim... Tem fim ao menos
Estes espelhos d'agua tão serenos!

Mas eu, que ao céu envio
Constante prece porque enfim me aclare
Este mysterio que tortura a alma,

Heide ver tudo agora
Rir, viver e gosar em doce calma,
E eu, que soffro, soffrer sem acabar!

Pois soffra embora,
Ha de ter fim comosco o meu penar!
A luz, que a alma tem, minha senhora,

Se quando tenta a morte destruil-a,
E a desgraça que vem a prevenil-a,
Ha um olhar de mulher, que a reanime,

E com a celestial consolação,
Venha ungir o afflicto coração
Bem como o sol dá seiva á alga, ao vime,

Então, como a um incendio
O vento dá vigor, e ao longe estende-o,
Assim aquella luz surge brilhante
No peito de quem é profundo amante.

A. L. S. V.

UMA PAGINA

(Continuação)

Que me importava vê-los todos a saudar a sublime imagem, gerada nos devaneios de seu sentimento, poisada no horisonte com uma aureola de luz a iluminar-lhe a face linda, ou a saltitar, como as Sereias, nas azuladas aguas do lago ao apparecimento dos primeiros raios do sol? Se eram sombras, perdidas no ceu da poesia, mas vistas pelo olho interior no fumo do charuto, quando, recostados nos sophas, saboreavam a chavena de café oriental, como n'lo diz o segundo poeta da França!

Aqui tens a minha crença, quando conheci Ermelinda. Senti immediatamente uma nova vida, toda diversa, porque era do coração. N'aquella alvura, como de alabastro, ou de nuvem de perolas, envolta em luz, e na pallidez de sua phisionomia consubstanciou-se todo o meu sêr; parecia-me a encarnação viva da belleza, ou d'aquella phantastica visão, que aljófrada pelas transparentes gótas de orvalho da manhã se esboça na athmosfera por entre as neblinas da aurora.

Foi no baile do V., quando estava contemplando a grandeza e esplendor d'aquelles salões, que a vi toda pensativa, retirada do movimento d'aquella sociedade d'elite. Contemplei a absôto, porque me parecia estar vendo um dos personagens d'Ossian, ou uma d'aquellas ideias creaturas concebidas pela imaginação sublime de Shackspeare.

Surprehendido no meu extasis pelo V. fui-lhe apresentado para a walsa, que se seguia. Aquelles momentos, em que delirante, rapida e candida de enthusiasmo a vi com o seu collo de neve a arfar perto de meu peito, voaram rapidos, como o raio que se desprende das nuvens, tão grande era o meu enlevo!

Confessei-lhe o amor ardente, que sentia correr por todas as fibras do coração, e fui correspondido.

Passou-se um anno de mutua correspondencia, e de protestos d'um amor infinito, que vinculava as nossas almas, quando soube que acceitara o *rendez-vous* do Primo. Revellei-lhe este sentimento, que me lançava n'alma um martyrio cruel; lembrando-lhe as nossas juras, o nosso futuro de felicidade e ventura. E sabes a resposta que saiu de seus labios, com a face incendiada de rubôr? — «sou livre; e não dou a justificação do meu procedimento!» Tracta-me hoje com uma indifferença mortal!!!

Deus sabe, como a sua imagem vem ainda torturar-me o coração!.. Mas heide esquecer-l-a!

Mal vae ao homem, que não modela o sentimento pelos dictames da razão; e que n'esta existencia se deixa levar mansamente pelo influxo d'uma paixão!..

Tenho força bastante para calcar-o ao pé, fingindo sempre nos labios um sorriso de contentamento, embora o coração tenha libado a longos tragos o fel amargoso d'um martyrio cruel!..

Se descer-mos á analyse da mulher, ver-se-ha facilmente, que a sua organização delicada e sensivel precisa de amor, e sêr amada; e é n'isto, que se resume o encanto da sua vida, a alma dos seus pensamentos; e o idolo do seu coração. A força activa, que a domina toda, é principalmente o desejo de ser amada, e de contemplar em volta de si um numero sempre

crecente de admiradrces. Assim sente ella o espirito inundado d'este enebriante perfume, que lhe agrada e satisfaz a imaginação, o orgulho, a dignidade, e o egoismo innato do gosô e do imperio!.. Porém devo confessar, que para a maior parte d'ellas o amor é uma distracção, e um passatempo delicioso. N'este caso transforma se muitas vezes em necessidade. Na alta sociedade é quasi sempre assim. A mulher ahi precisa de ter adoradôres, como a terra precisa do sol, que a inunda de luz, como a planta precisa do carbono, que a alimenta, como o homem precisa do ar que respira, e como a flor do orvalho que lhe dá o frescôr, e o viço. Surgem então essas relações, que servem de lisongear-lhes a sua vaidade, e que sam mais uma ironia pungente, mais um escarneo atroz aos nobres sentimentos do coração!.. E ai do que lhes contrariar o seu viver!..

É o mar, como ellas! No principio sam ternas caricias, sonhos doirados, constancia eterna, beijos suaves! — é a vaga, que se espriguça limpida na areia, que lambe com feiteiro murmuro o rochedo e a praia! —: mais tarde é o orgulho, o desprezo, e a cholera! — é a onda, que se ergue gigantesca, que rebenta altiva, que se despedaça indomavel contra a terra, que a comprime!..

(Continúa)

M. N. A. COUTINHO.

SALSADA POETICA

Sou poeta! Bella prenda
Para um rapaz de bom gosto!
Hei de cantar ao sol posto
Como canta o rouxinol!
Com tanto que ó dote renda
Prometto a qualquer donzella
De lhe chamar minha estrella,
Da minha vida o pharol!

Filha do sol e da lua
Creada no seu regaço,
Fada colhida n'um laço
Armado por meu amor!
Que junto á pureza sua
Terá no rosto a candura
Os olhos de cor escura
Cabellos da mesma côr

As faces de rosa e leite
Juntará dentes de jaspe
— Qu'inda que o brilho se raspe
Serão sempre de marfim!
A boca, p'ra mais enfeite

Será bonita e pequena
Com mais um rasgo de penna
Terá labios de carmim.

Heide vestil-a de branco
Aperlal-a d'aseviche
Quero que a musa capriche
No calçar do lindo pé!
Seja çapato ou tamanco
Hade ser de hom duraque
Usará de merinaque
P'ra não perder de quem é.

Além de rica e formosa
Saberá tocar piano,
Ha de cantar de soprano
Nos bailes de seu papá!
Será muito espirituosa
Quer na sala, quer á mesa
Ha de fallar com pureza
Do Francez o patois!

Amiga do romantismo
Por matar certo desejo
Sahirá da foz do Tejo
Uma noite a bordejar.
Rirá das furias do abysmo,
E do mar entregue aos nubes
Lerá do Bardo os Ciumes
Á froxa luz do luar.

Quebra o leme! Oh sorte ruda
Que será do pobre esquife!
Ergue a cabeça um Recife
Já da prôa pouco alem!
Virgem santa nos acuda
P'ra que o barco a terra abique
Que vamos aqui a pique
Sem que nos valha ninguém!

Em quanto que chora o çujo
Marinheiro a triste sina
Canta animosa a menina
No meio da cerração.
Triste vña a d'um marujo
Qual d'ellas a mais cansada
Que pela triste soldada
Passa tormentos.
Dão! Dão!

Mas a fallar a verdade
Inda tormentos mais duros
Soffro eu, que em taes apuros
Não sei quem n'hade acudir!
De que me vale a vontade
Se me falere o talento!
Se desta me vejo exempto
N'outra não torno a cahir!

Quanto não erão felizes

Os nossos velhos poetas
Que tinham nove muletas
Para taes occasiões!
Agora, quebra os narizes
Qualquer dos vates da moda
Ou fica fora da roda
Quando se mette em funcções!

Mæl haja a moderna escolla
Que não consente a alejados
Quando por nossos peccados
Abundam mais do que os são,
Quantos dão tratos á bolla
P'ra rimar cheiro com péro
Que seriam mais que Homero
Se fossem vates pagãos!

Collegas! Chorai comigo
As ruinas do Parnaso!
Sobre o seu sepulchro razo
As lyras vamos quebrar!
Durmam no mesmo jazigo
Os seus cavacos despersos...
Digamos adeus aos versos
Vamos batatas cavar!

(Continúa)

SEVERINO D'AZEVEDO.

OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

Macedo — Faz que Satanaz (raivoso de não ter surtido effeito a tempestade com que queria sepultar no mar os portuguezes, e de que mais adiante fallaremos) faça apparecer no mar uma ilha, na qual, encantando os portuguezes com a vista d'ella, possa aniquillal-os. Os portuguezes enganados alli se introduzem, e o Infante D. Henrique, que via do Ceu o perigo que elles corriam pede a Deus soccorro para elles, o que alcançado, desce á armada, e alli n'um sonbo representa ao Gama o perigo em que estavam, e o persuade a apartar-se d'alli e a seguir viagem até Melinde, onde encontraria um porto seguro e um Rei sabio e prudente que lhe daria piloto para a descoberta da India.

Oriente — Canto 5.^o e 6.^o até ao fim d'este.

— EXAME —

Nos Lusíadas — Encontram os portuguezes em Mombaça um obstaculo á empreza.

No Oriente — Na ilha ideal que Satanaz fama aos portuguezes encontram elles um obstaculo tambem á empreza.

Nos Lusíadas — Venus que vê o perigo em que os portuguezes estavam, sobe ao Ceu e implora para elles a protecção de Jupiter.

No Oriente — D. Henrique que vê o perigo dos portuguezes pede a Deus protecção para elles.

Nos *Lusiadas* — Por ordem de Jupiter vai Mercurio n'um sonho dizer ao Gama que se parta d'alli para Melinde.

No Oriente — Por ordem de Deus desce D. Henrique á armada e n'um sonho diz ao Gama que logo saia d'alli para Melinde.

Parece-nos que tudo isto é uma imitação.

CONFRONTAÇÃO 3.ª

Camões — Faz que o Rei (*) peça ao Gama que lhe conte a historia de Portugal, e os perigos que passaram até chegar alli (na vizita que o mesmo Rei fez á Armada); ao que elle cede.

Lusiadas — Canto 2.º Est. 109 e seguintes.

Macedo — Em Melinde faz que o Rei peça ao Gama que lhe conte a Historia de Portugal, o que elle faz, acabado o banquete que o mesmo Rei lhe dá.

Oriente — Canto 8.º — Estancia 2.ª e seguintes

— RESUMO —

Nos *Lusiadas* — Ha pedido do Rei de Melinde ao Gama, quando lhe vai vizitar a Armada, de lhe contar a Historia de Portugal e os perigos que correram até alli.

No Oriente — Ha o pedido do Rei de Melinde ao Gama, depois de lhe dar o banquete, de lhe contar a Historia de Portugal.

Aqui ha duas differenças: uma é que o Rei de Melinde não pede ao Gama no Oriente lhe conte os perigos que passou na viagem; mas elles não ficam por contar, porque Macedo lh'os faz dizer; ainda que não tão mudamente como *Camões*, e a outra é que o Vasco da Gama de *Camões* conta ao Rei de Melinde a historia de Portugal quando elle vai ás naos, e o de *Macedo* conta-lh'a depois do banquete que elle lhe deu.

(*) de Melinde

(Continúa)

A. M. C.

AO ACTOR SIMÕES

Conquistas mil tropheus d'altiva gloria
No prelo do talento, actor sublime!
Nem ha genio immortal que não domine
Nas luctas d'esta vida transitoria.

Depois d'aqui fulgir, inda a memoria
Ao respeito dos tempos não se exime!
É luz, que abrilhantara mesmo um crime
Se pretendesse acaso honra illusoria.

Mas se é puro o clarão mais nos inflamma
Os jovens corações. Quem pode olhar-te,
Sem que sinta abrasal-o a mesma chamma?

«Logar ao genio pois» Em toda a parte
Onde souora chegue a voz da fama
Eis o *salve*, Simões, que deve dar-te!

LUIZ CARLOS

RECORDAÇÃO

Quando o prazer nos doura a vida e nos embala em suas voluptuosas azas, não nos lembramos dos dias de ventura ou dôr, porque a alma propensa ao esquecimento, só vive então pelo presente. Mas quando a saudade pungitiva se o peito soffre, nos rebenta do seio, a recordação das horas queridas torna-se então um vivo tormento. A brisa no seu perpassar nos recorda, se amamos, a falla mimosa da virgem, e se o vento ruge, lembrão nos as tormentas em que vivemos.

Assim eu tambem, gozei ventura e dôr! Momentos doces e amargos, mas que logo olvidava pela serie de sensações que me agitavam. Dias loucos foram esses que não voltarão; morta a crença que nos resta?! Menos que illusoria esperanza, que simelha a luz quasi extincta. Apoz doçuras de amor, vem os desenganos; e com elles o pezar.

Soffre-se por muitos annos, tendo-se a certeza de um porvir de felicidade; mas custa gozar mil delectes n'um momento, para depois seguir-se uma infinidade de penas. E' triste ouvir fallas de amor verdadeiro uma vez só na vida. Mas depois de tudo resta a lembrança, a recordação fagueira, que fazendo brotar insensível o pranto, nos adoça as amarguras.

E' ella apenas que me falla terna nas suas melodias; e o que me diz é bem grato; dá-me ainda esperanças e me guia no caminho da vida; porque da esperanza nasce o pranto, e o pranto lava com seu amargor os nossos tormentos, depois a flor reflorece, mais bem debilmente. Sem a recordação das horas de prazer ou dor, seriamos insensíveis a tudo.

11 de 12 de 62.

Charada

Agora resta a lembrança..... 1
Adverbio que se alcança..... 1
Vi-o só sem companhia,
E pretensão me dizia.



DEUS SEMPRE

Á Ex.^{ma} SNR.^a D. A. M. A.

Tenho desejos ardentes
Quaes lavas escandecentes
D'um volcão.
Imagens d'immensa gloria
Sonhos de louca victoria
Illusão !...

Fadada para o martyrio
Que importa que este delirio
No soffrer
Me destrua minha crença ? !
Quem pode triste sentença
Esquecer ? !

Soffro e a voz não levanto.
O animo não ousa tanto
N'esta dor !
Do peito não vêm um brado,
Que me seja bem fadado
Para amor !

Amor !.. palavra descrida,
Crença mais que fementida
Vão sonhar !
Vão sonhar que me embalaste
E que depois me deixaste
Sem amar !

Se em momentos de loucura
Poude crer n'essa ventura
Que é do ceu,
Veio cedo o desengano
Com seu halito profano
E venceu !

Hoje só tenho uma esp'rança,
Qual meiga luz de bonança
A surgir !
Da minha vida no termo
Hadê vel-a o peito enfermo
Lá sorrir.

Alem da morte ha a vida—
Alem da campa sumida
Ha um Deus !
Ha premio para a desdita
Ao transpôr da alma afflicta
Para os Ceus !!

HENRIQUETA ELYSA.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL.—N.º 4.

ANJO E MULHER

Capitulo 3.

Quanto sua alma penava
Só alma pode saber ;
Martyrios quantos passava
Eu não me atrevo a dizer.

GARRETT. Votos denodados.

Entretanto que as tres personagens d'esta scena conversam, daremos ao leitor um rapido esboço de cada uma em particular, e contar-lhe-hemos os promeneiros precedentes a este dia.

Jorge era um rapaz de 26 annos, de figura sympathica e um pouco distincta, que dava ideia de um character e intelligencia pouco vulgares.

Não succedia comtudo assim ; a intelligencia do mancebo era bastante limitada; porém seis annos de Coimbra tinham-lhe dado boas maneiras, certo desembaraço e bastantes conhecimentos, pela maior parte um tanto nocivos; mas estes sabia-os elle occultar sob a capa d'um romancismo perfeitamente simulado, e que mais o fazia distinguir.

Era finalmente um homem cheio de attractivos; e, como se não exemptava de certa hypocrisia, era quasi irresistivel.

Filho de um negociante de Braga, herdou d'elle uma soffrivel fortuna; e, como tinha só uma irmã, estava no caso de ser um brilhante partido para qualquer menina.

Jorge, porém, estava ligado desde ha muito, por uma afeição profunda, a Angelina; e, desde a morte de seu pai, que tinha fallecido ha um anno, por um juramento, que lhe fizera, de desposala.

Vamos a explicações sobre o comportamento do pai de Jorge.

As duas familias foram sempre muito amigas: accresce de mais a mais que Angelina e sua irmã eram duas soffríveis herdeiras ! Por um outro lado os dois pais projectaram um casamento entre as duas crianças, logo que ellas chegassem a idade de se poder realizar.

Mais tarde veio a afeição d'elles facilitar mais este contracto.

Quando Jorge regressou de Coimbra com os seus estudos completos, seu pai notou n'elle certa tendencia para a extravagancia, e muita volubildade, se bem que ainda mostrasse muita afeição por Angelina.

À hora da morte, receando que Jorge não cumprisse a promessa, que era a mira de seus mais ardentes votos, exigiu-lh'a em juramento, que foi prestado sem a menor difficuldade, porque nenhuma afeição maior lhe tinha apagado a imagem de Angelina. Mas depois, sem ser

1. DE JANEIRO DE 1863.

precizo dizer mais, creio que o leitor poderá já ter percebido, que era Izaura a preferida: diremos tambem pelo que.

Contava Angelina os seus 23 annos; era alta, muito esbelta, mas excessivamente magra e pallida. Tinha a tez alva e transparente como o jasmim; os olhos bem rasgados e de um azul suave e claro, como o d'um çeu sem nuvens; os cabellos louros, finos e abundantes e a boca um pouco grande e naturalmente melancolica. Era a mão pequenina e branca como a de uma figura de jaspe.

Angelina era uma creatura ideial, ninguem diria, vendo-a coberta d'alvas roupas com os louros cabellos esparsos sobre os hombros, que era uma joven, que vivia, e respirava, e sentia n'este mundo! Sua figura aerea, e, para assim dizer, quasi transparente, parecia mais uma visão fugitiva prestes a estender suas azas para a mansão dos anjos.

Tinha uma frente de sancta e uma cintura de seraphim. Era uma mulher bella, mas d'essa belleza suave, vellada e poetica; podia-se fazer adorar pelos poetas, mas não amar pelos homens.

Todavia nem sempre tinha sido assim; dos dezaseis até aos vinte annos tinha tido um brilho de mocidade incrível; parecia que uma seiva ardente e saudavel lhe corria nas veias, e lhe tingia as faces e os labios d'um vivissimo carmim.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.



A uma rosa de pennas

(Fragmento)

I

Acaso não são as flores
Os emblemas do prazer?
Não dizem umas amores
No peito a reverdecer?..
E outras tudo verdores,
Tudo esp'ranças e viver?..

Vendo-as, acaso existe
Que as não ame logo alguém?..
Que, se o rosto tinha triste,
A aleg'al-o depois vem?..
Quem insensivel persiste
Ao vêr as flores?.. Ninguem.

Nas galas de que se veste
Symboliza sempre a flor
Um pensamento celeste

Ou de ventura ou de amor:
Nem se atreve a mais agreste
A dar desgostos ou dor!

E, se ideia de tormento
Alguma quer exprimir,
Quasi sempre é sentimento
De dulcissimo pungir;
Soffre sim o pensamento
Mas sem a esp'rança fugir...

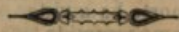
II

Mas a vossa, meu amigo,
Que me diz a vossa flor?..
Da rosa tem a figura,
Mas não diz como ella amor;
As pennas de que é formada
Somente indicam a dor;
É mais constante que as outras,
Dura mais o dissabor.
As outras todas têm brilho,
Têm perfumes, têm frescôr;
A vossa falta-lhe mesmo
Da vida o doce calor:
Das mesmas folhas tão lindas
E' fingido o seu verdor;
Em tudo mostra só penas,
Respira em tudo amargor..

Mas embora, que esta prenda
Tem p'ra mim alto valor;
Não significa ternuras,
Ledos protestos de amor;
Mas de amizade perpetua
E' um sagrado penhor;
O pezar de vossa ausencia
Mostra o pallido candor,
As pennas expressam mudas
Fundos segredos de dor...
E quem sabe se uma esp'rança
Reprimida por temor,
Não revelam essas folhas
Na sua virente côr?..
Não mostram fundo receio
As pennas de casto alvor?..
Um sentimento mais terno,
Recatado por pudor?..
Não confirmam quanto uns olhos
Me disseram no fulgor?..
.....

18...

A. A. F. P.



Ser poeta é ter na frente
Um signal de maldição.

C. CASTELLO-BRANCO.

OS DOIS CABELLOS

(Continuação.)

Os importunos são semelhantes aos tolos de que resa a Biblia: ha d'elles grande numero. E o que mais admira é como ha quem os ature. Mais mulheres do que homens. Quem atura, não quem importuna, entendamos.

Maria Angelica, quando á tardinha quiz sahir a passeio, deu de caras com o seu derretido Antão que lhe entrava a porta de casa.

Um e outro ficaram desconcertados. Ella fugiu para dentro e fechou a porta: elle concentrou no coração a dor e o sangue. Tudo isto foi rapido e irreflectido. Não poude ella fazer menos, nem elle mais.

Voltou o socego e nenhum ficou satisfeito de si. Ella quizera ter sido menos mulher; elle quizera ter sido mais homem. Veio-lhe a reacção que lhe deu animo, e, com o coração inda a fazer tít-taf, mas resolido a tudo, estendeu a mão e bateu á porta.

— Queita ter á bondade de entrar: disse a Carlota abrindo a porta.

Achou-se Antão numa saleta quadrada, forrada a papel nem bom nem mau, com quatro ou cinco cadeiras derriamadas com symetria em toda a roda.

A creada retirou-se logo por uma porta que visivelmente dava para o interior, á qual fechou com a chave, circumstancia a que não attendeu o nosso homem, de mal á seu jeito que estava.

Eram seis horas. Pois deram seis e meia, deram sette, deram sette e meia, e Antão sem tornar á ver ninguem, nem perceber o menor ruído. Era como se tivesse cahido numa sepultura.

A primeira meia hora não custou a passar. De momento a momento lhe parecia sentir passos, e figurava-se-lhe ver entrar o « mimio subtil das brandas auras », toda angelica como seu meigo nome, amorosa e terna como a rolinha da selva.

Esta comparação é d'elle, e de muitos outros em taes pontos. Eu de mim dou-lhe de mão, e só á escrevi para dar cor local á narrativa, sendo verdadeiro na exposição do que lá ia pela pobre alma d'aquelle infeliz.

A segunda já foi mais comprida e amarga. Passou-lhe pela ideia que tinham querido divertir-se com elle, e rugiu de indignação justissima. Entrou a passear agitado de angulo a angulo da casa, e tirava o chapéu, e arrepellava-se, e mettia dó.

Cançou e parou. Era natural. A mim inda succederia peor. Morria ou matava-me; que mais não fosse senão para depois me vingar da Marquinhas, fazendo-a morrer de medo e remorsos quando me visse o cadaver alli espichado.

E o Carocha fazia-o, se de tal se lembrasse. Acabava-se a historia, mas não tinha duvida. Não faltam Carochas por este mundo.

A terceira foi meia hora d'aquellas que envelhecem um homem. Antão ja a não poude levar de pé. Alma e corpo estavam prostradissimos. Para descanso do corpo aproveitou uma cadeira; para o da alma mandou vir as lagrimas. Mas que lagrimas, minhas Senhoras, que lagrimas! Eram lavas candentes do immenso volcão de seu peito, cada uma das quaes, como gotas de chumbo derretidas, lhe cavaram nas faces um sulco profundo e tremendo. E partindo dos olhos, rasgando as faces, pendurando-se da barba, inda no chão cahiam tam ardentes, que deixavam signal como o vitriolo. La estarão inda hoje, epitaphio'a tamanha dor.

Deram oito horas.

Antão contou-as uma á uma. Levantou-se firme e secco. Mão ignota lhe tinha dado volta á torneira e as lagrimas tinham cessado. Tirou da algibeira uma carteira, da carteira rasgou uma folha, aproximou-se d'uma janella, e ao ultimo lusco-fusco escreveu:

« Anjo maldicto. O amor é uma condemnação infernal. Estou-o sentindo e não posso fugir-lhe. Tens zombado do meu affecto, mas não é inda tempo de rires. Estou vivo e sou um homem; e não ha exemplo na historia de nunca uma mulher ter zombado de um homem impunemente. »

Façam ideia o que elle sabia de historia. *Fez naufragio* cabindo no pelago da sciencia. A Senhora da Bonança lhe acuda! E a tantos outros que, andando atascados nas misérias da ignorancia charlatan, quanto mais se agitam, tanto mais sossobram!

E depois tomou o papel, poizou-o sobre a cadeira em que estivera sentado, fechou a porta com estrondo, e sahiu.

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA.

AUSENCIA

Tristezas pois me buscais;

Dizei-me o que pertendeis

P. RODRIGUES LOBO.

Ei-la, coitada, á janella
Cantando a triste Leonor.
Bem mostra á pobre cantando
Se no peito existe a dor!

Noites e dias inteiros
Passa-as, a pobre á cantar;
Que as magoas, que está soffrendo,
Não as pode ella occultar.

« Os meus primeiros amores
 « A mim alguém m'os levou !...
 « Que me não leve com elles
 « Quem da vista m'os tirou !..

« Maldicta a hora em que ao mundo
 « Chorando, chorando vim.
 « Magoas, que sinto, n'esta alma
 « Ninguém as soffreu assim !

« Quem vive d'amor ausente
 « Que venturas pode ter ?
 « Se lhe levaram com elle
 « Vida que tinha a viver ?

« Quem tiver tristeza d'alma
 « Venha comigo chorar ;
 « Que o chorar faz bem aos tristes
 « Faz as magoas olvidar.

Assim cantava; chorando
 Tristezas da sua dor
 A pobre se consolava
 D'ausencia do seu amor.

Depois um dia calou-se
 Ninguém a viu mais cantar :
 De penas, que o amor lhe dera,
 Findára a pobre a chorar!..

SIMÕES DIAS.

INFELIZ POR CAPRICHIO

II

Voltára entretanto Possidonio a Coimbra, e sem cuidar no seu vestuario de passeio foi vizitar o ente, que o consolava da ausencia d'Eufemia.

Este ente era a menina Ignacia, que pelos modos padecia da mesma doença d'Eufemia.

— Tão cheio de pó, Sr. Possidonio, foram as palavras que soltou Ignacia ao lançar os olhos sobre Possidonio.

— É verdade, disse este, sacudindo o pó com o chicotinho, e balanceando-se ufano, pois percebera o fundo d'aquella exclamação.

— Fez alguma viagem ?

— Um pequeno passeio.

— Poderei saber até onde ?

— Se adivinhar...

— Foi para o lado da Pedrulha ?

— Enganou-se.

— Seria então para o lado de Condeixa ?

— Adivinhou.

Ignacia mordeu os labios e continuou :

— Olhe, advinhei até, quem é que foi vizitar.

— Não desgostavas de saber quem foi.

— Certa pessoa que mora na Cruz-quebrada.

Um olhar que acompanhou estas palavras fez estremecer de medo Possidonio.

Aquillo foi o primeiro relampago da tempestade, que rebenlou immediatamente.

— Sr. Possidonio estou já cansada de supportar todos os insultos, que me dirige. Julguei que o Sr. fosse um cavalheiro, e é bem tarde que me desengano.

— Sr.^a D. Ignacia, isso não se diz a um homem como eu.

— Tem razão. A um homem como o Sr. não se diz nada. Manda-se pôr na rua por os creados.

— Ah ! que se não fosse uma mulher...

— Rua, Sr. Não se atreva a fazer o melhor gesto d'ameaça.

Sabiu corrido Possidonio e ficou Ignacia triumphante.

Assim acabou aquella doce entrevista de namorados.

Possidonio entrou em caza e deitou-se desesperado n'um campê.

N'um dia tinham morrido todas as suas esperanças. Ignacia acabava de o mandar pôr na rua, e o pae d'Eufemia não estivera longe de fazer o mesmo.

Serenado um pouco o espirito principiou de scismar, que razões seriam as do fidalgo para o ter recebido com tanta descortezia.

— Não tenho duvida, concluiu passados alguns minutos. Já tarda ao fidalgo que eu peça a mão d'Eufemia. E porque o não farei eu ?

Acaso não tenho a certeza de que sou amado por ella ? E que bello bofetão que eu dava n'aquella maldicta Ignacia !

Foi, seguindo este curso d'ideias, que chegou a tomar a resolução de pedir a mão d'Eufemia, para o que se apresentou no dia seguinte na Cruz-quebrada.

Coube d'esta vez ao fidalgo ser o primeiro a fallar-lhe. O Sr. Felisberto estava n'aquelle dia de pessima catadura. A razão era ter recebido, havia pouco, intimação de sahir da quinta dentro em trinta dias, para que esta fosse vendida a fim de pagar suas dividas.

Possidonio foi recebido n'uma sala da caza da Cruz-quebrada. Respondeu-lhe o fidalgo com uma leve inclinação de cabeça aos cumprimentos, e indicou-lhe uma cadeira.

Esteve enleado Possidonio, procurando o meio de romper o silencio até que a final se animou a dizer.

— Julgo que V. Ex.^a conhece o estado da minha fortuna ?

— Nunca m'importei com os negocios dos outros, respondeu o fidalgo secamente.

— Devo então fazer-lhe conhecê-lo.

— Ignoro a razão porque isso me possa interessar.

— Depressa a saberá. Actualmente possuo, em dinheiro perto de quinze contos, e bens de raiz que rendem annualmente dez mil cruzados. Parece-me que é uma fortuna rasoavel.

— Continúe se lhe apraz.

— V. Ex.^a conhece as minhas qualidades individuaes, não é assim?

— Sufficientemente.

— N'esse caso peço-lhe a mão da Sr.^a D. Eufemia.

— Sr. nunca poderei perdoar o insulto que acaba de me dirigir.

— Insulto!?

— Sim. Que insulto maior se hade dirigir a um homem que a desgraça persegue, que vir-lhe offerecer ouro em troca da honra.

— Mas não sei em que soffre a sua honra com o meu pedido.

— Eu sou fidalgo e o Sr. quem é?

Recebeu Possidonio a injuria com santa resignação e sahio, contentando-se com lançar um olhar furibundo para o fidalgo.

Ao sahir da Cruz-quebrada encontrou-se com um cavalleiro, que parecia dirigir-se para ali.

— Por estes sitios, disse este ultimo puchando aos labios um sorriso ironico.

— Como vês, meu caro Aniceto.

— Viestes visitar o fidalgo?

— Vim.

— O mesmo faço eu.

— A deus, Aniceto.

— A deus, Possidonio.

E cada um seguiu seu caminho.

Deixemol-os ir e vamos observar o que n'aquelle momento fazia Eufemia.

Escrevia o seguinte:

« Possidonio

« Mal sabes os tormentos que passo n'esta solidão, onde tenho por unica companheira a melancholia. Ah! Possidonio, quantas saudades tenho d'essas noutes de baile, em que tu estavas sempre junto a mim!

Comtudo não posso negar que a solidão me atrahê, mas n'ella sinto o coração oppresso pela falta d'uma pessoa a quem possa communicar as sensações...

Aqui Eufemia foi interrompida pela voz de seu pae, que a chamava.

(Continúa)

A. COELHO.

A prova da verdadeyra Fé, e a fineza do verdadeyro amor, não he seguir ao sol, quando elle se deixa ver claro, e formoso com toda a pompa de seus rayos, senão quando se nega aos olhos, escondido, e encuberto de nuvens. Vede-o no espelho da natureza.

P.^o ANTONIO VIEIRA.

No 1.^o Anniversario da morte

DA EX.^{ma} SNR.^a

D. Joanna Augusta Simões de Carvalho

Fallecida em 20 de Dezembro de 1861.

Sou pobre de consolos; nem existe
Quem de lagrimas tristes nunca enxuto
Possa as d'outro enxugar.

JOÃO DE DEUS.

Rôxa saudade, que meu canto envolve,
Vem dar-me á lyra teu alento e voz;
Tu só, que as maguas do soffrer dissolves,
És doce allivio de quem geme a sós.

Echo da tarde, que lhe ouviste as queixas
Então soltadas, quando á cruz vergou,
Oh! vinde ao menos inspirar-me endeixas
Que a dor affaguem de quem tanto a amou.

Vi-a, risonha, dos jardins da vida
Colhendo as rosas, pensativa e só;
E hoje na lousa da final jazida
Já cresce o musgo que lhe encobre o pó!

Fatal contraste! Juventude e graças
Eram-lhe adorno quando a vira então;
Depois, batendo suas azas lassas,
Fugiu dos homens, onde tudo é vão.

Meiga andorinha, que em paiz extranho
Buscou abrigo que não teve aqui;
Sentindo o mundo com rigor tamanho,
Foi mais tranquilla reviver alli.

Entre as rajadas que despede o norte
Perde o perfume delicada flor;
Ao duro sópro do tufão da morte
Perdeu a virgem seu viver d'amor.

Foi-te a vida qual thalamo de flores,
Onde sempre embalada em brando aroma,
Não previras que o tempo as graças doma
E rouba d'alma os sonhos seductores.

Quando leda te vi cuidar de amores
Quão bella te adornava a negra coma!
Teu rosto, como a aurora quando assoma,
Da rosa e lyrio tinha as varias côres.

Ao fagueiro porvir que amor dispende
Abrindo o doce cofre da innocencia
Teu seio descuidoso emfim se rende...

Mas ah! sentindo em breve da existencia
Quebrado o fragil nó, que as almas prende,
Fundiste na do ceu a terrea essencia!

Em lucto envolve a terra, ó quadra hybérna e triste !
No prado, verde ha pouco, eis murcho o lyrio já ;
Tu, rompe a custo, ó sol ! Quem prazenteira viste
Não mais, ao vér-te a luz, contente sorrirá !

Dorme hoje solitaria em leito, onde a ventura
Da juvenil idade em cinzas se desfaz ;
Quem sabe se lnda alli, no pó da sepultura,
Se encontra emfim do olvido a desejada paz ? .

Respeito ao somno eterno ! A sombra é seu imperio,
Vedado ás ambições do mais ousado olhar ;
É sempre a lucta van no campo do mysterio :
Lá onde a vida finda, o genio irá findar ?

Silencio é tudo agora ! Apenas sobre a terra
Se escuta o soluçar da allicta e triste mãe ;
Arcanos d'um porvir a campã acaso encerra ?
Que importa a coração que a magna em si contém !

Se a voz que solto a custo em carme de saúde
Pudesse allivios dar a quem suspira assim !
Só resta, no soffrer, memoria d'outra idade
Que possa ás penas d'alma o termo achar emfim.

Mas nã ausencia de quem, cingida em brancas vestes,
Transpóz ignoto mundo, em luz rasgando os veus ;
Dão treguas pranto e dor : em regiões celestes
Devera de habitar quem tanto amára os Ceus !

20 de Dezembro de 1862.

LUIZ CARLOS SIÑÕES FERREIRA.

UMA PAGINA

(Continuação)

— Perdão, Alberto ; não calumnies assim o
character augusto da mulher. Ella é o ente, que
nos serve de amparo nas tribulações da vida, e
nos faz sonhar a felicidade e a ventura ; é a
estrella brilhante, que nos guia os passos n'este
ermo melancholico ; é ametade da nossa alma,
separada pela Providencia ao lançal-a na terra,
para se insuflar n'este barro humilde, e que
procura incessantemente completar-se e unir-
se, para gozar na plenitude da sua substancia...
As suas palavras sam sempre a fiel expressão
do que lhes pulsa n'alma ; a constancia a vir-
tude e o amor sam a sua bussula. Não a jul-
gues por esse prisma embaciado pelo martyrio,
e ciume.

— As tuas foram ás minhas crencas, sempre
vivas e luminosas desde que me julguei amado
por Ermelinda. Hoje, porém, deffino-a com o
primeiro classico d'actualidade, e grande poeta

A. F. de Castilho, no seu inemita vel poema os
Ciumes do Bardo — : escuta o genio inspirado.

Fé, bom velho, virtude, amor, constancia
Fugiram d'este globo indigno d'elle ;
Mulher pura e fiel não ha nem bouve ;
Crês tu que a tua o seja ? Aos lares corre,
Entra emprevisto, e la verás, se eu erro.
Todos nós somos victimas incautas
Todos ellas... verdugos. As mulheres
Com flores o punhal disfarçam rindo.
Credulidade em nós, astucia n'ellas
Aó Pudor feminil alçaram templos.
Em vão zeloso amante as fecharia
Do mar no fundo, ou no amago da terra :
Adultera la mesmo ardera a mente,
E tão celeste a voz, o olhar tão puro,
Tão meigo o riso, as lagrimas tão promptas !..
Raça infame de vivoras dolosas !
Podesse uma so nau contel-as todas,
E o piloto fosse eu ; triumpho eterno !
Livré era o mundo, e os seculos vingados.
Desejos sempre vãos !.. reaes só dôres.

— Protesto contra a verdade d'esses versos ;
sam o ideal do ciume ; e este parte-se no an-
gulo da vida positiva, e não pode ter existenc-
cia alguma ; deves crêr, que a experiencia é
mais efficaz que os devaneios luxuosos d'essa
imaginação garrida e lusatrá.. Crê na mulher,
Alberto ; e desfaz esse denso ven, que cobre a
tua razão desvairada, porque Ermelinda amou-
te, e continua a amar-te...

— Oh ! não é possível !!! Ligou a victima ao
seu carro de triumpho, e passou sorrindo. Achou
de prompto, e havia já escolhido quem a conser-
vasse depois no seo throno de rainha. Eduardo
hade ser egualmente victima dos caprichos
d'aquella mulher. Hade conhecer em breve que
Sthendal crearia para ella o amor vaidade, se
outras lhe não fizessem acreditar antes na sua
existencia.

(Continua)

M. N. A. COUTINHO.

Paraphrase d'outro de Camões

A' morte do meu amigo Manuel Vicente
Fernandes

Amigo, que tão cedo, nos deixaste
No carcere d'este mundo, saudosos,
Gosa no ceo, dós dias venturosos,
Que a gosar, 'nesta vida, não chégaste.

Se lá 'nesse logar onde voaste
Memoria téns d'amigos extremosos,

Não t'esqueças dos socios lacrimosos,
De quem, no extremo adeus, te separaste!

E se ainda, d'aqui, te merecermos,
Que em tua alma s'encontre piedade
A dor, que nos ficou de te perdermos,

Pede, amigo, ao Senhor da Eternidade,
Que, na campa, dos prantos, que vertermos,
Desabroche, depois, um saudade.

Coimbra 27 de Novembro de 1862.

SEVERINO D'AZEVEDO.

OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

CONFRONTAÇÃO 4.^a

Camões — Faz n'um sonho apparecer a D. Manuel os rios Indo e Ganges. Este diz a D. Manuel já ser tempo de mandar gente a descobrir o Oriente, d'oode hade receber grandes tributos. Acorda D. Manuel, convoca a conselho os grandes do Reino, dá-lhes parte da visão e alli elegem Vasco da Gama para o descobrimento e conquista da India.

Lusiadas — Canto 4.º Estancia 68 a 80

Macedo — Figura D. Manuel sonhando, ao qual apparece uma Matrona e o persuade a mandar á descoberta da India. Depois apparece-lhe um Serafim mandado por Deus a persuadi-lo da mesma cousa, e lhe promete bom exito. Acorda, chama os senhores a conselho, e alli Vasco da Gama se offerece para o descobrimento.

Oriente — Canto 1.º Est. 12 a 79.

— RESUMO —

Nos Lusiadas — Ao Rei D. Manuel apparece em sonho uma visão, que são dois rios, que o incitão á descoberta da India.

No Oriente — Ha duas visões em sonho a D. Manuel incitando-o tambem ambas á descoberta da India.

Nos Lusiadas — Ha depois o chamamento dos grandes a conselho e eleição do Gama para a empreza.

No Oriente — Ha tambem o chamamento dos senhores a conselho, offerecendo-se n'aquelle occasião Vasco da Gama para a empreza.

Uma mui pequena differença ha aqui, qual a de ser eleito Vasco da Gama para a empreza nos *Lusiadas*, e offerecer-se elle para o mesmo no *Oriente*.

CONFRONTAÇÃO 5.^a

Camões — Figura apparecer um velho na occasião do embarque dos portuguezes, que lhes reprehende a ousadia de transpôr o tumido elemento, a troco de que? da fama e gloria futuras.

Lusiadas — Canto 4.º Est. 94 a 104.

Macedo — Na occasião do mesmo embarque faz apparecer tambem um velho que lhe reprova a mesma ousadia, até se lhe prendêr a voz na garganta. A este segue-se depois um velho guerreiro que continua a reprovar tão arduo commettimento.

Oriente — Canto 2.º Est. 12 a 19.

— RESUMO —

Nos Lusiadas — Um velho apparece na praia, brada contra a tentativa.

No Oriente — Um velho apparece na praia e brada contra a partida, até que a falla se lhe prende. Segue-se-lhe depois um guerreiro velho no mesmo trabalho.

Ha aqui só a notar (que não achamos imitação) o intermetimento do 2.º velho, e a circumstancia de ao 1.º se prendêr a voz na garganta, da qual fallaremos adiante.

CONFRONTAÇÃO 5.^a

Camões — Ao chegarem os portuguezes ao Cabo Tormentorio, lhes apparece um gigante, que é o Adamastor, o qual os reprehende de quererem transpôr os limites vedados, e navegar aquelles mares até então desconhecidos. Prediz-lhes depois os trabalhos que soffreriam, e todos aquelles que os quizessem imitar. Desapparecido que o gigante foi, eleva o Gama a voz ao Côro dos anjos, e lhes pede alcancem de Deus se não realizem os vaticinios do gigante.

Lusiadas — Canto 5.º Est. 39 a 60.

Macedo — Chegando a frota ao mesmo cabo, lhe apparece um fantasma de tão desmedida estatura, que quasi tocava os ceus com a cabeça, tendo ainda os pés escondidos na agua. Este fantasma era a Idolatria, que exproba aos portuguezes a ousadia de navegar aquelles mares até então vedados, e lhes diz, que tendo elle na sua mão a espada da vingança, os castigaria de tal atrevimento se não voltassem para traz.

Tendo desapparecido o fantasma, o Gama óra a Deus e lhe pede os não desampare, pois trabalham por augmentar a sua Fé.

Oriente — Canto 7.º Est. 31 a 39.

(Continúa)

A. M. C.

Tristeza

Quão rico d'encantos o tempo corria!
Que triste o presente, quão pobre ficou!
Só resta a saudade, qual vaga harmonia
Que uma harpa nocturna de longe soltou.

A. A. SOARES DE PASSOS.

Oh! para sempre adeus horas felizes, que eu gozei na primavera da minha existencia. Oh! para sempre adeus, dias ditosos, que eu vi nascer risonhos debaixo d'esses astros do ceu da infancia! Perdido é já tudo!.. Nuvens espessas enlutam os horisontes da felicidade, que então gozei!

Hoje não me resta mais que a lembrança do passado. Oh! quanto eu fui feliz!..

Nessas horas de mysterio, quando o sol se esconde no Oceano, e a rainha dos astros se mostra brilhante no alto do firmamento; nessas horas em que o pensamento voa na aza da phantasia, e o ceu, e a terra infundem tristeza, uma lagrima de saudade me rola das faces cavadas, um suspiro arrancado do amago do coração, soldado de meus labios, se perde no espaço... sem que aquella por quem eu choro m'o possa retribuir. Lembro-me de minha mãe, que a negra parca me roubou, deixando-me na orfandade...

Só... n'este mundo, onde o odio se gera, e as paixões se irritam!..

Choro o amor de mãe! O primeiro gozo da existencia!.. tudo perdi!..

O infortunio murchou as flores de meus dias de innocencia, as quaes, dispersas pelo sopro da morte, mirradas caíram sobre uma louza!..

Em vão no passado procuro uma esperança! O passado é já fludo, e o porvir? No porvir só vejo horisontes carregados, sem luz, nem ar!

Esperança! ultimo recurso dos desgraçados porque não vens em meu auxilio? Porque não vens verter uma gota do teu balsamo consolador, no meu pobre coração arroxeadado pelas magoas? Vem! vem ainda uma vez, meiga esperança, verter nas feridas da minha alma o teu balsamo divino. Esperança! Esperança! Mas o que pode esperar este cadaver galvanizado pelos restos d'uma vida enfesada!..

Oh! para sempre adeus, minha esperança; se ainda uma vez me vires, não me falles d'este mundo enganador, onde estou sorvendo a largos tragos as fezes do calix da vida; falla-me de Deus que é teu amor, do ceu que é a tua patria, e para lá então minha alma voará comtigo.

Evora 10 de Dezembro.

F. LIBANIO DE CACERES.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos um exemplar da oração funebre que o Corpo Escollastico Eborense mandou recitar por occasião das exequias, que o mesmo Corpo fez celebrar por alma do sr. D. Pedro 5, no dia 11 de Dezembro de 1861. Está muito bem escripta; sentimos, porém, que a modestia do auctor a deixasse anonyma. Agradecemos ao sr. Libanio de Caceres tão agradável offerta:

Charada

Busca em mil.....	1	} 2
Busca em anno.....	1	
Busca em mil.....	1	
Busca em anno.....	1	

Entre flores
Tenho amores.

A. NOBERTO

Rogamos ás Ill.^{mas} Redacções com quem trocamos o obsequio de annunciarem o seguinte:

HYMNOS E FLORES

Periodico Litterario

PREÇO

COIMBRA

FÓRA DE COIMBRA

Semestre..	500 réis	Semestre..	560 réis
Anno.....	1\$000 réis	Anno.....	1\$100 réis

Brazil — anno — 1\$600 réis fortes

A quem assignar por um anno promette a redacção *gratis* um volume de romances e poezias, contendo pelo menos 100 paginas d'impressão. Será a edição muito nitida, e a parte litteraria muito escolhida.

Quem pretender assignar póde dirigir-se ao editor: — Alfredo Elysio Pinto d'Almeida, rua das Colchas, Coimbra.

Expediente

A redacção dos «HYMNOS» roga a todos os Ill.^{mas} Sn.^{ts} que ainda não pagaram, que se dignem enviar o importe da sua assignatura ou em valles do correio ou em estampilhas o mais brevemente possível.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA



SAUDADES

Dura necessidade quando engrossa

Como agua na ribeira

Quem não foge, podendo, vendo-a vir?

Quem ha porém que possa?

SÁ DE MIRANDA. *Psychis.*

Tenho saudades ! quem sabe

O que ter saudades é ? !

Quem conhece esta anciedade

Que não é a infelicidade

Nem o remanso da fé !

Quem vê cabir a pedaços

Uma esp'rança que se exvai,

E a cada passo perdida

Mais uma crença na vida

Que como a flor morre e cai !..

Quem já sentiu este vacuo

Que um desejo esp'rado em vão

Nos deixa n'alma prostrada,

Ao dezalento votada

Mais triste que a solidão !..

Póde então achar as notas

Que em prantos oiço gemer,

Prantos d'immensa harmonia,

Que da lyra a poesia

Não póde bem descrever !

Prantos de dor ! dor suave

A que faz bem o chorar !

Gotas tão doces e amenas

Que se deslizam serenas

Sem doer ao perpassar !..

Saudade ! não és tormento

E gozo não és tambem !

És suave anciedade

Que não é a infelicidade

Mas que mil pennas contém.

Lodeiro.

HENRIQUETA ELYSA.

Ha destinos infelizes que mais se exacerbam, quando, no atirarem-se ao seu termo fatal, encontram obstaculos, que apenas podem retardar-lhes uma hora a extrema queda.

C. CASTELLO-BRANCO. *As tres irmãs.*

HYMNOS E FLORES 1.º VOL.—N.º 5.

ANJO E MULHER

Continuação do Capitulo 3.

Foi n'esta epocha, que ella inspirou uma paixão entusiasta a Jorge, que não era poeta, e não amava o ideal.

Depois, quando a mai de Angelina morreu, esta começou a definhar-se, como a flor a quem falta o sol.

A morbida tristeza da joven, o seu estado de fraquesa doentia e assustadora resolveram sua thia, por conselho dos medicos, a tiral-a de Braga, e ir-se estabelecer no campo. Angelina adquiriu com esta mudança bastantes melhoras, e mais alegria, se bem que ficava mais longe de Jorge, a quem amava desde os 15 annos, com o extremo de quem não conhece a inferioridade do objecto, a que dedicou seus cuidados.

Por esta epocha achava-se elle ausente para Coimbra, aonde tinha ido concluir o seu curso de direito. Na volta olhou para Angelina com indifferença; e, em vez de mostrar desejos de concluir o contracto material, cuidou quanto poudo em não fallar em tal; e mesmo raras vezes a ia visitar.

Notou Angelina tudo isto; e evitou da sua parte tambem lembrar-lhe coisa alguma, a não ser o seu amor.

Ha almas nobres que, tendo no seio a resignação, que dá vida aos desgraçados, occultam suas magoas e seus soffrimentos sôb a apparencia de uma pura felicidade, para enganarem aquelles que amam, e não encherem de remorsos quem lhe amargurou os dias da vida.

Angelina possuia uma alma assim e no seu cogitar intimo se consolava, com a esperanza nos ceus e os olhos da alma em Deus.

«— Quem sabe, dizia ella muitas vezes, se elle não fará sacrificio, cazando comigo; e se o fará só por cumprir uma promessa. Na verdade elle tem razão para me aborrecer; eu já não possuo nenhum dos encantos que d'antes o fascinavam. Vê-me sempre pallida, triste e doente, como as folhas do Outomno, que o vento arrasta. Ai! de mim! minha mocidade, minha belleza, minha alegria tiveram uma curta primavera, como ellas, e como ellas sumiram-se tambem ligeiras no pó da terra! Não será piedade, compaixão, antes do que amor ou sympathia, o sentimento que hoje lhe inspiro? —»

Em quanto estas coisas se passavam no espirito de Angelina outras bem diferentes iam no de sua irmã.

Não será mau dizermos duas palavras sobre ella.

15 DE JANEIRO DE 1863.

Capitulo 4.

Não era a flor tenra que de mimosa se esrega; era a rosa feita, aberta e luxuriante que nasceu bella, cresceu forte, sente a vida e ama a luz.

R. DA SILVA. *Odio t'elho não canço.*

Izaura tinha na epocha em que damos começo á nossa historia 16 annos. Era de estatura regular e mais gorda do que magra; contudo tinha a cintura delicada e graciosa. Tinha um pizar particular e dava certos movimentos ao collo e á cintura, que lhe gratificaram o nome de pomba; e era effectivamente com esta ave que ella se podia comparar; e com um pavão, pela vaidade com que se olhava. Seus cabellos eram castanho lustroso, e cheios de reflexos ondeados; a tez um pouco morena, e brilhante de seiva vital; rosto perfeitamente oval, boca pequena e risonha e olhos negros e deslumbrantes de brilho!

Sempre alegre e feiticeira no gesto, sempre viva e travessa como uma criança, parecia creada para ser o opposto de sua irmã.

As vezes um brilho quasi selvagem passava como um deslumbramento do espirito em seus feiticeiros olhos. Era n'esses momentos que possuía uma fascinação irresistivel, como a de um mau genio!

Izaura era uma mulher para inspirar paixão a todos os homens e fazer enlouquecer muitos; mas fazer sentir, isso é que não. Também não era ella capaz de sentir um affecto qualquer que fosse; mas gostava havia algum tempo de Jorge, não por sympathia, nem por inclinação, mas por capricho e emulação: porque a tinha de sua irmã, e jurara furtar-lhe as atenções de Jorge, sem pensar, nem prever as consequências que a sua levandade podia ter.

Digamos em abono da verdade, que Izaura não era má; era simplesmente muito vaidosa de seus encantos; e, como incapaz de sentir, impossivel lhe seria comprehender o sentimento de sua irmã; aliás não lhe faria guerra.

Ha dois mezes já que Izaura se correspondia com Jorge, sem que o soubesse Angelina, apezar de ter suspeitas do procedimento de sua irmã. Porém era uma alma candida de mais para tentar uma explicação, que sabia ser difficil para si, e vergonhosa para ambas. Demais a mais queria estudar os sentimentos de Jorge; e depois, se visse que elles iam de accordo com os de sua irmã, fazer um sacrificio que estava sem duvida superior ás suas forças, mas que a elevava muito a seus proprios olhos. Era a renuncia de todos os seus direitos em favor d'elles.

Para isto necessitava de um esforço superior

a si mesmo, á sua razão e á sua vontade; o resultado devia de ser a morte; mas Angelina tinha a consciencia de que fazia uma boa acção, que lhe seria largamente compensada no reino dos justos.

Era esta crença, era a lembrança de sua mai, que ella tanto amava, que a sustentavam n'esta lucta com o seu proprio coração.

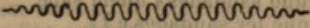
Uma unica coisa se apresentava por obstaculo ao seu espirito; e vinha a ser a lembrança de que Jorge não podia ser feliz com sua irmã.

Era esta a ideia que mais a turturava, porque não conhecia o caracter do mancebo, e o julgava um espirito igual ao seu!

Pobre anjo! essa illusão te despenhou!!.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.



CONSTANCIA

A te principium, tibi desinet.

VIRGILIO.

Eis-te longe! Na ausencia, que deploro
Porque sinto d'amor saudoso enleio,
Nem mesmo pensarás que sempre adoro
O tempo que de ti feliz me veio.

Irás ao baile á noite. Lá, na dança,
Pousando a mão de neve em mão d'estranho,
Nem sequer me darás doce lembrança,
Que pague d'este affecto ardor tamanho.

E depois, ao sorrir de cada aurora,
Ou vendo ao longe o sol que já desmaia,
Deslembrando o soffrer de quem te choia,
Contente folgarás na lisa praia.

Rendidas te virão beijar as plantas
As ondas com seus beijos d'alva espuma,
Por vêr-te o meigo rosto e graças tantas
Ha de a lua romper a densa bruma.

Eu, porém, no volver dos olhos tristes,
So vejo que a distancia nos separa;
E ás aguas digo então: «Porque fugistes,
Levando-me d'amor a prenda cara?»

Se o Mondego me escuta as livres queixas
Com suspiros responde aos ais que solto;
Mas tu, que sem cuidado assim me deixas,
Nem sabes que em tristeza fico involto!

Sentada em throno rico de vaidade,
Terás adornos mil de falsa pompa;
Eu, triste, no gémor d'esta saudade
Receio que d'est'alma as fibras rompa.

Risonhos pensamentos d'outras eras
Me vêm dourar da magna instantes duros;
Feliz, se do passado que me deras
Não surgissem porém tão maus futuros.

Ha longo tempo já que a vez primeira
Te vi sorrindo á vida em ceu d'encantos;
Descêras inda ha pouco a vir ligeira,
Roupas d'anjo trocar por terreos mantos.

Minha lyra, embalada então na infancia,
Aos sons da tua voz os sons apura,
Soltando novos carmes de constancia
A cada novo accento de ternura.

E em quanto, mariposa d'outras salas,
Procuras pressurosa novas flores,
Té longe do prestigio d'essas galas
Hei de sempre cantar os teus louvores.

Pois se hoje não me é dado ouvir-te accentos
Com que tanto de ti nos enamoras,
Inda tenho a memoria de momentos
Que podem compensar tão longas horas.

Setembro de 1862.

(Do Instituto) LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA.

OS DOIS CABELLOS

(Conclusão.)

Estava hoje lendo o capitulo IX d'um romance papafina que ahí anda nos prelos, a *Providencia*, de Augusto Sarmiento, o poeta sentimental das *Sensitivas*, romance que os meus leitores terão mais tarde occasião de apreciar, quando deparei com algumas linhas que se as tivesse lido Antão, lido não, adivinhado, ter-se-ia poupado a grande desgosto e poupado outrem ás consequencias d'elle. Ellas ahí vão:

«O coração quasi sempre é uma cidadella que, se não se rende ao primeiro assalto, tambem não cede mui facilmente a longo cerco.»

Olhem que é uma verdade como de quem as conhece. É commun aos dois sexos. Aproveite-se d'ella quem estiver nas circumstancias.

Est'outra porém é especifica:

«De ordinario a mulher nunca afasta o thuribulo com que lhe incensam a vaidade, embora lhe não seja agradavel o perfume, senão quando nas aras d'esta divindade toda mundana ha quem deponha oblata de maior estimacão. Onde ha um Cain de quem se engeitam as offerendas, ha um Abel com quem a complacencia não tem lemites.»

O homem tem razão, e o exemplo tenho-lho

eu mostradô na Mariquinhas das gaiivotas, como lhe chama quem eu sei. Se não fôsse aquella maldicta affeição pelo seu Raposo, a menina Angelica era a primeira que dava a mão para beijar ao Carocha. E á mão o ia levando até se enfastiar de rir com elle. Eu gôsto muito de ver rir uma mulher de um homem, para compensar os milhares de vezes em que os homens se riam das mulheres.

Mas já dissemos que aquella affeição era coisa seria, e a Mariquinhas tambem era uma rapariga seria, apezar de rir muito. Entendam como podem, se quizerem. Nem eu sou de gastar tempo com gente leviana, conhecendo allás que é o campo mais vasto e productivo para quem escreve dos outros. Garota lhe chamei não sei onde, mas não quer dizer nada. Não viram a apologia do garoto em V. Hugo? Pois se eu fosse V. Hugo havia de fazer aqui a apologia da garota. E tanto mais, quanto a garota excede o garoto. Reservo isso para mais tarde, se antes me não tiver algum lançado mão da ideia. O que digo ja é que de garotos, de andrajos ou casaca, não gôsto nada: por garotas dou o beijo. E' uma pecha como qualquer outra. E não a tenho unica. Accitem-me a confissão, que nunca a fiz em letra redonda mais sincera. Nem em manuscripto, valha a verdade. Isto de sinceridade é fructa muito fina para se dar assim a qualquer que nol-a peça. Ainda não ha muitos mezes que tive de calar-me com uma zurzidella soffrivel por ter tido a tolice da sinceridade. Fico de alcatêa para outra vez. Cahi em ser sincero, mas sincero de veras. Conto de fazer cheitar a fumo o pobre misero que me ature tal sinceridade. Estendo o vivo numas grelhas de S. Lourenço, que lhe hão de deixar cicatrizes para toda a vida. Nada; atenções e delicadezas boas são para quem as entende. Os tolos chamam-nos tolos.

Aqui tem outra pecha minha: fallar do que não vale a pena. Heide pôr pimenta na lingua para ver se tenho emenda. É outra, o estar-me a entreter com o Antão. Conheço que é um tolo; mas, não sei o que é, ser tolo pelas mulheres não se toma como tolice. Ellas gostam; e o de que ellas gostam é bom, parece-me. O certo é que Maria Angelica achou sua graça e bilhete que encontrou sobre a cadeira. Deu-lhe para muito alimento ao seu genio galhofeiro aquella bravata escripta a lapis: mais ainda do que tinha dado a declaracão anterior escripta a tinta.

Cão que ladra não morde. Sabia-o ella como o sabe toda a gente, excepto quem tenha sido mordido por cães que ladram. Não lhe deu, por tanto, cuidado o futuro.

No outro dia levantou-se mais cedo, tomou o seu banho descansadamente, e indicou a pessoa do Sr. Antão á curiosidade do Sr. Vicente.

O qual caminhou direito a quem estas letras

está escrevendo, e apontando mentalmente para o homem, disse-lhe assim:

— Conheces aquella figura?

— O da manta encarnada e verde?

— Sim.

— Conheço.

— Quem é?

— E' o sr. Antão Carocha.

— Estas-te divertindo.

— Não ha tal, fallo serio: Se queres que te apresente...

— Quero.

— Vem d'ahi.

Depois dos cumprimentos preliminares, depois da apresentação com todas as ridiculas formalidades da coisa, disse Vicente:

— Sr. Antão; preciso de fallar a sós com V. Sr.^a Peço-lhe o obsequio de dar-me a sua morada, para lhe não dar o incommodo de procurar-me na minha.

— Na hospoderia da *Perola*, primeiro andar, quarto numero 50.

Ao meio dia estava Vicente na hospedaria. Ahi vae uma rima, que é um defeito em prosa; mas não estou agora para emendal-o. Antão ficou atarantado. Não conhecia aquelle homem, nem lhe tinha passado pela cabeça o que teria elle consigo. Entretanto recebeu-o com quanta cortezia poudé, que não seria muita.

E o visitante começou por estas palavras:

— Sr. Antão Carocha...

— Perdão, interrompeu o visitado, tenho de advirtir a V. S.^a que me offende chamando-me assim. Eu chamo-me Antão Alves de Andrade.

— Muito bem, sr. Antão Alves de Andrade, não me torna a esquecer; tem tres as no nome.

— Asno nome, senhor! Agora insulta-me.

— Mil perdões, cavalheiro. Isto é uma mnemonica de que uso. Não vale zangar. Socegue para fallarmos serio.

— Diga V. S.^a

— Sei que o cavalheiro tem paixão d'alma por uma linda menina...

— E o cavalheiro que tem com a minha vida particular?

— Vamos mal se assim continua, sr. Antão. Sente-se, descanse, socegue. Aliás não temos nada feito. Está de ma fé comigo, e faz-me injustiça. Para lhe provar que sou seu amigo é que vim aqui hoje. Attenda-me.

Antão estava num brazeiro. Tinha visto aquelle homem fallar com a Mariquinhas na praia, e tinha-lhe parecido suprehender um olhar de soslaio para elle em quanto fallavam. Tinha pois uma pedra no sapato, como se lá diz. Entretanto fez das tripas coração, e calou-se.

Vicente proseguiu:

— Ora eu, que tenho conhecimento particular com essa menina, venho offerrecer ao cavalheiro a minha intervenção para com ella. Aceita?

A proposta era tam fóra do que se esperava, que tambem deixou o homem fóra de si. Para ganhar tempo e terreno foi dizendo:

— Não entendo o que V. S.^a quer dizer.

— E' simples, meu caro. Posso apresental-o áquella senhora, e teria muito prazer em lhe prestar esse pequeno serviço. E para prova da verdade, aqui lhe trago este papel que hontem esqueceu a V. S.^a sobre uma cadeira d'uma casa onde V. S.^a entrou sem licença. Entregolh'o porque o pode comprometter. E olhe que uma mulher nunca se ameaça. E' um pessimo systema, que não dá resultado nenhum.

O Carocha estava fulo. Levantou-se num impeto de raiva, lançou mão do papel, fel-o em pedaços, e bradou:

— O Senhor deve-me uma satisfação, e já.

Raposo deixou-se ficar sentado, e sorrindo com modo affavel, disse:

— Devo-lhe uma satisfação, eu? Porque? Valha-o nossa Senhora da Bonança!

— Porque? Porque está zombando da paixão mais seria da minha vida...

E ao dizer isto cahiu de chofre no sobrado, como o toiro dos sacrificios ferido da secure sacerdotal.

Correu a elle Vicente, mas já não poudé sustel-o. Quiz erguel-o, e tambem não poudé. Era hirto como um cadaver, com os olhos esgaseados mas baços. Pobre moço! Os temperamentos colerico — sanguineos são atreitos áquelles desastres, que tão depressa vêm como vão. Uma pouca d'agua fria na cabeça, ou quente nos pés faz logo effeito.

Quando voltou a si, sentiu Antão que tinha uma boça mais desenvolvida na cabeça. E seriamente se espantou de tal phenomeno. Não podia explicar como tendo levado uma pancada para dentro, a cabeça tinha amolado para fóra. Já tem succedido a outros.

Vicente Raposo assistiu-lhe até o deixar com a cabeça enopada em agua de vegeto. E deu-lhe alguns conselhos. Entre elles, este:

— Não confie nunca o seu coração a uma mulher sem indagar primeiro se ella pode ou quer acceitar-lh'o. O menos que lhe custa é quebrar a cabeça, sem proveito. Adeus.

O Carocha foi melhorando de vagar, e d'ahi a oito dias recebeu dois bilhetes atados com um fio de seda verde dentro d'um sobrescrito. Um era da Mariquinhas, outro do seu feliz rival.

Espicaçado pelas duas serpentes do seu amor, veio para Coimbra, e deu-se a escrever compendios. Consta-me que não tem sido mais feliz. Coitado!

E por ser verdade, e este me ser pedido, o escrevi e assigno.

J. SIMÕES FERREIRA.

Improviso

Riamos, que o mundo, composto de risos !
 Não deixa que um pranto se possa verter ;
 Pois ha quem perturbe seus hymnos festivos,
 Com prantos que o brilho lhe rouba ao prazer ?!

Que vida ! que mundo ! que inferno de magoasi !
 Que lento marasmo no peito a subir !
 Acaso se pode descer a este tumulo
 Cõ o escarneo pungente nos labios a rir ?!...

Se soffro ? Não soffro ; que heroico remedio
 A maguas atrozes he rir, sempre assim.
 Se soffro ? Não soffro ; pois vês minhas lagrimas ?
 Quem chora é que soffre, e eu rio sem fim.

Que vida ! que mundo ! haverá quem não goste
 Do riso que assomos de gozo nos traz ?
 Eu rio, contente, e prometto que o rizo
 Nos labios já frios constante verás !!....

Um pranto ? isso nunca ! riamos no mundo,
 Que é o unico gozo, que a vida nos dá.
 Cõ a morte na alma, nos labios um riso,
 Quem ha que saudoso do mundo não vá ?!

4 de Janeiro de 1862. SOUSA.

O rei e o homem do povo

Publicaram ha pouco os jornaes politicos
 uma carta do sr. A. Herculano. Foi uma novi-
 dade. Ha muito que a penna do nosso historia-
 dor emmudecera ; e se extranhava tão prolonga-
 do silencio. Se bem nos parece, são estas as
 primeiras linhas que escreve no nove reinado ;
 e valem ellas amarga censura ao andamento
 politico das cousas. Pondo de parte considera-
 ções, que não pertencem á indole d'este jornal,
 extractamos d'ella um facto que honra a me-
 moria do rei *muito amado*, e que é referido com
 a singeleza e sinceridade que caracterisam
 quem o escreve. Diz a carta :

« El-Rei o Senhor D. Pedro V, que Deus tem
 consigo, procurou-me um dia para me pedir,
 dizia elle, um favor. Era o de acceitar a com-
 menda da Torre e Espada. Recusei ; e com a
 sinceridade que elle sempre encontrou em mim,
 expuz-lhe amplamente os motivos da minha
 recusa. Aquelle grande espirito, complexo de
 extrema doçura, de alta comprehensão, e de
 profundo sentir, debateu, sem se irritar, as pon-
 derações, talvez demasiado rudés, que lhe fiz.
 Concluiu por me dizer que cada um de nós
 podia proceder n'aquelle assumpto em harmo-

nia com as proprias convicções. Que elle cum-
 pria o que reputava um dever de rei, e que fi-
 zesse eu o que a consciencia me dictasse.

« Como os outros homenz, os reis, embora se
 chamem D. Pedro V, estão sujeitos a aprecia-
 rem mal as pessoas e as cousas. Nem eu valia
 o que elle suppunha, nem a commenda valia
 nada.

« O que valia muito, apezar do seu innocente
 erro, era esse moço de vinte e quatro annos,
 esse filho de D. João I, D. Duarte extraviado
 no seculo XIX, vindo pedir como favor ao filho
 do povo que lhe acceitasse uma mercê, porque
 entendia que o dever a isso o obrigava.

« Se a Providencia reserva no segredo dos
 seus decretos redempção e renovamento para
 este paiz, será porque elle ainda soube achar
 em si lagrimas caudaes e sinceras para verter
 sobre o ataude d'aquelle martyr. »

Lição e exemplo nos fornece este facto, que é
 rarissimo na historia dos povos e nos reinados
 dos imperantes. O rei soube apreciar o merito,
 e quiz para si a gloria da recompensa ; o grande
 historiador sustentou firme a heroica abnega-
 ção do popular. Ambos no seu posto se mostra-
 ram dignos um do outro.

Corre-nos o mundo eivado de egoismo, fera-
 cissimo de pretensões ineptas, alagado em ri-
 diculos embustes, de modo que quasi extranha-
 mos um pedido, que foi um dever ; um orgulho,
 que é dignidade de character e consciencia de
 si proprio !

Foi D. Pedro V um rei... mas um rei real e
 verdadeiro. Não pautou por outros o seu rei-
 nado, mas modelou-o para que servisse de
 norma a todos. Foi ephemero na duração...

Ostendent terris hunc tantum fata, neque ultra
 Esse sinent...

mas, benefico e probo, liberal e activo, deu-nos
 em cada passo uma lição que aproveitar, um
 incentivo que seguir ; e formou dos seus seis
 annos de reinante a página mais esclarecida
 nos fastos das monarchias.

O sr. A. Herculano enanceneu no serviço e no
 lustre da patria ; defendeu-a, com o sangue das
 veias, illustrou-a com os suores do estudo. E
 soldado e poeta, historiador e politico, tem
 sido, sobretudo, probo e honrado, d'aquelles
 de quem nos disse o poeta conimbricense :

Homem d'um só parecer,
 D'um só rosto, uma só fé,
 D'antes quebrar que torcer ;
 (Elle tudo pôde ser)
 Mas de côrte homem não é.

São os dois illustração do seculo, e gloria da

nação. Honram e justificam o partido liberal, cujos canones sagrados são a norma de um, e foram a educação do outro. Recusa o homem do povo a distincção do rei; curvou-se o rei para receber a condecoração do povo! Memoravel contraste, que prova quanto vale a liberdade, a nobreza do seu systema, a elevação dos seus principios. Gloriava-se o rei de possuir o premio das suas fadigas, a recompensa dos seus serviços; sobeja ao subdito o nobre orgulho da isempção, rara na sociedade, na côrte rarissima! Oxalá que para povos e reis fructifique o exemplo, e a lição aproveite...

A. A. DA FONSECA PINTO.



DEVANEIO

Que erradas contas faz a phantasia!

Cantões — Sonetos.

Quando eu contigo a sós, te vejo livre a trança
Cahir nos hombros nús, que á neve roubam côr,
A mente se me perde em lubrica lembrança,
Esvae-se a minha força em turbações d'amor.

Depois se já da face as rosas te descoram,
E em meu convulso peito a fronte vens posar,
Meu labio unindo ao teu, se lá mil gozos moram,
Em taça de prazer me é dado então libar...

5 de Janeiro, 1863.

LUIZ CARLOS.



AMOR E MARTYRIO

Imitação de D. Juan W. Munné

A. J. J. RODRIGUES DE MATTOS

Morte ti chama; al cominciar d'el giorro
l'ultimo instante. Al indo onde te parte,
Non tornerai!

GIACOMO LEOPARDI.

I

Já havia decorrido bastante tempo, desde que o sol occultára a sua frente de ouro, nas esverdeadas aguas do vasto oceano.

O horizonte, que semelha a um toldo caprichosamente estendido por sobre a terra, começava de trocar as purpurinas cores, pelas tenues tintas do crepusculo.

O vulto grandioso da noute baixava rapido, a tomar posse do logar d'onde o astro formoso do dia o expulsára havia algumas horas; a lua, envolta em mysteriosos veus, despontava nos confins do firmamento.

Helena, a sympathica doente do palacio d'Ulé-
ra, adormecera sentada no seu leito.

O semblante cadaverico inclinado para o peito, como a flor mimosa cuja aste o sopro do vento vergou, ostentava uma tez pallida e melancholica, aonde as tempestades da alma no seu transitio violento tinham gravado profundos vestigios.

Os cabellos, abundantes e negros, fluctnavam sobre os hombros da virgem, e á luz duvidosa do cabir do dia pareciam desenhos fantasticos de marmore preto n'um fundo d'alabastro.

O peito ondulava-lhe obrigado por uma respiração convulsa, como as ondas do mar s'encrespam ao sopro do noto forte.

A thysica consumia as forças d'Helena e a morte bradava-lhe ás portas do coração.

Aos pés da cama da doente estava sentado um joven.

Os circulos atroxeados, que lhe circumdavam os olhos, as sombras, que lhe annuviavam o rosto, demonstravam que esgotara até ás fezes o calix da amargura humana.

Com o ollar fixo no semblante immovel d'Helena, dedilhava nas cordas d'uma lyra accentos tristes e mellicosos, como o murmuro da brisa que esvoaça pela solitaria campina; eram os suspiros intimos d'uma alma enferma.

Um pouco mais distante, sentado n'uma poltrona estofada, destacava-se o vulto d'um homem de presença activa e sorriso frio, reflexo d'uma alma agitada mas forte.

Contemplava absorto as vastas amplidões do mar que lá ao longe desenrollava as suas bulicosas aguas.

— João?! disse a virgem despertando.

O joven estremeceu violentamente.

— Helena?!

— Porque não cantas?! continuou a donzella com uma voz fraca mas amorosa.

— Cantarei.

João preparou-se para entoar um cantico que compusera nos dias fugitivos de sua ventura. Sua voz, harmoniosa como o trino do rouxinol em tarde amena de primavera, ia em breve encher o espaço de suaves vibrações.

Helena estava immovel como a estatua d'um sarcophago; apenas, de quando em quando, se lhe traduzia na face a imagem d'um pensamento acerbo, que lhe occupava a mente.

O rosto de Sexto, o velho de que fallámos, tambem estava queto e sereno como o d'uma imagem das que decoram um templo gothico.

O mancebo começou assim. (1)

« Lua rainha da noute! Derrama o teu clarão virginal e suave pelos campos e valles esmaltados por lindas flores, que teus raios galvaniz-

(1) O cantico no original está tambem em prosa.

sam de prata; inunda com tua luz os precipícios das gigantescas rochas e lança-lhe um manto fantástico; beija as ondas do mar e falla-lhes d'amor!

És bella quando, arroupada de nublosas e diaphanas vestes, inclinas a fronte para escutar os amorosos juramentos de duas almas que se adoram ou os gemidos dos corações que os espinhos da saudade dilaceram.

És sublime quando ergues a pateada face no meio dos milhões d'astros diamantinos, que o Eterno suspendeu no espaço para servirem de corte á tua gloria.

Amo-te oh! lua! porque me ensinaste a sentir as intimas commoções do amor; porque és a imagem do sentimento mysterioso e enches de prazer ineffavel a alma pura e immaculada.

Amo-te! porque desnudas o mundo da realidade grosseira e material, para o povoarem de sombras fantasticas, e de arrebatadoras harmonias.

Amo-te mais que ao sol; porque se este ostenta uma titilante corda de rubro fogo, tu, singella e miaviosa, derramas o teu brilho suave nas horas silenciosas e perfumadas da noite.

Tu és o astro dos que soffrem, assim como o sol o é dos felizes.

Quando appareces na aerea região, vai o desgraçado, para quem feneceu a esperanza, regar com o pranto a campa da mulher que amou; e quando as lagrimas, que as dores intimas extraem da agonia do padecer, orvalham a lousa fria, tu escondes a face detraz do veu das nuvens e choras com o infeliz as illusões cahidas uma a uma da arvore do coração, como diz o poeta. (2)

Tu conheces os mais reconditos arcanos da alma que ou embriagam os prazeres ou as paixões despedaçam.

Acolhes as confissões de amor e não vais offerece-las á irrisão das turbas, atraíçoando a amizade, que te não creê perjura.

Escutas o respirar da selva nas horas em que o Senhor impoz á natureza o preceito do descanso.

Prestas ouvidos ás notas aérias e fugitivas que vibram os zephiros nocturnos.

Beijas o calix das flores, que, ao influxo de teus raios palpitanes, abrem o seio para arroubar a terra de doces perfumes.

Es o symbolo do idial e do sublime; quando illuminas o universo, a alma do poeta desprende-se do mundo e vai nas azas da phantasia prescrutar as regiões desconhecidas do infinito.

Lua! primor do Supremo Autor da criação, eu te saúdo, porque os raios da tua benefica luz bem depressa baterão na minha frente, quando

chegar a hora d'eu tambem prantear sobre os tumulos!»

O joven calou-se, e um suspiro prolongado escapou de seu peito.

Helena olhou para João; e duas grossas lagrimas, que lhe brotaram das suas opacas pupillas, foram a recompensa da canção do poeta.

Ao canto succedeu o silencio; a virgem cerrou as palpebras e como que adormeceu.

O mancebo chegou-se a ella, collou os labios na sua nivea mão, dando-lhe um osculo tão santo como o do filho na mãe que respeita e estremece, e sahiu do aposento.

Sexto seguiu-o vagarosamente e o silencio invadiu de novo o quarto da menina d'Uléra.

(Continúa)

HENRIQUE FREIRE.

El Poeta y la Fortuna

«Ni me demandes consuelo
ni esperes nada de mi.
Poeta marchate al cielo
que el mundo no es para ti.»

— Y siempre el mismo rigor!
y aspereza igual te advierto!
cual será, fortuna, el puerto
que quiera acujer-me? — «Amor.

« Mas ese amor que te inspira
el genio que te obedece,
y no le fallará! porque ese
demandas-lo a tu lira.»

— Y cruzare sen ventura
siempre el mundo? — «Hasta que muera»
mas de dicha, se quisieras
yo se una senda segura.»

— Vamos fortuna los dos
y como se llama? — «Mira
adular, vender tu lira»
— Vé sola Fortuna a Dios.

LEON DE LA VEGA.

OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

— RESUMO —

Nos *Lusiadas* — Apparece um gigante que os intimida e promete vingar-se de tal temeridade.

(2) Allusão a uma poesia d'Espronceda.

No Oriente — Aparece um fantasma que os intimida e promete vingar-se.

Nos Lusíadas — O Gama óra depois de desapparecido o gigante.

No Oriente — O Gama óra depois de desapparecido o fantasma.

Era melhor copiar esta passagem, para se não dizer que a imitou do principio ao fim.

CONFRONTAÇÃO 7.^a

Camões — Faz que Neptuno mande, a pedido de Bacho, reunir todos os Deuses maritimos, aos quaes Bacho diz : que se admirava como ha tanto tempo permittiam que os portuguezes, com nunca visto atrevimento, sulcassem suas aguas : que esta affronta não era só feita a elles, porque por si tambem temia que se chegassem ao Oriente escurecessem a sua gloria com suas façanhas, que assim lhes pedia, e a Neptuno, remedio a estes males. Os Deuses cheios de ira mandam promptamente a Eolo, rei dos ventos, o qual logo os solta furiozos contra a Armada portugueza. Succede logo uma tremenda tempestade, que não poucos estragos faz nas náos, e vendo-se o Gama tão perseguido, óra, a qual oração intercepta Venus (que é nos Lusíadas a protectora dos portuguezes) e descendo dos Ceus com as suas nymphas socega os ventos com promessas amorosas.

Lusíadas — Canto 6.^o Est. 6 a 91.

Macedo — Faz que satanaz reuna todos os Demonios, e lhes expõna perigos que o Inferno, com a descoberta da India soffreria, por que introduzidos alli os portuguezes, a queda da idolatria era infallivel. D'aqui sae acompanhado dos seus satellites, chega ao pé do Oceano, e vendo a Armada portugueza ir cortando mansamente as ondas, se enraiva aponto tal que promove uma temivel tempestade, que não poucos estragos fez nas naos. Vendo-se o Gama tão combatido, óra, e vem logo um anjo que tocando o mar socega os furacões e muda o vento fortissimo em zéphiro brando.

Oriente — Canto 3.^o Est. 3 a 47.

— RESUMO —

Nos Lusíadas — Ha um concilio de Deuses no mar, aos quaes Bacho mostra as offensas que receberiam dos portuguezes se estes chegassem a descobrir a India.

No Oriente — Ha um concilio de Demonios aos quaes satanaz mostra os perigos que corriam com a descoberta da India pelos portuguezes.

Nos Lusíadas — Deste concilio resulta uma tempestade, ordenada por Neptuno que bastantes destroços faz na Armada.

No Oriente — Saindo Satanaz do tel concilio

promove uma tremenda tempestade que não poucos destroços faz nas naos.

Nos Lusíadas — O Gama, vendo-se tão perseguido, óra a Deus ; porém Venus intercepta esta oração, e vem em ajuda d'elle, socegando os ventos com promessas amorosas.

No Oriente — O Gama óra, vendo-se tão perseguido, e logo desce um anjo que socega a tempestade.

Isto não precisa de commentarios. É mais uma imitação.

CONFRONTAÇÃO 8.^a

Camões — Descreve varias figuras que o Gama vê nos portões da cerca do rei de Calecut, e que representam a antiga historia da India, da Auria e da Grecia.

Lusíadas — Canto 7.^o Est. 51 a 54.

Macedo — Descreve tambem varias figuras que o Gama vê nas portas do Palacio do Rei de Calecut, cujas figuras representam tambem acções da antiga historia da India e outras partes.

Oriente — Canto 9.^o Est. 32 a 34.

Isto é tal qual o mesmo ; ha as mesmas figuras que representam as mesmas acções, só com a unica differença de que Camões as descreve nos portões da cerca do Rei, e Macedo nas portas do Palacio do mesmo Rei.

(Continúa) A. M. C.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos dous exemplares de um folheto satyrico cujo titulo é «A religião no seculo XIX» que muito agradecemos.

O seu preço é 60 reis, e acha-se á venda em Coimbra em casa do sr. José de Mesquita na rua das Covas e na Livraria Central ; em Lisboa na mesma Livraria Central, e no Porto em casa do sr. Luiz José d'Oliveira rua de Santo Antonio.

Charada

Apenas um — o — me junta,

Teras util animal..... 2

A ti bem perto me liga

Que tens util vegetal..... 2

Linda flor que te meneias

Nos jardins tãe donairosa !

Dá-me, dá-me que te beije

Tuas pet'las cõr de rosa l.

A. NOBERTO.



VEM MEU ANJO

IMITAÇÃO DE D. JUAN MUNNÉ

Jadis, vois-tu, l'avenir, pur rayon
Apparaissait à mon âme éblouie,
Cette vision
C'est évanouie.

VICTOR HUGO.

Em doces sonhos delirando amores,
Rápida, breve foi minha existencia;
Como d'inverno as solitarias flores
O vento impulsa com feroz violencia.

Louco procuro com demente anhelo
Illusão bella que meu sonho viu.
Anjo divino já não posso vel-o!
Mágico encanto que p'ra mim sorriu!

Assim luctando com a negra sorte
Vejo fanada minha linda flor.
Sinto na alma já gelada morte,
No pranto amargo d'uma intensa dor.

Mentida imagem d'illusão querida,
Ceú de minh'alma quem te escurecen?
Candido archanjo que me dêste a vida,
Ai! volve, volve d'esse puro ceú.

Oh! volta e dá-me com amor alento,
Vem que perdida minh'esp'rança jaz!
Anjo não tardes, porque meu tormento
C'um teu sorriso tu m'adoçarás.

Existo só por teu amor divino,
Oh! minh'esp'rança se concentra em ti.
Estrella pura, luz de meu destino,
Oh! vem junctar-te para sempre aqui.

Adeus! não ouves minha dor sentida?
Perdida a alma fina-se a chorar.
A vida passo como flor pendida
Entre essas ondas de agitado mar!

HENRIQUETA ELYSA.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 6

ANJO E MULHER

Capitulo 5

Teria 'naquelle instante
Mór tortura o coração?

GARRETT. *O conde de Abranches.*

Leitora amiga, para não cançar tua paciencia, será melhor que lances comigo um veu sôbre os acontecimentos dos quatro primeiros mezes, que se seguiram a está scena. Demais são elles tristes e dolorosos para entreter o espirito alegre e esperançoso de quem me lê. Começámos este nosso romance em julho; iremos continual-o em novembro.

Depois d'aquella seductora tarde, tão triste para Angelina, nunca mais um raio de fugitiva alegria illuminoti seu rosto; nem um sorriso de pallida felicidade descerrou os labios da virgem do martyrio!

Foi grande de mais o abalo para compleição tão delicada, e as provas muito duras para um espirito tão enfraquecido como o seu. Todas as dúvidas a que como tábuas de salvação, até alli se agarrava com phrenesi, cahiram a seus olhos, fazendo-lhe ver a horrorosa realidade! Era mais que certo que Jorge amava Izaura, e que esta lhe correspondia, ao menos com um capricho de instantes. E Angelina, a pobre assucena pendida, tinha-se tornado um objecto de odio para ambos, como o unico obstaculo á sua felicidade!

A pobre menina queria ainda duvidar; apagava-se com desespero a uma illusão que lhe sorria. Quiz tentar a última prova; uma experiencia terrivel que ia decidir da sua vida ou da sua morte. Para isso chamou a si todas as suas forças e exclamou:

«É preciso! sacrifique-me eu e mais ninguém!»

Pretextou uma dor de cabeça, em quanto Jorge conversava com sua irmã, e retirou-se da sala; e depois, tendo deixado decorrer alguns minutos, voltou a escutar á porta. Então foi testemunha d'uma scena que quasi a feriu de demencia.

Sua tia tinha-se tambem retirado, e Jorge, na sala só com Izaura, estava de joelhos a seus pés, e pedia-lhe, com as expressões mais vehementes que o amor pôde achar no coração, que consentisse em fugir com elle.

1 DE EEVEREIRO DE 1863

— Faço-te, dizia o joven, o sacrificio da minha honra e da minha salvação. Quem sabe se a mão descarnada de meu pae se não erguerá do tumulo para amaldiçoar nossa união?! Quem sabe se o seu brado me não perseguirá por toda a parte, fallando á minha consciencia involuntariamente criminosa, e me não deixará um instante de repouso?! E assim mesmo eu tudo esqueço por ti, desprezo os deveres mais sagrados que podem existir no mundo e ainda além d'elle, calco a opinião da sociedade e quero ser maldicto, repudiado, aborrecido e condemnado para sempre ao desprezo dos homens e de Deus, mas quero ser teu e de nenhuma outra, e quero conduzir-te ao altar e ahí jurar ante o ceu ou o inferno, que serei eternamente teu!!

Izaura ouviu-o impassivelmente, e no fim, sorrindo-se, respondeu-lhe:

— Projectos de louco, meu amigo! Não é porque eu tema a opinião dos homens, nem tão pouco a maldição de Deus, que não podia condemnar-nos por um acto que não está na nossa vontade; não é por nada d'isto, não! nem me julgues pueril ou supersticiosa, porque o não sou! mas, já que queres que te diga tudo, é porque ainda não estou bem certa do sentimento que me inspiras. Não te digo que isso não possa ser, nem mesmo que não venha a realisar-se mais cedo ou mais tarde, mas dá-me tempo para pensar: e, em vendo a loucura de minha irmã mais acalmada, então sim!

— Que te importa tua irmã? exclamou Jorge. Confesso que tambem me inspirou paixão; mas, somos nós culpados, se ella perdeu todos os encantos, que ainda podiam apaixonar o homem, que te não conhecesse?!

Angelina não poudo ouvir mais; apertando a fronte com ambas as mãos fugiu para o seu quarto, como se uma visão horrível a perseguisse. O que então se passou 'naquella alma só Deus o poderia avaliar. Prostrada no chão, rojando a frente com desespero, não soltava uma queixa, nem um gemido sequer! só de quando em quando murmurava por entre soluços estas horriveis palavras:

«— É preciso morrer, é preciso morrer!... Sou um obstaculo á sua felicidade, eu que julgava poder-lh'a dar! Estou feia, já me não póde ver! que desgraça, que desgraça, meu Deus! Pois môrra embora é seja elle feliz!

Oh Senhor! vós não me haveis de prolongar muito este martyrio, porque eu não sou má, e em nada o mereci! não é assim, meu Deus? Que crime commetti? O de o amar muito, quasi tanto como a vós? Porque me não tiraste então a vida, quando o conheci? Não posso ver a sua felicidade! isso não! não exijaes de mim este sacrificio que póde mais que a minha razão e a minha consciencia! Eu prometto concorrer com tudo o que possa para isto se concluir, mas só á hora da minha morte, para que possa morrer sem um sentimento de odio para minha irmã!»

A esta dolorosa anciedade seguiu-se um aniquilamento de forças, e Angelina perdeu os sentidos.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.

AMOR

L'amour n'a pas d'orgueil;
il embrasse les pieds qui le
foulent...

J. SANDEAU.

Eu já vivi; mas agora
Morreu-me a alma de dor;
Pois o fogo que a devora
Matou-m'a — de abrazador.
Vivia vida de fada,
Formosa vida encantada,
Que foi em fim desfolhada
Quem dissera?... pelo amor!

Mulher! oh anjo! adorei-te!
Meus cultos eram só teus!
Em meu peito colloquei-te
Sup'rior até a Deus!
Eram teus os meus amores,
Da minha alma as lindas flores,
De mancebo os meus verdoros,
Da ventura os sonhos meus!

Dei-te tudo; mas que importa
Ir-te tudo aos pés lançar,
Se essa tua alma está morta,
Não responde ao meu amar?...
Que vale do echo o gemido
Para o monte resequido?...
Que val do nauta o bramido
Para o bramido do mar?...

Toda a crença do meu peito,
Toda a esp'rança puz em ti!
Porém tudo foi desfeito
Sem que houvesse dó de mi!
Que não pagues 'num instante
A minha dor penetrante,
Esse fogo chammejante
Dos tormentos que soffri?

Se pudesse este meu brado
Dar-te vida ao coração?...
Vir trocar-me o negro fado
Na doçura da afeição?...
Mas não pôde; que és de gelo;
Teu peito, formoso e bello,
Bate sereno e singelo,
Mas não sente uma paixão!

Oh! maldicto o que primeiro
Acreditou na mulher;
Que em seu olhar traçoiero
Concentrou o seu viver!
Julga-se feliz e amado,
Mas por fim, desenganado,
Inda crê ditoso fado
Se pudesse só morrer!...

Se tu, ó virgem, no mundo
Não amas a mais ninguém;
Porque ao meu amor profundo
Correspondes com desdem?...
Porque não amas, donzella?...
És acaso como a estrella,
Que brilha, serena e bella,
E não sente amor também!...

Após negra desventura
Que me resta soffrer mais?...
Vivo longe, oh! sorte dura!
De teus dotes divinaes..
Em meu longo soffrimento
Póde só o pensamento
Minorar o meu tormento,
Lembrando-me os teus signaes.

Nas lindas margens do Ceira
Vives contente e feliz;
Tua imagem feiticeira
Rouba á rosa o seu matiz;
Eu nas margens do Mondego
Vivo em triste dessocego,
'Nesse engano duro e cego
Que desgraças só prediz.

Sonho ás vezes negros sonhos,
Que me apertam o coração;
Vêm pensamentos medonhos
Exaltar minha paixão;
Do ciume ardente brasa
As entranhas logo arrasa,
Logo em fogo o peito abrasa
Qual a chamma d'um vulcão.

Outras vezes, juncto ao rio,
Pensativo me assentei;
Ao ouvir-lhe o murmurio
De saudades me finei;
Mais feliz essa corrente
Te mirou a linda frente,
E assim corre docemente
Mais suberba do que um rei.

Tenho inveja á fresca brisa,
Doudejando pelo ar;
Em tórno de mim deslisa,
Vem minha face afagar;
Esta brisa que eu invejo,
Que em minha bôcca bafejo,
Te sorveu talvez um beijo
Nos teus labios de nacar.

Invejo o sol rutilante,
Todo rico d'esplendor,
Talvez fite o teu semblante,
Tome d'elle o seu fulgor;
Invejo além esse outeiro
Que te mira prasenteiro,
Quizera d'alli fronteiro
Dar-te um suspiro d'amor.

Mas embora essa distancia
Inda augmente por meu mal;
Não vencerá a constancia
D'este meu peito leal;
Eu votei-te amor profundo;
O meu norte 'neste mundo
É amar-te, qual segundo
Nunca amou, nem mesmo equal.

Linda virgem, formoso anjo,
Da minha vida condão,
Mais mimosa que um archanjo,
Só do ceu emanação:
Só por ti, que eternamente
Reinarás em minha mente,
Só por ti, por ti sómente
Voto a vida e coração. A. A. F. P.

OS DOIS OLHOS

Um dia d'estes pelo meio da tarde a ex.^{ma} sr.^a D. Adelaide Josephina Faria de Cerqueira recebeu pelo correio a seguinte carta:

Minha rica senhora

Eu sou um tolo com pretensões a original. Não creio em amor e não gasto tempo inutil. Se v. ex.^a se sente com desejos muito ardentes de ler escriptos meus, podêmos combinar duas ou tres cartas por semana mediante retribuição que valha a pena em hom sonante. Se lhe fizer conta a proposta, v. ex.^a dirá até onde chega a sua generosidade, e eu verei se me convem pôr de parte outros quefazerres que me dão vida.

Com todas as considerações

De v. ex.^a
muito vener.^{or} e cr.^o

Leonardo de Mesquitella e Castro.

Ora D. Adelaide ficou transida. Amarrotoou nas mãos o papel, passou-lhe uma nuvem pelos olhos, e cabiu extenuada sobre uma cadeira. As duas por tres estava sem sentidos. Foi uma grande cousa em taes alturas. O desmaio é somno d'alma, e em quanto se dorme colhem-se forças. Nas mulheres sobre tudo o desmaio é uma grande arma e um grande recurso. A natureza, que deu garras ao tigre, dentes ao javali, pernas á corça, astucia á raposa, casca á tartaruga e veneno ás serpentes, deu o desmaio ás mulheres. Vale-lhes de tudo isso:

É uma these verdadeira, cuja demonstração deixo á experiencia dos leitores, mas sem applicação ao nosso caso, porque D. Adelaide estava sosinha. E sos comsigo ainda, ás vezes, as mulheres são sinceras.

No que aliás se parecem muito comnosco. Queixámo-nos todos, e, ou todos temos razão, ou nenhum a tem. Opino pela segunda. Quem tem telhados de vidro não atire aos do vizinho.

Uma hora depois estremeceu D. Adelaide. Passou a mão gelada pela testa, aspirou com força e abriu os olhos. Ficou pasmada de se ver no chão. Pouco e pouco veio vindo a

memoria, depois a intelligencia, depois a percepção, a final viu claro o que e porque da sua posição horisontal.

Tornou a ler a carta, e ainda sentiu um abalo estranho: leu-a mais duas vezes e riu-se d'ella. Admirou-se da originalidade, e sentiu-se ufana de ter merecido uma carta original. O auctor, se o estimava d'antes, mais o ficou estimando agora.

Pois que o estimava é certo.

Estava ella aqui ha tempo no theatro de D. Luiz, eram dez horas da noite, conversando bem descuidada com a mana mais nova que lhe ficava ao lado, quando entrou a sentir um incómodo desusado, que nem era dor nem tambem prazer. Era um desassocego indeterminado, uma sensação indistincta, de que ella queria e não queria ver-se livre.

Volveu olhos á plateia, por acaso, talvez. E tambem por acaso foram elles deparar com outros que de lá a estavam fitando com uma fixidade medonha.

Virou-se logo para dentro, e de modo, que a mana disse-lhe:

— Que tens tu?

— Nada: respondeu ella. Porque?

— Estás tão córada...

— Eu? Ora essa! Dizias tu que o Brandão te prometteu mandar vir a *Fôrça do Destino*, logo que chegue a Lisboa...

— Era isso, pouco mais ou menos. Mas para onde estás tu a olhar?

— Para a plateia; pois para onde queres tu que eu olhe?

— Mas para quem?

— Para ninguem, porque olho para todos; tens perguntas!... A mim disse-me elle...

— Elle, quem?

— O Brandão.

— Ah!

— Parece-me que tu é que estás distrahida?!

— Estou concentrada, que é differente. Diz lá.

— Disse-me o Brandão que o Verdi vem brevemente a Madrid só para ver desempenhar aquella sua última ópera.

— Já é. Conheces aquelle homem, que está num dos primeiros bancos, com um binoculo de marfim?

— Aonde?

— Alli, quasi no centro do theatro. Olhe, lá está o binoculo assestado para o nosso camarote.

— Não vejo.

Via, via. Eu jurava-o, se o juramento não fosse um peccado tamanho. Mas D. Adelaide disse que não, lá teria seus motivos.

Notem o conhecimento d'arte com que eu digo — motivos, e não razões. Para mim é de fé que as mulheres determinam as suas acções, quasi sempre, por motivos, e quasi nunca por conhecimento de razões. Vejam no dictionario de synonymos a differença d'um termo a outro.

E vindo ao assumpto, posso affirmar que aquella noite marcou um periodo novo no viver de D. Adelaide.

Acabou o theatro, foi para casa, recolheu-se ao quarto e tentou adormecer. Não houve de que. Poz-se a scismar. E o resultado foi que no outro dia estava pallida. O mal e o bem á face vem.

Em compensação dormiu d'uma assentada a noite seguinte. Isto não será romantico, mas é verdade. A natureza tem necessidades imperiosas, e o dormir é uma d'ellas. Entretanto, quando acordou, a primeira lembrança que teve foi d'aquelles dous olhos que a fascinaram d'um modo incrível.

Mau é pensarem as mulheres 'numa cousa duas vezes, e peor ainda pensarem 'numa pessoa. A cousa querem-na: a pessoa... gostam d'ella, vá lá.

Passaram oito dias e mais de oito acontecimentos, que lhes não digo porque os podem adivinhar. A final D. Adelaide rompeu 'num excesso, que nem sei como o hei de dizer. Não me acreditam de certo. Practicou um attentado inaudito: escreveu uma carta.

Oh leis! Oh costumes! A que estado nós chegámos! E ella vive!!! Vive?... Apresenta-se em público, vae á missa, vae ao theatro! Ceus e terra se confundam e á confundam, sobre ella vomite o inferno as lavaredas todas!

Sim, minhas senhoras; quanto v. ex.^{as} quizerem. E tanto mais, quanto a carta que escreveu foi a primeira e foi séria. O que nem todas fazem. Expoz 'num papel o que estava soffrendo de inquietação, dobrou esse papel sem tenção nenhuma, e mandou-o pelo correio a quem o tinha inspirado. É uma historia simples e innocente.

Nas vinte e quatro horas que demorou a resposta, arrependeu-se duzentas e quarenta vezes, na razão de dez por hora. Mas o ar-

rependimento não lhe valeu de nada, e a carta valeu-lhe a resposta que mostrei.

E depois...

Veremos.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA.

NO ALBUM

DE

A. F. ALVARES DA COSTA TEIXEIRA E BRITO

DEDICADA À EX.^{ma} SR.^a

D. AMELIA JANNY

Se aljofares te chove
Na tez pallida e fina

A mão dura e moftina

Da desgraça, que o seio opprime e estreita,

Tens da poesia o dom que a dor remove

Que no peito infeliz balsamos deita,

'Nella procura allivio.

Quando em teu collo niveo

As tranças se desgrenham,

As finas tranças d'ebano tão escuro,

Que em cada ondulação a luz redobram;

E no liquido puro

Os olhos se te banham,

Pintando os ceus que sobre ti se dobram;

Quando alada a mente

Na doce inspiração

Ensina ao coração

Como no ceu se sente:

E vóa livre n'amplidão sem veus;

Então do mar das penas

Quão longe os escarceus

Se sotopõem ás aguas tão serenas!

Mas sei que ha 'nesta vida um arido deserto

Onde vamos firmando um passo vão e incerto,

Onde vem longe em longe um oasis, que se vae,

E, como o ar subtil, nos deixa e lá se esvae!

E sei tambem que o mundo é só dos desditosos,

Que estes annos crueis a todos são custosos;

Comtudo a fronte erguendo aos dias de mais luz,

Se 'nesta sombra densa um claro me reluz,

Descanso e folgo um pouco, e vejo 'num momento

Que vem dia melhor após o soffrimento.

27 de novembro de 1862.

SANTOS VALENTE.

UMA PAGINA DE ROMANCE

Em quanto mil e mil no largo mundo
Dormem em paz sorrindo, eu velo e penso,
E julgo ouvir as preces por finados,
E ver a tumba e o fumejar do incenso.

A. HERCULANO.

Quem ha ahí que não chore o mancebo,
que na quadra mais bella e esperançosa da

vida, aos vinte annos, desce ao tumulo? Quem ha que se não magõe de vel-o, tocado pelo sópro da morte, definhar-se e myrrhar-se até volver-se cadaver? Quem ha que se não dôa, se vê desfazer-se-lhe a aureola de gloria, que no futuro o aguardava?!

Dizei a um homem qualquer. Um mancebo na flor da idade encetou a sua carreira nas sciencias, na milicia, nas artes, etc. Promettia muito. Era o prazer de seus paes, que se ufanavam de ter dado o ser a tal filho; era esperanza para a patria, que 'nelle aguardava um cidadão prestante; era um amigo para todos, porque todos conheciam as qualidades, que o ennobreciam — e esse mancebo morreu. Attentae bem que 'nelle descobrireis signaes de pesar.

É natural. O coração do homem, se o não perverteu a práctica do crime; se um cynismo requintado lhe não obliterou de todo o sentimento, o coração do homem, digo, não fica indifferente aos males dos semelhantes. Eu tambem chorei a morte de alguem, que vivia a vida dos vinte annos; chorei-a, porque, homem, ferem-me tambem os males dos outros; chorei-a, porque li as últimas palavras que escreveu, palavras repassadas de saudades do mundo, que ia deixar, dictadas pelo duvidar na immortalidade, tomadas em fim da unção da fé, porque mais proximo da morte, mais inclinado sobre o túmulo entreviu a eternidade, e 'nella Deus, e com elle os que na terra tinham já vivido a vida de transição. Assisti á lucta de ideias e sentimentos, que se lhe travára no espirito, quando conheceu que a morte lhe destendia o fio da vida, até em breve lh'o quebrar. O sentimento do infinito elevava-se-lhe até á immortalidade, guiava-lhe o espirito até Deus; a philosophia adulterada fallava-lhe só em terra... em pó. Aquelle, a quem me refiro, fructo primeiro e unico do amor, que tanto do coração uníra seus paes, era tambem o seu idolo. A infancia foi-lhe curada com desvelo. Sobravam para isso os meios; pedia-lhe o amor de pae e mãe.

Chegára a idade de lhe darem educação, e a carreira das letras foi-lhe desde logo destinada. Entrou e proseguiu 'nella com fructo; amou os livros, e um estudo aturado era a sua occupação quasi constante. Mereceu-lhe especial predilecção o estudo da philosophia racional. Metteu-se 'num mar de abstracções, e a fé, que em tenros annos lhe incutiram

seus paes, ainda verde, vacillou; a religião converteu-se-lhe em indifferentismo. Não que a verdadeira philosophia seja contrária á verdadeira religião, que em face d'aquella se ostenta esta em toda a sua verdade e pureza; mas por ventura que tinha bebido muito nos escriptos d'aquelles, para quem o homem não é mais que um pedaço de barro, que, tornado em cinza, o vento fará desaparecer para sempre. D'aqui vinha a lucta, que ás portas da eternidade se lhe travára no espirito. Não admira. A mentira veste muitas vezes as côres da verdade, e aquelle espirito não tinha o vigor bastante para extremar o verdadeiro do falso.

Adoeceu primeiro de ligeiros incommodos, que recrudesceram com o tempo até que cahiu 'num leito, que se requeitou pela febre; a febre estuou-lhe nas veias, e a vida expirou-lhe nos labios!...

Conheceu que lhe fugia, e 'neste estado sentiu necessidade de dar expansão ao que lá lhe ia por dentro. Com mão trémula e mal segura escreveu assim:

«Não me digam que lá fóra os dias são lindos e vivificadores!

«Não me digam que são lindas as noites! que a lua estirando seus raios prateados sobre as aguas, os reflecte docemente!... Não me digam que o rouxinol descanta aquelles hymnos de amor que tão suavemente nos acordam o sentir!

«Não me digam o que é ir procurar, no decahir d'uma tarde de estio, um logar ermo e elevado; de lá olhar para a terra, e ver desdobrar-se diante dos olhos uma esteira de verdura; estender a vista so longe, lá muito ao longe, e descobrir um largo horisonte!... logo, mais tarde, quando mais as sombras apertam a luz do dia, ver destacar-se na abobada azul do firmamento uma estrella, e logo outra, depois muitas, muitas, infinitas... e deixar revoar a alma por tudo aquillo... a alma?... Não sei.

«...Não me digam, não; não me digam nada d'isto, que é matarem-me mais cedo. Ás portas do tumulo não me encareçam as bellezas da terra, que é torturarem o pobre, que sente a lage fria da campa a descer sobre elle; que vê aberto um tumulo, que vac prival-o de suas mais caras affeições!... Estou na idade dos vinte annos, 'nesta idade, em que o homem poetisa tudo, em que não vê senão o

lado bom das cousas, 'nesta idade de illusões, sim, mas illusões, que nos fazem felizes: e comtudo sinto já um pé escorregar-me para a campa; vejo-me suspenso entre o tempo e a eternidade!...

«Oh! é triste morrer 'nesta idade! é mais triste ainda sentir que se morre, ver esvasiar-se a ampulheta, que nos mede os ultimos momentos de existencia, ouvir o bater compassado do relógio, que é como o ranger da lage tumular a descer sôbre nós... sentir... ver... apalpar a morte! E eu que tinha este coração cheio de esperanças! que antevia um futuro feliz! É horrivel pensar 'nisto; é mais horrivel ainda este duvidar ás portas do tumulo d'uma vida futura!

«Philosophia! philosophia! mataste-me as crencas; deste-me em troca das vigalias, que te dei, este duvidar pungente, que agora tanto me tortura o espirito, tão agro me pésa no coração!

«Se podesse crer que entre o tumulo ha dois mundos, o mundo transitorio, coberto de espinhos e urzes, e um mundo para que não houvesse medida de tempo, coberto de flores sem espinhos, a rescenderem o aroma da bemaventurança 'numa atmospherá a renovar-nos a vida constantemente; se podesse crer de fé firme na immortalidade, então a morte não me faria horror.

«Para os que crêem na immortalidade, para esses, deve a morte perder o que tem de acerbo; o horror do sepulchro para elles deve converter-se em luz de bonança... Mas a este desejo, a esta aspiração á immortalidade, não corresponderá alguma cousa de real? A avezinha tem o insecto, que lhe mata a fome, o grão de trigo, que o ceifador despreza, o regato nos prados para saciar a sêde, o calor do sol, a sombra das arvores — para cada necessidade um meio de satisfação. A planta, se um sol abrazador a fez murchar, não se myrrhará de todo: algumas góttas de agua lhe farão adquirir o viço, o só rosciar da noite lhe dará vida. Os animaes todos encontram para cada necessidade uma satisfação.

«E não será assim para o homem? A esta necessidade da alma, que yae além do tempo, do espaço, a este sentimento do infinito, que não cabe na terra, a este vasio do coração, que não enchem poderes, riquezas, honras do mundo, corresponderá sómente o nada?... Não, não póde ser!... Sinto o espi-

rito, a alma a querer desprender-se-me do corpo, e solta d'elle subir... subir até perder-se no seio do Creador!...

«Por entre esta nuvem de morte, que se me acercou do leito, lá diviso ao longe, no extremo horisonte, um anjo, que me aponta a patria celeste... Por entre as portas do tumulo, que ahi estão abertas vejo a mansão dos justos, que vivem na paz do Senhor!... Bemdicto sejaes, Senhor, que me restituiste a fé.»

'Neste momento a penna cahiu-lhe das mãos; elevou os olhos ao ceu; balbuciou algumas palavras de oração: suspirou... morreu!...

ABEL P. DO VALLE.

AO PÚBLICO*

Quando o genio illustra a scena
É bom que as palmas e bravos
Se tornem do genio escravos,
Que o triumpho é d'elle já;
Se o talento a venda rasga,
E se o mundo se revela,
Conquista a gloria mais bella
Que o proprio valor lhe dá.

Mas hoje na frente joven
De quem, apenas na infancia,
Aspira ainda a fragrancia
D'essa idade toda amor,
Não póde altivo talento
Fulgar á luz do genio;
Não póde sôbre o proscenio
Notar-se eximio valor.

E porisso a gloria toda
D'estes bravos, d'estas palmas,
Só pertence ás nobres almas
Que ao trabalho alento dão.
O futuro embora traga
Novas c'rôas, novos louros:
De hoje temos mil thesouros
D'uma eterna gratidão.

LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA.

* Estes versos foram derramados na plateia do theatro de S. João, no Porto, em 4 de dezembro de 1862, por occasião do primeiro concérto do joven pianista Hernani da Fonseca Braga.

PAGINA INTIMA

Vinte annos! mais um passo na escala do infortunio, mais um grão que da amputação do vivo cái na lage que tem de sumir o finado!! Vinte annos! serão o laço extremo d'uma cadeia de dores, e o olvorecer d'uma nova phase de dictas ignoradas, ou o preludio de mais fortes e encontrados embates no mar da vida, e a transição d'um triste desalento para as trevas impenetraveis do desespero?...

Vinte annos! e as flores da juventude, ainda no seu desabrochar para o sol da felicidade, que lá ao longe presentem nos confins do horizonte futuro, elanguecem pendidas, descoradas e murchas, privadas da seiva vitalicia, fanadas pelo sopro mortifero d'uma arida indiferença! Que é da esperança, esse orvalho celeste, que as reverdece e anima? que é da crença, esse suave calor da alma, que as irradia de brilhantes e puros raios? que é da vida, que é da felicidade emfim?! Nada, sempre nada! Lá jaz tudo sepultado nas ruinas d'um passado feliz, mas doloroso de recordar!...

Vinte annos! esta paragem brilhante e adornada da vida quasi sempre, é ás vezes um como sepulchro vasio de sensações, onde o espirito reclinado gosta de ir sondar as profundas trevas d'esse cahos que nos espera.

Agora, rasgado o veu diaphano das illusões, despidas as vestes d'uma mocidade ficticia e irrisoria, resta cobrir com as mãos os olhos, e resvalar com vertiginosa rapidez pelo despenhadeiro da incerteza, até ao abysmo tormentoso do desengano!

Vinte annos! e os olhos recuam do futuro para seguir a alma, que se volta para o passado, saudando-o no seu extremo adeus!

«Haverá paz no tumulo?» triste e sublime pensamento é este, que saiu da penna mais illustre do nosso Portugal, e que de continuo assalta o espirito, ferido do desalento da vida, reclinado sobre as campas e pedindo aos vermes o segredo d'aquelle silencio e os mysterios d'esse mundo desconhecido, para onde todos caminhâmos.

Não ha lagrimas que reverdeçam as cinzas calcinantes do edificio, que o *simoun* da alma abalou e desfez! Em quanto nos labios não expirar o derradeiro sópro da vida, en-

tre aquellas ruinas ha de palpitar a dor incisiviva d'uma recordação afogada em espinhos.

Ha vinte annos, pela primeira vez viu a luz a criança, e soltou um vagido doloroso e triste, que devia de ser o prologo d'uma longa carreira de heroicos infortunios!...

Vieram os afagos, vieram os carinhos e vieram os cantos que a embalarão no berço; mas veio tambem o anjo das lagrimas sellar-lhe na fronte o lemma d'uma fatalidade precoce e irremediavel.

Era o destino; quem podia fugir-lhe?... Flores, aromas, cantares alegres e suave luz do ceu, tudo contribue para lhe desmentir essa existencia de prantos, vaticinada no berço! é em balde que a mesma natureza lhe apresenta uma feiticieira illusão!... a convicção da desgraça lá lhe está gravada na consciencia!...

Venha mais um anno; e, quem sabe? talvez que as flores da primavera brotem da campa, que encerra vinte annos de calados soffrimentos.....

Janeiro 1 de 1863.

SOUSA.

A L.

Era noite! e mil astros dourados
Se estendiam no manto do ceu.
Em meu seio pendeste a fronte,
E ao meu labio collastes o teu.

Nova aurora surgia na mente,
E a meu seio te uni com ardor.
'Nesse instante jurára perder-me,
Taes assombros sentia d'amor!

Vem a par do prazer a amargura;
Que depois te esqueceste de mim!
Ai! então doce amor me juraste,
E esse amor breve teve seu fim...

ALFREDO ELYSIO PINTO DE ALMEIDA.

Charada

Topei hoje um meu amigo 2
Meia mula alli lhe dou
E logo c'um barco fico! 2
Linda flor dos prados sou.

A. NOBERTO.



LAGRIMAS DO PROSCRIPTO

como ao pé do seu penar
todo o penar é mesquinho.

THOMAZ RIBEIRO. D. Jayme.

Oh! terra da minha infancia,
Única terra que amei,
Posso saudar-te em distancia,
Que, ai! de mim, não te verei!
Zephyros brandos, perdidos,
Levai meus tristes gemidos;
Aos entes que lá deixei!

Dizei-lhe que soffro magoas
Que um escarao são aqui;
Que ninguem suspeita as fragoas
Que ao deixal-os eu senti;
Que não tenho um peito amigo,
Onde possa achar abrigo
Contra a dor que combati.

Os astros que aqui reluzem
Não são do meu Portugal;
Com que fogo lá traduzem
Nosso sentir tão leal!
A lua da minha terra
Quantas bellezas encerra
Em seu fulgir ideial!!

Esse rio que além vejo
Não tem o doce embalar
Das puras aguas do Tejo,
Onde tanto fui brincar.
Não tem seus doces queixumes
Nem reflexos de mil lumex,
Que lá se vão espelhar!

Oh! astro ardente e sem brilho
Ail não és o mesmo soll.
Lá douras o tomilho
Com rosea cor d'arrehol,
Aqui reflectes na areia
Em chispas de que se ateia,
Mais d'um ardente pharol!

O rouxinol das ameias
Não nos falla aqui d'amor;
Perdido lá nas aldeias
Da minha patria ao calor,
Respira sempre o aroma
Que exhala a copada coma
Das larangeiras em flor!

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 7

A suave primavera,
Mimosa fada d'abril
Sempre lá me apparecefa
Cheia d'encantos, gentil:
De galas cingia os montes,
Coroando suas fronteas
De flores a mil e mil.

Aqui, nunca a natureza
Póde mudar de feição.
Sempre, sempre a mesma asp'reza,
Sempre uma ardente estação,
Sempre um deserto sem flores,
Sempre os bosques sem cantores,
Sempre a mesma solidão!

Solidão! ail se soubessem
Quanto custa assim viver?!
Se uma familia tivessem
Que não mais pudessem ver?!
Se assim fôsem arrojados,
De seu seio separados,
Para nunca mais volver?!
Se já sentiram no peito
Doer de saudade atroz,
Que ao amor outr'ora affeito
Se visse por fim a sós...
E da familia o gemido,
Ver triste, repercutido
Morrer-nos 'nalma sem voz!

Curvem-se então ao martyrio
Que soffro sob este ceu
As imagens que o delyrio
Em tella fiel me deu.
Da minha terra a lembrança
Retrata com similhaça
Tudo... tudo... o que perdeul

Adeus patria minha qu'rida,
Não renegues quem te amou.
Que por ti daria a vida
Quem assim te idolatrou.
Que tudo, tudo faria,
Por voltar ainda um dia
Ao seio que m'embalou.

Se esta cruz é minha sorte,
Eu devo leval-a só.
Venha o sudario da morte
Envolver-me em frio pó!
Espero a campa, cansado
De viver, que o desgraçado
Deixa este mundo sem d'ol!

Nem terei 'nessa hora extrema
Um mensageiro de Deus,
Que venha, dita suprema!
Ouvir meu último adeus,
E leval-o 'num gemido
A sposa e filho querido
Se eu for espra-os nos ceus!!

Lodeiro, 29 de outubro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

15 DE FEVEREIRO DE 1863

ANJO E MULHER

Capitulo 6

Os soccorros são baldados
Quando morre o coração.

GARRETT. *O Massinga.*

Quando voltou a si, despertou ainda com estas palavras nos labios:

«É preciso morrer, e quando ainda mal conhecia a vida! Mas no ceu tambem se vive, e eu hei de ser feliz nos braços de minha mãe!»

Dizendo isto, olhou-se num espelho; e, vendo a horrorosa pallidez que lhe cobria as faces, murmurou no amago de sua consciencia:

«Tem razão Jorge; que eu sou uma flor murcha, inclinada para o tumulo, em quanto que minha irmã se ergue viçosa, dourada pelo sol da vida e do amor! que este a faça feliz!»

Tendo acabado de proferir estas palavras, aspirou um frasco de vinagre aromatico, molhou com elle as fontes da cabeça e saiu.

Quando entrou na sala, sua tia correu para ella, pensando que iria cair; mas Angelina socegou-a com um sorriso, e dizendo-lhe ao mesmo tempo que já estava melhor.

Agora que passaram quatro mezes sobre estes tristes acontecimentos, leitores, vindes pedir noticias de Angelina ao romance, ou a quem tem a honra de vos entreter com estas frivolidades?!

— Izaura, tua irmã deseja fallar-te; vae, minha filha, vae, não a faças esperar, que poucos instantes terá ella para viver.

— Então, minha tia, Angelina está peor?

— Supponho que sim, e muito, porque pela primeira vez me disse que estava doente!

— E de que se queixa? exclamou a joven com certo mau humor. Nada me custa tanto como ver soffrer sem saber de que, nem o que se lhe ha de fazer. Ella não quer medico...

— Porque sabe que a sua doença é incuravel, disse-m'o ha um instante, com aquelle ar prophético que nunca nos engana. Tu bem sabes o que aconteceu já pela morte de tua mãe.

— Pois sim, sim, minha tia, isso são visões. Mas eu vou vel-a, e hei de obrigar-a a

aceitar um medico; isto não póde ser assim; que dirão de nós?!

— Digam o que disserem, minha filha, primeiro que tudo quero evitar-lhe o menor desgosto; visto não querer medico, não o terá.

Izaura, sem dar ouvidos a sua tia saiu precipitadamente da sala, e correu para o quarto de sua irmã, a qual achou encostada nos travesseiros da sua cama, e antes risonha do que triste.

— Já vens? interrogou Angelina, levantando a cabeça ao ruido que Izaura fazia entrando.

— Aqui me tens, minha irmã, e bem sabes que não era preciso mandares-me chamar para eu vir saber da tua saude; parece-me que nunca faltei...

— Nunca, isso é verdade; tambem eu quero ser reconhecida; olha que te amo muito, muito, minha irmã, disse Angelina tomando a joven para si, e abraçando-a com ternura.

Uma subita vermelhição tingiu as faces d'Izaura, que olhou mais fixamente para sua irmã, notando-lhe no rosto os destroços da doença.

— Então, minha filha, continuou Angelina, não tens uma palavra para tua irmã? não lhe dizes que a amas tambem?

A esta inesperada interrogação, Izaura ficou enleada, sem poder articular palavra. Era difficil a situação para ambas; Angelina podia abusar d'aquelle instante de fraqueza de sua irmã, para a obrigar a uma confissão; mas ella queria empregar meios mais brandos; e, sem parecer notar aquelle enleio, disse-lhe, tomando-lhe as mãos, e dando á sua voz as inflexões mais ternas:

— Izaura, eu tenho aquella terrivel febre, que consumiu e levou ao tumulo nossa mãe, e que em breve me levará tambem a mim. Já sabia que havia de morrer assim, mas tão cedo não pensava! emfim Deus o quer, e é a sua e não a nossa vontade, que se deve de cumprir.

Angelina fez uma pequena pausa, durante a qual Izaura exclamou:

— Mas porque te obstinas em não querer um medico? elle póde-te ainda salvar.

— Illusões, minha filha, murmurou tristemente a joven. Que bem fizeram os medicos a tua mãe? livraram-n'a da morte? alliviarão-lhe ao menos os soffrimentos? Não! nada

d'isto fizeram; e a mim succederia ainda peor. Acredita, minha irmã, ha doenças de que só o poder de Deus nos salva; e a minha está 'nesse caso. Mas, para que me entretenho com estas cousas, quando te mandei chamar para negocios mais importantes?!

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.

AMISADE

(A Rosa)

Amitié, pure flamme!

P. DE FLAUGERGUES.

A amisade, que os peitos nos une,
Jámais ha de no mundo murchar;
Sentimento divino não morre,
Não nos ha de a amisade acabar.

Póde o mundo, que é grande, que é forte,
Em seus eixos tremendo ranger;
Mas o fogo, que a alma alimenta,
Só comnosco ha de vir a morrer.

Os momentos, que passo a teu lado,
Dão-me encantos, dão vida e frescor;
Teus carinhos abriram meu peito
As moções da amisade e do amor.

Minha Rosa, meus votos no mundo
São por ti, por ti só, e mais não;
Conhecer só tu podes, amiga,
Os segredos do peito quaes são.

A. A. F. P.

TRADUÇÃO DE CATULLO

À MORTE DO IRMÃO

Oh! meu saudoso irmão! Tenho corrido
Mil diversas nações, e venho agora
Dar-te o último dom, devido aos mortos,
E um vão adeus dizer ás cinzas mudas!
Porque morto és emfim! Cruel destino!
Que fiz para perder-te?... Agora resta
De nossos paes cumprir antigo rito
Em tua campa deponho, irmão, a offerta,
Funebre offerta em lagrimas banhada;
Recebe-a tu, e adeus... adeus p'ra sempre!

A. L. SANCTOS VALENTE.

OS DOIS OLHOS

(Continuação)

Recebida e lida a carta, D. Adelaide já dissemos como cahira e se levantára. E mais dissemos que muito mais ficára estimando o tolo original, como por modestia se appellidava o signatário d'ella. Tinha a consciencia de que era a unica mulher que tinha recebido uma carta assim. Isto lisongeava-a, e ás mulheres tomam-se infinito da lisonja. Ainda mais do que os homens.

Mais não digo; mas tanto, de certo. O que é muitissimo.

Quando um dia se inventar, que ha de inventar, creiam no progresso, um lisongeometro, poder-se-ha então determinar com segurança qual dos sexos sobreleva o outro 'neste particular. Em muitas cousas está sabido que os homens são muito superiores.

Em ridiculo, por exemplo.

Não produzo provas, porque eram capazes de dizerem que estou a talhar carapuças para cabeças alheias, quando eu, a maior parte das vezes, se alguma talho, pela minha a meço e talho.

Pela minha cabeça: de carapuça não uso, salvo de alguma com que me obsequieiam os meus amigos. D'essas sirvo-me; mas por pouco tempo. Têm sido todas de tão má fazenda, que de per si mesmas se estragam e inutilizam 'num instante.

Palavra puxa palavra, e aqui estamos nós a gastar tempo, e tinta, e papel, e penna, e paciencia, com uma frioleira que não presta para nada.

Voltemos á D. Adelaide.

Anda ahí uma eschola de reformadores, que fazem guerra de morte aos acentos. Imaginem que este escriptosinho ia cahir ás mãos d'um dos taes, e que tirava o acento ao *a* que precede D. Adelaide. Ora vejam o que ficava. Nada menos do que a pobre menina de pernas p'r'o ar. Havia de ser lindo. E decente, pois não. Sempre ha reformadores!... Outra cousa. Por um erro typographico o *a* desaparecia. Então é que nem a salvava a amphibologia. A cambalhota era certa. Sempre as mulheres estão sujeitas a cousas!...

Aquella carta exigia uma resposta, e não era D. Adelaide quem deixaria de a dar. O modo como, é que tinha suas difficuldades.

Pensou dois minutos, tornou a pensar, e escreveu:

III.^{mo} Sr.

Não sou rica, mas não sou pobre. Os seus escriptos muito os desejo. Diga-me quanto valem dois por semana, incluindo já esta carta imaginosa que me mandou. Eu de mim é que não sei preço que pague o quanto a estimo. Mas não se tracta do quanto valem para mim, senão do em quanto v. s.^a as avalia. Diga-o, que satisfação logo.

De v. s.^a, etc.

Fechou a carta, e, ao escrever-lhe o sobrescripto, parou.

Parece que tornou a si do sonho magnetico que lhe dirigira a cabeça e o braço.

Passou a mão pela testa, e perguntou a si mesma:

— Que escrevi eu aqui?

E demorando a reflectir, não atinou. Abriu de novo a carta e leu.

— Estou doida! — disse consigo. Isto é lá cousa que se escreva a um homem, cousa que eu possa escrever a um homem tal?!

E para aproveitar este pensamento razoavel, que receiava perder outra vez, pegou na carta e lançou-a ao fogo.

Quero dizer que devia lançar se tivesse fogão. Causa que em Coimbra é perfeitamente inútil. Inútil não é o termo: deve ser, superfluo, ou, escusado. Parece que não, mas inda é custoso arranjár epithetos apropriados ás cousas.

Escusado é de certo um fogão em Coimbra. Quem vive 'nesta terra, sem ter nunca vivido 'noutra, não sabe o bem que gosa. Cuida que tudo assim é. Pois engana-se. Portugal tem um clima fagueiro: Coimbra tem-no fagueirissimo. A differença é de positivo para superlativo.

Pois faz-me falta agora um fogão. Aquella carta queimada 'num fogão ficava romantico, francezmente romantico. A verdade, se eu a disser, não lhe acham graça. D. Adelaide queimou a carta na luz do candieiro. Que cousa!

Mas sempre ficou sem ella, e era necessario escrever outra.

E se não escrevesse? Se não dêsse resposta?

Tambem lhe passou pela ideia. Mas não podia ser. Um homem fal-o-hia, uma mulher não; uma mulher amante muito menos. Um

homem fazia-o por despeito: uma mulher que ama não tem despeitos. Se os tem, não ama. Sirva isto de norma a quem precisar. A mulher quando chega a amar verdadeiramente, identifica-se de tal modo com quem ama, que se considera um todo unico, cujas partes não se escandalisam uma da outra. Ha hoje mais de dez annos que aprendi isto na *Corinna*, e desde então inda não encontrei um exemplo em contrario. Pois tenho estudado. O que é raro, excessivamente raro, é o amor verdadeiro. Ha milhares de sentimentos na alma que á primeira vista se parecem com elle, e que o não são. E nós não os differenciamos. Illudimo-nos tanta vez! Ou seja de outrem para nós, ou de nós para outrem. O conceito de que se ama só uma vez na vida, tenho para mim que é exacto. Assim nós sejamos tão felizes, que cheguemos devéras a amar e ser amados. Dá-se pouco. A organização social tem grande parte da culpa. E entretanto vive-se. Por onde se prova que o amor não é essencial á existencia. Deixem fallar poetas e romancistas. Ha muita gente, a maior parte, que vive e morre sem o conhecer nunca.

D. Adelaide inda tentou não responder. Esperou vinte e quatro horas, esperou quarenta e oito, e entrou o terceiro dia. Era Domingo. Depois da missa da Universidade, vinha ella a sahir a porta ferrea, quando depara de repente com o seu demonio tentador a vir da rua do Norte. Parou elle um instante para a deixar passar, e depois indireitou pela de *Entre Collegios*.

Mas esse instante foi terrivel. Aquelles olhos de fogo fulminaram-na.

A pobre menina foi até ao Jardim, ao Penedo da Saudade, deu volta pelas Theresinhas, mas tão a contra-gosto, tão só para satisfazer, que ninguem da companhia deixou de notar-lh'o.

Que conceito estaria aquelle homem fazendo d'ella? Aquelle homem a quem tinha escripto uma carta do fundo d'alma, e que lhe respondera uma extravagancia tamanha?

E aquelle homem seria realmente um monstro, ou aquella carta seria uma sonda? Que exprimiria aquelle olhar? Estaria elle zangado da falta de resposta? E que resposta devia ella dar?

'Nisto foi cogitando todo o caminho, 'nisto cogitando entrou em casa.

Recolheu-se ao quarto e fechou a porta. Sentia-se acobrunhada de tristeza immensa. Sentou-se como estava numa cadeira, sem força ter de tirar ao menos o chapéu.

Acertou de ficar por acaso virada para a janella. Estava um dia lindissimo. Lá fóra não bulia uma aragem. A natureza estava socegada e alegre, em pleno góso de si mesma.

E D. Adelaide viu isso de relance, e deu-lhe vontade de chorar.

— Porque não havia eu de ser uma ave, ou uma planta? Ellas gosam e eu soffro! Meu Deus, pois isto é assim?!

E saltaram-lhe dos olhos as primeiras lagrimas. Lagrimas que significam o primeiro desengano na mais suave illusão d'uma menina. Feliz a idade em que se choram! E mal haja o homem que lh'as faz verter, que não sabe os thesouros de ventura que alli se perdem!

Nem a responsabilidade enorme que d'ahi lhe vem! Ha vidas inteiras de soffrimento que não têm outra origem. Uma desillusão dura, em alma virgem, abre ferida que tarde fecha. E cicatrizar, nunca. Ou a cicatriz significa morte d'alma, a suprema desgraça.

Duas consolações ha no mundo para as grandes dores: a oração e as lagrimas. D. Adelaide depois de chorar ficou melhor.

Ergueu-se d'onde estava, enchugou os olhos, e foi tirar o chapéu. Tirou tambem a capa, tirou as luvas, e assim desembaraçada foi sentar-se á janella.

A janalla, como tantas outras d'esta terra, abria para um horisonte extenso, variado e bello. Ao longe serras; aos pés o rio; nas margens veigas. E na serras a alvejar a neve, e no rio a vogarem barcos, e nas veigas a voarem aves.

Mas o encanto não lh'o conhecia ella. Com os olhos fixos num ponto desconhecido, assistia ao que a cercava com o espasmo do somnambulo, a quem as impressões não repercutem na alma. De quando em quando estremecia, suspirava, e no lenço embebia uma lagrima esquecida. Os labios não faziam um movimento, mas aquelle estremecer, aquelle suspirar, eram indicios de muito pensar e de muito sentir. Em que pensava? Em que não tinha um seio amigo onde depositasse os thesouros do seu sentir. E que sentia? Muita cousa, mas tudo bom. Sentia-se amiga de

tudo e de todos, sentia o coração aberto com sensações novas, sentia o amor com todas as doçuras e enlevos da primeira manifestação.

E depois passava-lhe na memoria a imagem d'aquelle homem e d'aquelle carta, e sentia um calefrio terrivel, uma cousa indizível, mas que a fazia soffrer immenso. Estremecia e suspirava.

Passou horas alli. E passaria o dia todo se a não chamassem para o jantar.

Á noite, a sós comsigo, quando em casa já todos eram recolhidos, velava ella ajoelhada no seu quarto deante d'uma imagem da Virgem. O que lhe pedia, Deus o sabe. Levantou-se risonha, e escreveu então.

Era meia noite. Deitou-se e dormiu, como dorme quem confia.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA.

RECORDAÇÃO

Cada passo que vou dando
Por este sitio gentil
É sempre nova saudade
Que rebenta d'entre mil.

Se ha ventura sóbre a terra
Existe de certo aqui,
Onde, entre affectos e risos,
Tranquillos dias vivi.

Onde no ceu de minh'alma
Era tudo puro azul,
Como o formoso horisonte
Quando jaz sereno o sul.

Onde em horas feiticieras
Só creadas para amor
Eu me perdêra enlevado
No perfume d'uma flor...

Onde á tarde vinha triste,
Com prematuro pesar,
Da ausencia que estava perto
As duras magoas chorar.

Cada passo que vou dando
Por este sitio gentil
É sempre nova saudade
Que rebenta d'entre mil.

Aqui me lembra que á noite
Surpreza a lua me fez,
Quando eu scismava 'nuns olhos
Que me prenderam, talvez.

Além, por sôbre a campina,
Eu ia em cada manhã,
Colhendo rosas silvestres,
Passeiar com minha irmã.

Risonhos tempos da infancia
Aqui passaram tambem;
Estes prados, estes bosques
Ledas memorias contém.

E o recordar é tão doce
Quando o presente nos diz
Em cada seu desengano:
«Tu serás sempre infeliz!»

Carvalhaes, 1 de novembro de 1862.

LUIZ CARLOS.

OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

CONFRONTAÇÃO 9.^a

Camões — Faz que Bacho invejoso da boa recepção que os portuguezes tiveram em Calecut, e certo da queda da idolatria, apparece a um sacerdote dos mahometanos, e lhe diz, que os portuguezes haviam fazer-lhes grandes danos e destruiriam a sua lei: que tractassem de conjurar a tempestade em quanto era tempo, porque depois lhe seria isso muito difficuloso. O mahometano accorda, e junctando-se com os companheiros, tractam todos de persuadir ao rei que os portuguezes eram piratas. O rei manda consultar os aruspices e os seus consultadores lhe dizem ser verdade aquillo que se diz. O rei vacilla, e não dá a definitiva resposta ao Gama por lh'o terem aconselhado os naires e catuaes, para que se demorasse mais, até que vindo as naus de Meca pudessem destruir as portuguezas.

Lusiadas — Canto 3.^o, estancia 65 em diante.

Macedo — Satanaz vendo-se tão ultrajado dos portuguezes tenta novo estratagemas para os perder, e para isso serve-se da calúnia

e inveja. A calúnia incumbe de espiar os portuguezes, e persuadir aos mouros os males que elles tinham causado a seus paes, e que o mesmo queriam fazer-lhes a elles; que tractassem de oppor-lhe obstaculos em quanto era tempo, e á inveja encarregou de irritar contra os portuguezes os corações do Jogue e Naire que persuadem ao rei eram salteadores ambiciosos de colher riquezas. O rei vacilla e manda consultar os aruspices que confirmam os dictos, desfavoraveis aos portuguezes, e porisso não dá resposta definitiva ao Gama, porque o quer demorar até que venham as naus de Meca para os destruir.

Oriente — Canto 11, estancia 1 a 37.

RESUMO

Nos Lusiadas — Bacco tracta de mover a vontade dos grandes de Calecut contra os portuguezes.

No Oriente — Satanaz tracta de despeitar os portuguezes no ânimo dos naires.

Nos Lusiadas — Fazem os mesmos naires por trazerem o rei ao seu partido, persuadindo-o de que os portuguezes eram piratas, o qual manda consultar os aruspices.

No Oriente — Persuadem os naires o rei de que os portuguezes eram salteadores, o que faz vacillar o rei, que manda consultar os aruspices.

Nos Lusiadas — Consultados os aruspices só tractam os mouros de demorar os portuguezes até que venham as naus de Meca.

No Oriente — Tendo sido consultados os aruspices só tractam os naires de demorar os portuguezes até virem as naus de Meca.

Se não quizerem que isto seja uma cópia, hão de infallivelmente dizer que é uma imitação.

Estamos inteiramente persuadidos que quem desapaixonadamente reflectir e pensar no que fica exposto ha de ser da nossa opinião, e é: que o Oriente é uma verdadeira imitação dos Lusiadas, muito embora o seu auctor diga que o considera o mais original possível, sem olhar que o louvor na propria bocca nunca é bom.

Até aqui temos confrontado o que achamos imitado de maior vulto, vamos agora ao de menor.

(Continúa) A. M. C.

AO EXIMIO ACTOR SIMÕES

Não vês que delirio? Não sentes? Não ouves?!
São raios de gloria! São bravos, Simões!...
São c'róas e rosas, são prantos e risos,
É mais um triumpho! São novos florões!...

São louros, que ceifas na scena, que honraram
— Ristori e Taborda, Emilia e Soller!
São lyrios, que junctas ás palmas virentes
Que longe da patria soubeste colher!

É o culto sublime, votado ao talento,
Que tens e que brilha, com tanto fulgor!
É o salve divino, que aos labios acode,
Áquelles, que presam do genio o valor!

É o canto dos cantos, que á falta d'um nome,
Na lingua dos homens, se chama — ovação!
É um hymno, que todos, aqui, te consagram
Aceita-o e grava-o no teu coração!

1862.

SEVERINO DE AZEVEDO.

AMOR E MARTYRIO

II

Sexto está sentado juncto d'uma antiga
mesa preciosamente embutida.

Por sôbre as cadeiras vêem-se agglomera-
dos livros, cartas geographicas e desenhos.

A sala, d'uma architectura grave e magni-
fica, faz parte d'um antigo mosteiro, que sendo
outr'ora dedicado ao uso dos frades, serviu
depois, quando elles passaram para outro
convento, de palacio á nobre familia d'Ollera.

Sexto tem diante de si um livro aberto,
ao qual não presta attenção; e com os bra-
ços encruzados medita profundamente; dil-
o-hieis a estátua do silencio reflectivo.

Os olhos encovados denotam que passou
uma noite de tormentos e insomnia.

Uma lampada suspensa na abobada refle-
cte nos azulejos de que as paredes estão co-
bertas até meio, uma luz bruxeleante e som-
bria.

O livro em que gastou as horas da noite,
e que agora jaz abandonado, é o *Fausto* de
Goethe.

Nesse poema do mal encontrava Sexto ve-
nenos capazes de ulcerar-lhe o espirito e mo-
ver-lhe o calor das sensações.

Um ruido distante, repercução dos echos
do longo corredor que conduzia á sala, des-
pertou o philosopho do seu meditar.

Eram passos de homem que resoando com
fôrça no pavimento rapidamente se approxi-
mavam.

Assomou nos umbraes da porta um joven;
era esvelto e delicado como o anjo voluptuoso
de Whallada do canto de Schiller.

O rosto aveludado e poetico era assombrado
por grandes madeixas de cabello castanho,
que poetisadas pela desordem apresentavam
um effeito bello.

Entrou, sentou-se e deixou pender sôbre
o peito, agitado com violencia, sua bella ca-
beça.

Fios de lagrimas deslisavam-lhe pelas fa-
ces.

— Quero chorar... exclamou elle... cho-
rar... que já não posso conter em mim tanta
dor.

— Chora, disse Sexto; assim alliviarás o
coração. As lagrimas no homem são sempre
nobres, porque são verdadeiras.

— São, replicou o poeta, como o balsamo
que só profundas incisões podem extrair da
seiva da arvore. Eu já sabia, continuou elle
com voz pausada e lugubre, que a esperança
das cousas do mundo é tão illusoria para o
homem como a sombra de seu corpo. Não
ignorava que embora o seu perigrinar seja
largo tem sempre de vir abraçar-se ao phan-
tasma enganador, e dar pasto aos vermes do
sepulchro, porque a esperança ainda existe
alli. Bem o sabia e porisso em cada momento
da minha ephemera felicidade erguia para
Deus os olhos humedecidos de pranto.

— Deus, interrompeu Sexto, não quiz aco-
lher as tuas preces, porque não eram bem
agudos os espinhos da corôa que te cingia a
fronte, porque não era bem acre o fel que
te envenenava a ventura da adolescencia.
Para as almas como a tua animadas pela
chamma mais pura do igneo celeste, para as
almas escolhidas, além do baptismo da agua
ha o baptismo do soffrimento. Tambem já
trilhei as sendas tortuosas e agrestes da vi-
da, e profundas cicatrizes attestam quão ter-
riveis foram os golpes que me vararam o co-
ração. Saboriei com um prazer diabolicó o
pomo que imprudentemente colhi da arvore
da sciencia da vida. Esgotei a taça dos pra-
zeres humanos toda inteira e ao mesmo tempo

que as últimas góttas de veneno me requeimavam os labios, minha alma afundava-se 'num abysmo de tédio e aborrecimento. Então, quiz-me ir sentar no banquete da morte, mas Deus teve compaixão do reprobó e abriu ante o meu desespero os largos horisontes do arrependimento. As luctas do pensamento robusteceram-me a alma que se transformou em marmore, e agora vigorosa e forte não ha paixões que lhe imprimam um vestigio sequer, nem espiuhos que lhe façam o mais leve ferimento.

— Isso é o passado, e o passado é irmão do olvido, redarguiu João. Hoje das dores que padeceste só vos restam as cicatrizes e a recordação. E eu, ai de mim...! depois de tão acerbos soffrimentos quando pensava engolfar-me em inefavel felicidade, vejo o espectro da morte erguer-se ante mim sarcástico, arrebatar-me aos meus sonhos e bradar-me, *Nunca!* Oh Helena!... Helena!...

— A realidade da morte é para ti, João, disse o sabio, o mesmo que para os que sacrificam no altar do mundo as mesquinhas aspirações do vulgo, uma ideia lugubre e tetrica. Mas que importa baixe á paz tranquilla da sepultura a mulher que depois de Deus mais amavas na terra? Não vive ella na tua imaginação cheia de gratas lembranças espiritualisada pela morte? Não será para ti o sonho de todas as noites? A sua imagem não te acompanhará todos os dias? Não a verás com uma aureola de luz, arroubada de celestes aromas, os labios sorrindo angelicamente e a fronte sublime inclinada para o poeta que fez de seu amor uma crença, da sua lembrança uma religião? Sim! vel-a-has sempre que entoares no teu alaude os tristes cantos da desventura! Não te fallarão d'ella a lua e as estrellas quando voluptuosamente sacudirem de suas madeixas raios argenteos? Sim, e a essas horas tu derramarás tuas lagrimas sôbre a campa d'ella. Ou por acaso o poeta amava essa virginea flor só para embriagar seus sentidos aspirando-lhe os perfumes?

— Sextó! exclamou João com voz forte

— Então, continuou o philosopho, melhor é que durma no sepulchro o ser que a imaginação do poeta ataviou com todas as louçanias d'um genio e bellezas d'um anjo. O mytho sublime, que lhe foi deusa das illusões. Melhor, sim, porque depois, quando o tempo obscurecesse a radiante aurora da bel-

leza que lhe circumda a face, quando o rosto começasse a contrahir-se, e os olhos a perderem seu deslumbrante brilho, quando por entre seus cabellos negros despontassem fios de prata visíveis assassinos do frescor da mocidade... Ai do poeta que invoca uma imagem para que, como a apparição da *Vita Nuova* do Dante, surja diante d'elle vestida de cores esplendidas, arroupada de alvos trages, modesta, innocente e poetisada pelos adornos da idade juvenil. Ai do poeta, porque essa imagem lhe matará o estro, reduzirá a cinzas sua religião, e as crenças de seu amor. E esse — Deus de amor — apenas promoverá em seus labios um sorriso desapiedado, em sua bócca uma blasphemia de escarneo!

— Sextó, disse João por seu turno, assim falla o homem a quem as borrasças da alma e as tempestades do sentimento apenas deixaram o egoismo da arte; assim expressam-se os que sacrificam tudo o que é humano ás concepções estheticas, sem pensar que só o ideal da realidade, que é a verdadeira esthetica da arte, pôde satisfazer á aspiração do peito aonde pulsa um coração que o sangue escalda.

Depois como absorvidos em profunda meditação ficaram ambos silenciosos por um grande espaço de tempo.

(Continúa)

HENRIQUE FREIRE.

EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS ANTERIORES

Revêrie — Couceira — Viso — Maio — Camelia — Violeta.

Charada

Dá-me chá, no mar me vez

Tudo me tem, se pó tiver

Lá desponta a meiga aurora

Ha paz onde eu estiver.

A. NOBERTO.

ERRATAS

A pag. 47 do n.º 6, col. 2, lin. 22, onde se lê — *se o mundo*, deve ler-se — *se ao mundo*. A pag. 48, col. 2, lin. 28, onde se lê — *pendeste*, leia-se — *pendestes*. Na mesma pagina, col. 2, lin. 33, em vez de — *assombros*, leia-se — *arroubos*.



SONETOS

Em vão, em vão anciamos a ventura:
Somos na terra qual viajante exausto
Que ouve o sussurro d'escondida fonte,
E morre á sede, sem poder local-a.

SOARES DE PAÇOS. *Poesias.*

Soltei na minha lyra amargas queixas,
Que um echo não acharam 'noutra lyra.
Julguei que o sentimento era mentira,
Zombando de meus prantos nas endeixas.

Chorosa a musa, soltas as madeixas,
Só tristes cantos com terror m'inspira.
Após cortada sua voz expira,
E clama e brada: «Porque não me deixas?!»

Não sabes triste que só posso dar-te
O fél amargo que a meus labios vem,
Em tristes notas que não vou contar-te?!

É curta a gloria que meu ser contem;
A par de maguas em que vou lançar-te
É grande o mal e mui pequeno o bem!

Porque da lyra minha os sons plangentes
Não têm já vibrações para alegrias?
Como em ondas de pranto as agonias
Se derramam em notas eloquentes?!...

Emballo a alma em sensações ardentes,
Que outr'ora anhelos foram nos maus dias,
Mas vagas notas, mortas harmonias
Oh! lyra triste com terror presentes.

Será que oppresso longo tempo sendo
Por maguas fundas que nos dão torturas,
Já da alegria nem o nome entendo;

Ou que da lyra a natural doçura,
Em fel amargo se converta, vendo,
Que a dor nos volve sempre após ventura?!

Lodeiro.

HENRIQUETA ELYSA.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 8

ANJO E MULHER

Capitulo 7

A rosa de profunda amizade não se colhe sem ferir as mãos em muitos espinhos de contradicção.

G. CASTELLO-BRANCO. *As tres irmãs.*

— Tu bem sabes, continuou Angelina, que és a afeição maior que deixo 'neste mundo; porque ainda que muito amei Jorge, em presença da morte esse amor esquece, porque nenhuns laços me unem a elle. Deus não quer estas afeições que perturbam o último instante d'um moribundo; por isso, filha, o maior cuidado que me preoccupa, é o do teu futuro e da tua felicidade. És muito criança, não podes ficar ainda no mundo sem um apoio; o de minha tia, fraco e debil é. Mas, para te fazer feliz, só um meio conheço, e vem a ser, casar-te com Jorge! o homem que para mim escolhêra, e o unico que acho capaz de desempenhar esta missão.

Izaura, ouvindo estas palavras, estremeceu, e quiz replicar; mas Angelina interrompeu-a, dizendo-lhe:

— Bem sei que me irás dizer que o não amas, por isso que te acostumaste a ver 'nelle o marido de tua irmã; mas que importa isso, se possui elle as qualidades de se fazer amar por ti em pouco tempo? Casa com elle, depois virá o amor. Demais, em quanto o não amas, acostuma-te a ver 'nelle um irmão, até que lhe possas chamar marido. Que dizes a isto? nada respondes? interrogou Angelina com anciedade.

— Respondê-te com uma pergunta tambem. Porque não casas tu com elle?

— Porque não quero fazel-o viuvo no mesmo dia, respondeu Angelina tranquillamente. Olha, Izaura, não nos illudamos; parece-me que é tempo de te dizer que poucos dias tenho de vida; talvez apenas o preciso tempo para assistir ao cumprimento dos meus derradeiros votos. Por quem és, accrescentou ella, apertando sua irmã nos braços, em nome de Jesus e pelo amor que me tens, te rogo que me não negues esta última consolação! é o primeiro e derradeiro favor que te peço! Izaura, minha irmã, minha filha, poupa-me a uma recusa tua, tira-me do co-

1 DE MARÇO DE 1863

ração esta immensa dor. Olha, nossa mãe ouviu-nos do ceu, e ha de abençoar esta união! Izaura, Izaura, tu que dizes?!

A joven inclinou a frente e ficou muda. Alguns instantes permaneceu assim, mergulhada em si mesma; era já o remorso e a vergonha que lhe faziam rejeitar aquella proposta. Por fim, fazendo um grande esforço, exclamou:

— Farei o que tu quizeres, minha irmã, agora falta saber a vontade de Jorge.

— Obrigada, obrigada, Izaura; reconheço-te, acho-te emfim generosa e boa como d'antes, murmurou Angelina, junctando as mãos em signal de agradecimento. Agora, mais um serviço, dá-me penna, papel e tinta; vou escrever a Jorge; quando a acabar, mandarás um portador com a carta a Braga.

Izaura saiu, e Angelina escreveu o que se segue:

Meu amigo

Hoje á noite haverá aqui uma pequena reunião para celebrar o anniversario natalicio de minha irmã; espero que não falte, porque, sem a sua presença, seria muito incompleta.

Sou e serei até á morte

amiga muito sincera

Angelina Augusta de Castro.

É de presumir a pressa com que Jorge accudiu a este convite; mas tanto esmero pôz elle no seu vestuário, tanto zêlo em se mostrar com todo o seu brilhantismo, que, quando chegou a casa de Angelina, era já noite. Uma brilhante illuminação decorava toda a fachada da casa, que estava engrinaldada de flores! Os sons d'uma *vals*a faziam bater o coração do mancebo, que se apressou em entrar. Mas, por uma estranha irregularidade, a entrada estava completamente escura; nem uma luz brilhava mesmo ao longe, porque a porta da sala estava cerrada.

Jorge achou isto exquisito, e começava de fazer algumas reflexões, quando uma pequena mão lhe tomou as suas, e uma voz que elle conhecia lhe assoprou ao ouvido estas palavras:

— Vem *valsar*, aqui tens a tua noiva!... No mesmo instante uma porta em frente

d'elle abriu-se, e o reflexo de mil luzes dando-lhe de chofre no rosto lhe deslumbrou os olhos. Meio embriagado, entrou de repente, e só então é que, olhando para o seu lado, pôde conhecer Izaura 'naquella que levava pela mão.

Uma vertigem lhe passou pelo cerebro, um deslumbramento de felicidade o cegou, e elle, fóra de si, arrastou a joven no turbilhão da *vals*a!

Só depois, quando já cansado se sentava, e percorria com a vista todos os grupos, só então é que notou a falta de Angelina, que até alli lhe tinha passado despercebida; e, voltando-se para Izaura, lhe perguntou o motivo d'aquella ausencia.

— Está doente, respondeu seccamente a joven.

E quasi ao mesmo tempo passou pelo espirito de ambos uma sombra de remorso!

Capitulo 8

Sentia-se ella pender ao tumulo e não era imaginario o seu mal.

C. CASTELLO-BRANCO. *As tres irmãs*

Decorreram alguns dias depois d'estes successos; Jorge e Izaura estavam já casados; e Angelina? O anjo da morte pairava-lhe á cabeceira, estendendo suas azas negras sobre o rosto angelico d'aquella martyr. O anjo do Senhor tambem do outro lado cingia-lhe já a frente d'uma corda de gloria, e contava-lhe os instantes de vida, ancioso de resgatar aquella bella alma, o sópro mais puro de Deus, do abysmo de soffrimentos em que jazia resignada, e arrebatada para a mansão dos justos, sua patria.

Na vespera ainda d'aquelle dia, tinha ella assistido á cerimonia do casamento de sua irmã; e quem a viu vestida de branco e coroada de lyrios, e mais branca e pallida do que elles mesmos, exclamava 'num transporte de admiração, que era ella sancta, e já não habitava na terra.

De facto Angelina parecia um cadaver! suas mãos cor de cêra já não sentiam nenhum calor; seus olhos azues tão bellos e tão puros estavam sem vida nem expressão, e seus labios arroxeados sem movimento!

Acabada a cerimonia, que ella presenciou com toda a presença de espirito, abraçou os

conjuges, e, chamando sua irmã, retirou-se com ella para um quarto, aonde esteve duas horas, entretendo-a dos seus novos deveres, dando-lhe conselhos sobre a maneira como havia de viver com seu marido e ensinando-lhe a comprehender o caracter de Jorge, e a poupal-o a desgostos e fazel-o feliz.

Ninguém soube o que entre as duas se passou, nem o que Angelina disse a sua irmã, que lhe podesse penetrar na alma; o que é certo é que todos presencearam, que, quando esta saiu do quarto de sua irmã, trazia os olhos arrasados de lagrimas; e, entrando no seu, esteve muito tempo em oração ante uma imagem de Jesus!!

Angelina soube o segredo de commover sua irmã tão vaidosa e tão frivola e talvez o de a regenerar. A approximação da morte deu eloquencia áquelles labios, que em breve se iam cerrar! Deus fez descer uma inspiração divina á alma da martyr, para que o seu último passo na vida fôsse ainda um exemplo de virtude, que, lançado na alma d'uma peccadora, podesse como uma semente benedicta florescer e fructificar.

Estava-se no dia 30 de novembro pela manhã; todos os montes que circumdavam a casa branca de Angelina estavam cobertos d'uma espessa camada de neve, que, como um vasto e alvo sudário, se estendia até ella. A natureza vestia lucto; estava pesado e escuro o ceu, e aquella alvura deslumbrante que cubria a terra, formando contraste com elle, mais contribuia para tornar o quadro mais tetrico.

Entremos no quarto de Angelina para lhe assistirmos aos ultimos instantes, se tu, leitora, te não intimidas e assustas com este espectáculo que aliás nada tem de assustador. Essa transição d'um espirito celeste d'este cahos de amarguras chamado mundo para a bemaventurança dos justos, póde, quando muito, deixar uma saudade na terra, mas leva a alegria para os ceus. Deus recebe aquella alma como uma filha perdida que volta para o seu seio!

Sobre uma vasta cama de pau preto, recamada de alvissimas roupas, repousa o corpo inanimado de Angelina, como uma estatua de jaspe. Alguns momentos de fugitivo somno lhe cerraram ha pouco as palpebras fatigadas da longa vigilia de toda a noite!

Approximai-vos e examinaí-a.

A respiração de seu seio é já um imperceptível cicio em seus labios; as palpitações de seu coração já não fazem agitar o lençol; apenas, inclinando-vos, podereis divisar um fraquissimo movimento. Ninguém dirá, vendo-a, que não é o cadaver d'uma sancta!

De repente abriu os olhos, espalhou uma vista languida e pasmada em torno de si, passou a mão custosamente pela fronte como para reunir as ideias e murmurou quasi inintelligivelmente estas palavras:

«Ainda vivo! É este o meu quarto, e esta a minha cama! Pensei que não tornava a acordar!»

Depois, como se uma ideia de subito lhe passasse pela mente, voltou-se para sua tia que a velava e disse-lhe:

— Desejava ver meus irmãos; depois quero para aqui um padre...

— Minha filha, exclamou a pobre senhora cheia de susto, achas-te peor?

— Minha boa tia, escute-me a respiração e diga-me se eu posso ter mais que uma hora de vida! murmurou fracamente Angelina.

A pobre tia inclinou-se e beijou-a nos labios; em seguida saiu, abafada pelos soluços.

(Conclue)

HENRIQUETA ELYSA.

CONSENTES?

Quem, vendo os modos teus, quem, vendo o gesto
Altivo, qual d'amor 'num são recato,
Não sente 'nalma entrar-lhe um fogo honesto
Que vae lavrando 'nella incendio grato?

Mas foges sempre esquiva, se nos olhos
Te pinto o que por ti minh'alma sentel
E quando busco a flor, só acho abrothos,
E em tristezas me fico descontentel

Extranho fado o meu! Se á douda brisa
Permites que te amime a rosea fronte,
Porque não dás que eu beije a face lisa,
E nas glorias d'amor vaidoso o conte?

Fevereiro de 1863.

LUIZ CARLOS.

A esmola é sempre boa; mas, quando, em vez de ser procurada, vae ella mesma procurar o pobre; quando o poupa ao trabalho, á vergonha de a sollicitar, e se lhe apresenta, não activa e arrogante, mas compassiva, modesta e consoladora, tem duplicado valor: é como uma segunda providencia.

RODRIGUES DE BASTOS. *Os dois artistas.*

AO ACTOR ROSA

Resplende a luz do sol; resplende a luz da arte;
 Universo e theatro os templos são do bello
 Real e ideal; e são por toda a parte
 O véu que vela Deus, e deixa a furto vel-o.

Levanta-me esse véu; amostra-m'o artista!
 Contempla a tua estrella. O astro solitario
 Envolve-te em fulgor! Surge! fala! espalh'a vista
 A ideia, a vida, o amor, a luz... abre o sacrario!

ALBERTO TELLES.

OS DOIS OLHOS

(Continuação)

Aproveitemos o somno da nossa heroína, mas não heroína no sentido vesgo do reverendo irmão do Morgado de Fafe, e levemos as nossas pessoas a outra parte. Vamos encontrar o sr. Leonardo de Mesquitella e Castro em sua casa.

São seis horas e meia da manhã do dia immediato. O homem já está a pé, e sentado á mesa. Uma tosca mesa de pinho por signal. Em quanto elle não dá pela nossa visita, conversemos baixinho, que é mister anticipar alguns conhecimentos para avaliarmos esse homem. Como vêdes, não é já creança. Nem velho. Annos não lh'os sei, nem sei que uma certidão de idade seja necessaria 'nestas alturas. 'Numa mulher o caso muda de figura. A mulher avalia-se pelos annos como o ouro pelos quilates. Com uma pequena differença. No ouro os quilates querem-se mais; na mulher os annos querem-se menos.

Isto é modo de dizer, porque realmente não atino em que desmereça ninguem com anno de mais ou anno de menos. Tenho conhecido, conheço, e é provavel que venha a conhecer, muita senhora que os annos de mais tornam respeitabilissimas; e tambem alguma que por de menos perde. Por onde se prova que uma mulher não é operação algebrica; os signaes de quantidade podem alterar-se impunemente. Quer dizer: uma mulher póde ter *mais e mais* igual a *menos e menos*: mais annos e mais merecimento, igual a menos merecimento e menos annos. Duas quantidades positivas eguaes a duas quantidades negativas. Um absurdo em algebra, uma verdade na mulher. A mulher é uma verdade composta de absurdos.

E que tem isto para o conto? Nada, é exacto. Mas serve para mostrar, e até demonstrar que a algebra se presta ao romance. Qualidade que muito boa gente seria capaz de negar-lhe. Tudo serve para tudo.

E ao conto.

Leonardo de Mesquitella não será um tolo original, como se inculca; mas sem contestação é um original tolo.

Diversas accepções têm dado á palavra original: aqui significa o que não é vulgar. Acccepção mais conhecida.

Ora, que cousa ha mais vulgar do que um tolo?

Logo tolo original é absurdo.

Original tolo póde ser. Quer significar um ente raro e tolo, uma raridade em toleima. Isto ha.

E digam-me em consciencia, se tal não é um homem que escreve uma carta como a que escreveu Leonardo, carta gelada e cynica. Nós, o sexo brioso, o sexo de pundonor e de cavalheirismo, deveramos abominar de nós um tal homem, que teve o arrojo de escrever numa carta a uma mulher o que sentia quando a escreveu. Deveramos, e devemos. Se a franqueza fôsse permittida nas relações sociaes, para que serviriam os codigos do bom tom, os manuaes de civilidade?

Assim como o que se sente não convem que se diga, tambem o que se diz convem que se não sinta. Quem sabe se esta maxima dirigiu a penna que escreveu a carta? Lembrou-me agora, e é possivel. Pelo modo como Leonardo receber a segunda missiva de D. Adelaide é que havemos de julgar. Vamos a ver.

As oito horas levantou-se Mesquitella (que lindo nome!) e foi almoçar; ás dez vestiu-se e foi passear; ao meio dia recolheu e foi jantar. É um regimen de vida que será muito hygienico, mas é muito desusado. Pois o uso deve prevalecer á hygiene. Modos de ver, está claro.

À sobremesa recebeu da propria mão da sua servente, que não tinha elle nem criado nem salva de prata, a carta que dissemos escripta á meia noite. Para homem honrado, carta de mulher é segredo inviolavel. Leonardo leu, fechou e arrecadou. Fez bem. O peor é que nos deixa em curiosidade. Resignemos-nos uns com os outros, porque, como bem diz o Mantuano, é consolação na desgraça ter os penates na sucia. O que custa

a todos, a ninguém custa. E tentemos perscrutar d'outro modo o que nos praz saber.

Para um rapaz sobrio como é Leonardo, da sobremesa ao fim do jantar vai um nada. 'Nesse dia porém houve novidade: demorou-se e pediu café. Entretanto foi-se entretendo em equilibrar sobre a mesa uma rolha de garrafa. É uma cousa innocente, mas difficil. Recomeçou a tentativa umas trinta ou quarentas vezes a seguir, e o resultado foi sempre infeliz. A rolha conservava-se apumada em quanto a segurava; depois era de ver a presteza immensa com que reassumia a posição horizontal. E o homem não zangava: teimava. Depois de muito, desistiu.

Applicou-se a outro divertimento. Tomou a faca pelo cabo, mas ao de leve, bateu-lhe com a ponta no prato, e poz-se a contar o número de vezes em que a elasticidade da folha a fazia pular. Ou se não contava, parecia-o.

'Nisto desperdiçou não sei quantos minutos, até que lhe trouxeram o café. Tomou-o vagarosissimamente. E depois ergueu-se, passou a outra casa, e recostou-se 'num canapé com assento de chita. Palavra, nem meia. Durante todas estas diferentes phases de seu viver, conservou um silencio absoluto, semelhante a um philosopho ou a um ruminante.

Assim meio deitado tirou de novo a carta de D. Adelaide, e releu-a, terleu-a, e quarterleu-a. Decorou-a. E de cada vez que passava lá por um certo ponto, murmurava por entre os dentes:

— Pobre rapariga!

E ficava por um momento pensativo, com um vinco vertical cavado na testa.

O remate foi assim:

Endireitou á mesa de trabalho, e sem attender a que prejudicava as operações digestivas, tomou a penna, e escreveu:

Minha rica senhora

Se v. ex.^a entrasse no verdadeiro conhecimento da minha vida, se pelo conhecimento da minha vida chegasse ao conhecimento do meu caracter, por certo tenho que não me daria mais o incómodo nem de ler as cartas de v. ex.^a, nem de lhes responder. Que não sei qual das duas cousas mais me incomoda. O responder-lhes tira-me tempo, o lê-las tira-me sossego. E tudo me é indispen-

savel. Não supponho que por mero passatempo me escreva v. ex.^a, aliás esta última carta só tinha uma resposta: tornar a envidual-a a v. ex.^a Tomando em consideração o sentimento que a ditou, o menos que lhe faço é inutilisal-a d'outro modo, e esquecer-me d'ella. Fica porém v. ex.^a prevenida de que não succederá o mesmo a outra que venha.

Com todas as considerações

De v. ex.^a, etc.

E, como quem marchava debaixo d'um plano conhecido, não hesitou. Fechou a carta, lacrou-a, sobrescriptou-a, e mandou-a.

A de D. Adelaide, essa deu-lhe destino bem outro do que dissera. Abriu um pequeno cofre de pau sancto com imbutidos de marfim, cuja chave trazia sempre, tirou de dentro a irmã mais velha, uniu-as ambas, reviu-se 'nellas com satisfação de amante, e deu-lhes logar condigno 'numa cama de seda: o forro da caixa. Entendam lá os homens!

(*Continúa*)

J. SIMÕES FERREIRA.

PARODIA¹

Quando solta os cabellos dourados
Meigos olhos volvendo p'ra o ceu,
Como é linda! que rosas na fronte!
Esse archanjo, mancebo, é o teu!

As venturas que eu pinto na 'mente,
Já fruiste uma vez com ardor?
Ai! se eu fôsse temia perder-me,
Se é tão linda, que mata d'amor.

D'esse olvido a cruel amargura
Que deploras, passou já por mim,
D'essa noite em que amor lhe juraste,
A saudade não pôde ter fim.

Setubal, 3 de fevereiro de 1863.

N. M. PORTELLA.

Paciencia, é a arma, é o triumpho, é a porção divina do homem, é a bemaventurança.

C. CASTELLO-BRANCO. *Rom. d'um hom. rico.*

¹ É feita á poesia A L., de Alfredo Elycio Pinto de Almeida, publicada a pag. 48 d'este periodico.

DESVENTURA LITTERARIA

Não sabemos se é mais de lastimar a morte, se a loucura. São ambas fataes, ambas terribéis; por uma perdemos a vida, por outra a intelligencia. Se um cemiterio é a sepultura do corpo, é um hospital a sepultura do espirito.

A segunda comtudo nos parece mais temerosa. O morto lega-nos a saudade, o louco causa-nos uma dor perenne. A alma, roto o involucro fragil, voa livre a um mundo novo, que a religião e a consciencia nos ensinam a crer bom; mas pela loucura, privada da razão, é a ave que se debate no visco da desgraça, é a borboleta que cresta as azas no fogo do desespero. Miseraveis as duas, os momentos que lhe restam não são já vida, mas uma agonia lenta e pavorosa sem nome condigno em linguagem d'homens.

Simelha o louco o preso que no carcere estendem sobre o potro, a quem dilaceram os membros e retalham as carnes, sem que pelas feridas lhe possa fugir a vida, unico meio que o livraria dos tormentos. Sobre a campa do extinto o coração inda encontra um allivio, o labio uma prece; mas sobre a prisão do desvairado a mão implacavel do destino como que gravou o distico do Dante:

Lasciati ogni speranza, voi, che entrate.

A nossa litteratura ha pouco que soffren a perda d'um bom poeta, perda prematura que merece as lagrimas dos corações sensiveis pela desgraça que a promoveu. Foram duas as perdas: perdeu o poeta o juizo, perdeu a litteratura o poeta. E ambos perderam muito; este o fogo do ceu que anima a estátua, o raio do sol que illumina o homem, a intelligencia; aquella um operario da sua officina, que era penhor da sua gloria e um florão da sua coróa.

Trajem lucto as letras, que se finou um nobre espirito, que as cultivava com desvelo; embora reste ainda como monumento um corpo tornado automatico, sacrario vasio sem o Deus que o animava.

Triste condição, tristissimo desengano este necrologio em vida, este epitaphio da alma que so obscureceu por entre as nuvens da desdita, legando ao mundo algumas páginas brilhantes a par d'uma memoria deploravel

Tinha o infeliz espada e lyra; e o louro d'uma e o myrto d'outra murcharam ambos ao suão myrrador do fado adverso. Bem cabe aqui a sentidá estrophe que elle compoz outr'ora em agro instante de prophetica intuição:

Quanto é bello trazer a melancholica
Imagem do passado, e collocar-a
No altar da saudade,
Onde o presente vae ajoelhar-se,
E magoado medita...

Como afinava com o plectro d'ouro seus hymnos de amor...

Tu foste, amiga, a incarnação sublime
Do aroma e da harmonia,
Em harmonias teu amor se exprime,
Aromas teu sorriso nos envia,
.....
Tens na face o pudor da fresca rosa,
Tens 'nalma o fogo de eternal ventura.

Vêde o soldado do progresso e da liberdade...

O progresso em seu trânsito não pára:
Como o rio que a arvore desthrona,
Elle rasga no espaço larga zona,
Calcando sceptros, desviando a tiara.

Ouvide o philosopho profundo...

E a terra nos espaços vae rolando,
Qual lagrima sentida,
Que da face do Eterno deslisando
Trouxe a dor na ventura confundida.

Quão formosas as definições dos dois poetas, o Ovidio e o Horacio francezes...

No diadema do seculo reinante
Resplendem, como orvalho sobre a rosa,
Lamartine, essa perola mimosa,
Victor Hugo, esse fulgido diamante.

Calaram-se os hymnos, a lyra emmudeceu, seccou a penna. O presente ajoelha-se ante o altar do passado, e magoado medita...

Estes versos de hontem já são memorias hoje. Fulgiu um instante o raio do genio, e o proprio fogo lhe consumiu as forças. Cur-

vemo-nos diante da desventura, e prestemos o tributo do respeito a essa sombra do que já foi grande.

A. A. DA FONSECA TINTO.

À C.

Por teus ondados cabellos,
Por essa trança tão pura,
Por teus olhos, que de vel-os
Se enche a alma de ventura;

Abre á luz d'um sentimento,
À chamma d'uma paixão,
Com o mais casto pensamento
O mais puro coração!

Ri do mundo, que te opprime,
Que o gôso paga com a dor,
E se podes ter um crime,
Expia-o só pelo amor!

A. L. SANCTOS VALENTE.

OS LUSIADAS E O ORIENTE

MACEDO IMITANDO CAMÕES

II

Similhanças ou imitações de menor vulto

Achamos mui semelhantes, o retrato ou attitude do Gama antes de satisfazer ao pedido que lhe faz o rei de Melinde de contar-lhe a historia de Portugal, e o principio da resposta, em que elle lhe diz «não ser o competente para isso, mas sim um estrangeiro» como se pôde ver nas seguintes estancias:

Promptos estavam todos escutando
O que o sublime Gama contaria;
Quando depois d'um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assim dizia:
Mandas-me, ò rei que conte declarando
Da minha gente a grã genealogia,
Não me mandas contra estranha historia;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria
Lusiadas — Canto 3.º, estancia 3.

Que outro possa louvar esforço alheio
Cousa é que se costuma e se deseja:

Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvar tão suspeito mal me esteja, etc.
Estancia 4.

Suspense e mudo o capitão famoso
Vastas ideias 'nalma revolvia;
Dubio um pouco parece, e em magestoso
Accento, finalmente assim dizia:
Do grande reino o quadro portentoso,
Estrangeiro pincel traçar devia,
Descrever seus brasões a estranhos toca
Que é suspeito o louvor na propria bôcca.
Oriente — Canto 8, estancia 4.

A chegada dos portuguezes a Calecut, o encontro com o Monçaide, exclamação e ida d'este ás naus, tudo é similitantissimo, como se pôde ver nos *Lusiadas*, canto 7, estancia 22 a 28, e no *Oriente*, canto 9, estancia 1 a 12.

É tambem muito similhante a partida dos portuguezes para terra, e a apresentação ao rei descripta nos *Lusiadas*, canto 7, estancia 43 a 59, e no *Oriente*, canto 9, estancia 12 a 15¹.

Uma imitação de costumes encontrâmos tambem nas seguintes estancias:

Bem juncto d'elle² um velho reverente,
Co'os joelhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando, etc.
Lusiadas — Canto 7, estancia 58.

Do reino um grande que da esquerda estava
A folha ardente a mastigar lhe dava, etc.
Oriente — Canto 9, estancia 14.

Achamos tambem muito semelhantes as fallas do Gama³ ao rei de Calecut, feitas nos *Lusiadas*, canto 7, estancia 60 a 63, e no *Oriente*, canto, 9, estancia 16 a 21.

Uma outra imitação encontrâmos nas seguintes estancias:

Não sente quem a leva o doce pêso
De soberbo com carga tão formosa, etc.
Lusiadas — Canto 2, estancia 21.

¹ Nesta imitação ha uma differença, e é: que no *Lusiadas* vai, juncto ao rei, Vasco da Gama, e no *Oriente* Paulo da Gama.

² Rei de Calecut.

³ Vasco da Gama nos *Lusiadas*, e Paulo Gama no *Oriente*.

Sôbre um branco Elephante; este caminha
Do pêso que em si traz como ufanado; etc.

Oriente — Canto 1, estancia 29.

Mais outra nas seguintes:

Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo
E juncto de um penedo outro penedo.

Lusiadas — Canto 5, estancia 56.

Como a par d'um rochedo outro rochedo
Insensíveis estão no alpestre monte
Cada qual d'elles taciturno e quedo
Conserva mutuamente imobil fronte.

Oriente — Canto 4, estancia 68.

É tambem muito semelhante a descripção
d'uma terra que os portuguezes encontraram,
feita por Camões nos *Lusiadas*, canto 5, es-
tancia 62 a 64, e por Macedo no *Oriente*,
canto 7, estancia 48 a 50, principalmente nas
duas seguintes estancias:

As mulheres queimadas vêm em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas;
Animaes que ellas têm em mais estima
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,
Na sua lingua cantam concertadas,
Co' o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as camenas.

Lusiadas — Canto 5, estancia 63.

Em vagarosos bois vinham sentadas
Tão negras como Ebanos, donzellas;
Vestiam rudes pelles, e anastradas
As fronte trazem de gentis capellas:
Em doces sons; e em vozes concertadas
Erguem canções que pareceram bellas;
Amor ao peito humano o canto inspira;
'Nelle exalta seu bem, seu mal suspira.

Oriente — Canto 7, estancia 50.

A comparação de Macedo no *Oriente*, canto
11, estancia 63:

Como leões os Lusos indomados,
Co'a flutuante máchina atracavam.

é imitada de Camões nos *Lusiadas*, canto 10,
estancia 43:

Irão soldados inclitos fazendo
Mais que leões famelicos, etc.

(*Continúa*)

A. M. C.

Charada

'Noutras eras, ao som da marcia tuba,
Colbi louros, o mundo avassalando!
Minha espada partiu-se 'nessas lides,
E hoje em decadencia eis-me chorando. } 2

Ebrio d'esse prazer que a raiva inspira,
De Seneca o verdugo assim fazia,
Olhando os turbilhões de fogo intenso
Em que Roma co'os filhos se sumia! } 2

Uns me tomam por folguedo,
Outros só por devoção;
Sempre a mim corre mui ledo
Qualquer joven aldeão.

N. M. PORTELLA.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

TAVORA

ROMANCE DO SEculo XVIII

POR

Manuel S. Alegre

Preço 400 réis

Assigna-se 'nesta redacção, na livreria cen-
tral e na loja do sr. José de Mesquita.

O VALOR D'UMA PALAVRA

ROMANCE POR MISTRISS TROLOPP

Tradução de Saites Lobo Junior

Editor — Joaquim José Baptista

Preço 200 réis

Com este titulo temos a honra de annun-
ciar aos amadores da litteratura amena, uma
pequena traducção, parto de algumas horas
de trabalho, e de pertinaz desejo.

Em vós é que depositámos toda a nossa
esperança, alimentando este recém-nascido,
com as vossas assignaturas, com que desde
já contámos, antevendo a protecção que sem-
pre prestaes á litteratura nascente, e patria.
Quem obtiver dez assignaturas terá um
exemplar gratis.

Recebem-se assignaturas 'nesta redacção.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



CONVITE À CARIDADE¹

Entraí comigo no hospital mesquinho:
Sinistro aspecto, que mansão d'horror!
Triste silencio, só quebrado a instantes,
Pelos gemidos que produz a dor!

Funereo quadro — em crueis torturas
Além o inferno se arremessa ao chão!
Lenta agonia lhe consome as fôrças,
E o pranto ás faces lhe desponta então!

A caridade franqueou-lhe as portas,
Entrou... julgou-se no supremo bem!
Foge á indigencia, só pobreza encontra,
Juncto do leito só miseria tem!...

Na pobre encherga se revolve afflicto;
Longo suspiro de pesar soltou!
— Deixa a familia p'ra buscar soccorro,
— E no abandonó, seu viver findou!...

É sempre aberto o hospital, que importa,
Se não tem meios p'ra acúdir á dor?
Se os bens não chegam, se os doentes gemem,
Jazem submersos num soffrer maior?

Angustia, fome, desespero e frio,
E alta noite sem ninguem ao pé,
Que n'hora extrema, com affago e mimo
Lhe lembre a esp'rança, lhe avigore a fé!

Eis os thesouros que o hospital offerta
Aos desgraçados que a fortuna olvida!
Ricos da terra minorae-lhe as penas
Que a vossa esmola lhe prolonga a vida!

AMELIA JANNY.

¹ Poesia recitada pela auctora, e offerecida ao basar em beneficio do hospital da Figueira da Foz, em 23 de Setembro de 1862.

ANJO E MULHER

Capitulo 9

Morrem os justos como cahe a flor
sécca da grinalda da virgem sóbre
o supedaneo. É um breve e surdo
ramor.

C. CASTELLO-BRANCO. *As tres irmãs.*

D'ahi a um instante tornou a entrar, precedida por Jorge e Izaura, que vinham com as frentes baixas, pensativas e tristes. Ao vel-os assim, Angelina exclamou:

— Que tendes, meus irmãos? para que tamanho pezar? a vida é um sópro, que ninguem póde suster. Isto já se esperava; demais eu estou tranquilla!... Felizes os que deixam a terra sem saudades nem remorsos, e que voltam para o seio de Deus tranquillos e alegres! Dizei-me, eu tenho graves culpas, pelas quaes me condemne Deus? Não contribuí para a vossa felicidade? Tendes de que me accuzar?

— Não, exclamaram os dois recém-casados com voz enfraquecida.

— Pois bem, ainda assim perdoae-me, e tambem tu, minha boa tia!

Angelina ergueu-se com difficuldade: e, depois de ter pedido a sua tia que se approximasse, apertou-a muito contra o seio, e beijou-a nas mãos.

— Agora vós, disse ella, chamando a si os dois jovens, que, tomados de respeito, curvaram as cabeças e ajoelharam a seu lado.

Angelina uniu com suas mãos as duas frentes e abraçou-as junctamente.

— Possa este meu abraço chamar sóbre vós a benção celeste e cobrir-vos d'immensa felicidade. A minha derradeira prece será por vós, para que o Senhor affaste de vossas cabeças as tempestades da vida!

Copiosas lagrimas inundavam todos os rostos; só o de Angelina se mostrava sereno e por assim dizer esperançoso; parecia que o espirito já lhe fugia para a patria dos justos!

Fez-se um pequeno silencio; Izaura, tremula e confusa, chegou-se ao ouvido de sua irmã, e disse-lhe:

— Minha sancta irmã, perdoae-me!

— Perdoar-te, quando tu me fazes sentir

15 DE MARÇO DE 1863

os primeiros instantes de gózo que tenho tido 'nestes tres annos?! Oh! não tenho que perdoar-te, minha filha! No ceu, Deus te compensará da immensa ventura que me dá...

As duas irmãs conservaram-se por muito tempo enlaçadas; depois Angelina, como que fatigada d'este esforço, affastou a joven e deitou-se.

Pensaram todos que ia ella desfallecer; mas, não! tomando alentos novos tornou a chegar para si a frente de sua irmã, e fallou-lhe algum tempo ao ouvido.

Eram os ultimos conselhos que lhe dava, para ella podêr ser feliz com Jorge; depois disse:

— Deixem-me agora e mandem-me para aqui o ministro de Deus.

Immediatamente foi obedecida, mas todos os rostos se voltaram antes de transporem os humbraes da porta, como se sentissem que, viva, a olhavam pela última vez!

E assim foi.

Passado algum tempo, Izaura, impaciente, vinha escutar á porta, quando se encontrou com o sacerdote, que 'naquelle mesmo instante acabava de sahir.

Um olhar rapido, fugitivo e doloroso fez comprehender ao padre que ella o interrogava; respondeu elle:

— Filha, vae interrogar a Deus, que só elle te poderá dar contas de tua irmã! Era uma sancta; d'ella aprende a ser virtuosa!...

EPILOGO

Quem hoje for a Braga, desviando-se da estrada, e tomando por um estreito caminho por entre montanhas, irá dar com uma linda casa de campo, tal qual a descrevi no capitulo 1.º Á porta d'essa casa verá duas crianças, formosas e brancas como os anjos, brincando alegres e felizes! Pergunte de quem são e saberá, que são os filhos de Jorge e Izaura, que alli vivem.

Agora quer a leitora saber se são felizes? Não muito! Izaura sonha sempre divertimentos, distrações e grandes sociedades, porque o amor de seu marido a não satisfaz; Jorge tem ciúmes, e vive afflicto. De Angelina parece que já não existe uma lembrança 'naquelles corações; mas fallae d'ella ao povo

d'aquellas circumvizinhanças, e todos erguerão as mãos e dirão: «Oremos por ella, que era uma sancta!»

Lodeiro, 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

Δ Δ.

Quem me dera saber os teus segredos,
Quem me dera podêr fallar d'amor.
Quem me dera sonhar mil sonhos ledos,
Que dessem a meu peito doce ardor!

Se eu soubera dizer-te minhas maguas,
Meu pobre seio pulsaria então.
Por testemunha tenho só as aguas
Que as faces banham 'nesta solidão.

Mas tu, oh! genio, sabes meus ardôres,
Que em noite bella á virgem confessei.
Nem já me é dado recordar amores
De que leves instantes só gosei!

Alta noite d'amor ouvi delyrios
Mas desde então meu peito não pulsou.
Que tu, oh! genio, sabes os martyrios,
Que desde ess'hora a virgem me doou.

Ai! se eu pudera relembrar agora
O doce instante que não voltará?!
Triste de mim que tenho só d'outr'ora
Saudade que jámais se apagará.

Gentil esp'rança 'nestas amarguras
Não me faz em aneio já pulsar.
Nem meus anhelos vão buscar doçuras,
Que nem delicias posso já sonhar.

Coimbra, 17 de janeiro de 1863.

ALFREDO ELYSIO PINTO DE ALMEIDA.

Se apagaes subitamente uma luz, com os olhos fitos 'nella, por algum tempo vereis nas trevas uns clarões informes. Assim re-luz o brilho do passado aos olhos da alma fechados para sempre.

C. CASTELLO-BRANCO. Mem. do carcere.

Não há nada mais ridiculo do que um velho com pretensões a criança.

A. R.

ESPERANÇA

A esperança é a alma da vida. A vida sem esperança é marasmo, é inercia, é morte. O homem, batido de continuo pelas tempestades e recontros, que o mundo lhe depara, cahiria no extremo dos males, na desesperação, se juncto d'elle não velasse a esperança, que o sustenta forte e resignado contra os embates do infortunio. Por entre as nuvens carregadas e tristes, que nos toldam a existencia, rompe sempre um raio de luz, que nos anima e consola.

Sustenta-se o pêso dos desconfortos e males que nos opprimem, não se esmaga o coração debaixo da pressão violenta da dor, porque nos conforta a esperança; por ella, só por ella, deixámos de attentar innumeradas vezes contra a propria existencia, que nos corre nublada, por ella guardámos puras as crenças, com que na infancia nos embalaram, que d'outro modo nos vergariam myrradas ao sópro do infortunio; é ella o unico allivio para uma alma em desolação, para todos os que soffrem é amiga e carinhosa, que presta resignação e brios. Por isto é a esperança a alma da vida. E não só porisso. A vida exprime movimento, acção, e a esperança é impulso a quasi todas as nossas acções, é o movel poderoso e forte, que leva o homem até aos grandes commettimentos. Por isto tambem é a esperança a alma da vida.

O lavrador rasgando a ferro de charrua a terra recalçada e dura, regando-a com o suor de seu rosto, exposto o corpo aos raios do sol d'estio, sujeito ás tempestades, aos gelos e rigores do inverno, soffre tantas fadigas, arca com um pêso immenso de trabalhos duros, porque espera. Tanta fadiga a esperar se sustenta.

É pela esperança que o navegante deixa a patria com as suas recordações, o logar encantado, que o viu nascer, a sombra das arvores, que lhe temperavam o sol d'estio, o murmurio dos regatos, monotono mas suave, que lhe acordavam o coração para um sentir vago e indefinido, os trilhos e gorgeios do rouxinol a descantar hymnos d'amor por lindas noites de luar. Deixa mais que isto; deixa os affectos de mãe, que não tem eguaes... affectos e amor de mãe! Oh! deixae-me por um pouco demorar aqui! A mulher — mãe é um ente sublime de resignação e sentimen-

tos; é um ser privilegiado da creação! O coração de mãe, todo sentimento, transborda de prazer pela felicidade d'um filho; enche-se ao contrario d'amargura, se o infortunio lhe descarregou um desar. O amor de mãe não tem par; não se lhe compare — amor de pae. O coração de pae é coração de homem, e a mulher sente mais. O pae ama o filho, a mãe estremece-o.

Traz-nos em seu seio, abre-nos as portas do viver entre dores excruciantes, a trôco muitas vezes da propria existencia, suspende-nos ao peito para nos dar o primeiro alimento, enfaxa-nos, ensina-nos a balbuciar as primeiras palavras, cobre-nos de caricias e ternuras, abre-nos primeiro que ninguem o espirito para ideias religiosas, guia-nos o pensamento até Deus — e por tantos trabalhos, por tão assiduos disvelos o que pede em recompensa? A vida do filho, a quem não deseja sobreviver, a sua felicidade, que compraria por muitas afflições, por amargas lagrimas. Ás vezes levo-me a crer que todo o amor se resume no amor de mãe...

E o navegante tem forças para deixar tudo isto! Com o pensamento na patria, que vae deixar, na familia, que fica em lagrimas, e a saudade no coração, lá vae mar em fóra sustentado pelo apoio da esperança, que lhe sorri bondosa, e que 'num sorriso lhe promette a restituição de tantos bens, prazeres, affeições, que agora deixou.

Segui-o com os olhos do pensamento: lá vae, mar largo, triste e choroso por saudades da patria, mas consolado pelo sorriso da esperança: em tórno a vastidão dos mares, imagem do infinito; lá em cima suspenso no ar, o firmamento.

Um dia, ainda longe da terra, principia-ram a toldar-se os ares; as nuvens junctaram-se, agglomeraram-se, condensaram-se, fartas de electricidade; o ceu escureceu, o vento soprou rijo de muita força... e depois a electricidade refervia 'naquelles vapores amontoados, que já a não podiam reter.

Mais um pouco... Estala a tempestade, fuzilam os relampagos, cruzando-se em chispas, ronca o trovão atroando os espaços, dá corsos o mar estorcendo-se em raiva!... e o vento a soprar com força, a erguer ondas empoladas, e o baixel, ora a tocar nas nuvens, ora a precipitar-se nos abysmos! E tndo desconforto e angustias; e comtudo a espe-

rança sorri ainda, porque se põem as mãos, se fitam os olhos no ceu, se erguem súplicas ao Deus de bondade, dominador da terra e mares, Senhor das tempestades!...

O inferno, para quem soam annos os dias, e as noites seculos, porque dias e noites lhe passam em contínua tortura, em amargurado soffrer; afflicto, angustiado, revolvendo-se 'num leito de espinhos, presente sempre ao espirito a lembrança do estado de saude, que d'antes gosára, lembrança que só serve a animar o soffrimento, o inferno, traspassado de dores pungentes não vai até á desesperação: se a lembrança da morte se lhe apresenta ao espirito, acode logo ao coração a *esperança* a prometter fim a tantos soffrimentos, a dar muita resignação com a promessa de dias de ventura, para que é primeira e essencial condição vigor no corpo e paz no espirito. Se o inferno, na recrudescencia do mal, de que é victima, vê illudida aquella promessa que lhe dava força e constancia para supportar uma agonia duradoura, se lhe falhou a esperança da terra, então ora a Deus, e 'numa prece evoca a esperança do ceu, que, apontando-lhe a patria da bemaventurança, lhe faz esquecer saudades do mundo. Esperança da terra, ou esperança do ceu, é ella sempre que nos anima e consola nas maiores tribulações.

(Conclúe)

ABEL P. DO VALLE.

In amaritudine animae.

Chovam sôbre outros rios de venturas,
Cubram-lhe o chão, que pisam, brancas flores,
A luz lhes doire a vida, e das alturas
Desçam-lhes risos mil, graças, amores!

Eu, triste eunucho,

Fadado para o mal, irei passando
Sêm uma vez libar divino succo
Da taça que o prazer vae intornando.
Verei outros haurir o nectar puro,

Que os rostos illumina,

E terei de ficar humilde e escuro,
Abraçado com a sombra que me envolve,
Com a dor que me domina!

E todavia os cantos me imbalaram
Da doce voz de mãe, que o peito volve,
E sôbre o berço meu faces gostosas,

Com benignos sorrisos se inclinaram.
Tive na infancia c'róas d'alvas rosas,
E sôbre a fronte loira me lançaram
Os fluctuantes mimos de mil flores.
E comtudo sorvi gratos olores
Dos perfumes que em roda me intornavam.
Com sorrisos d'amor pagava tudo,
E coros d'anjos mil me rodeavam!
Oh! natureza! ó Deus! porque não mudo
Esta dor em prazer, em paz a guerra?
Passar ante essa turba, ignoto e mudo,...
Saber quanto se gosa,
E não podêr gosar! e em toda a terra
Não ter onde repouse a alma anciosa!
Meu Deus! para que foi saber venturas,
E não podêr gosar-as?
Ou tu me dêssees só sombras escuras,
Ou eleva-me aos ceus em que te imbalas!

SANTOS VALENTE.

INFELIZ POR CAPRICHIO

III

Pouco depois a filha estava reunida ao pae.

— Eufemia, disse este, vês aquelle cavalleiro, que se dirige para aqui?

— Vejo, meu pae.

— É Aniceto, um rapaz cujas bellas qualidades tens já tido occasião de conhecer. Ora, diz-me, que tal te parece elle?

— Muito estimavel.

— Gostarias de que elle fôsse teu marido?

— Marido?...

— Sim, porque é que te admiras?

— Admiro-me de o pae querer que eu me separe de si.

— É isso o que respondem geralmente as filhas aos paes, mas são palavras a que eu não dou credito.

— Não crê então na minha amisade?

— Crerei, se tu me deres uma prova.

— Falle, meu pae.

— Aniceto pôde fazer a tua felicidade, que é tambem a minha, casando contigo; responde agora, queres casar com elle?

— Deixe-me reflectir, meu pae.

— Não ha quê reflectir. Aniceto escreveu-me hontem a pedir a tua mão, e hoje

vem buscar a resposta. D'aqui a tres minutos está aqui.

— Se eu não gostasse d'elle, meu pae, como poderia ser feliz?

— Haverias de o ser, logo que deixasses de ser louca.

— E se eu não quizesse casar com Aniceto, o que faria?

— Os paes podem fazer-se obedecer por suas filhas.

— Obrigar-me-ia, não é assim? Iria por um capricho lançar-me no abysmo da desgraça?

— Ora ahí está para que a gente anda a educar os filhos, sem se lembrar, que as malditas novellas hão de destruir o que a gente faz.

— Não são as novellas, meu pae, que me fazem dizer isto; são os sentimentos de liberdade, que devem ter todas as mulheres.

— E, então está decidido, não queres casar com Aniceto?

— De vontade casarei.

— Bem. Recolha-se ao seu quarto e veremos quem manda aqui.

Retirou-se Eufemia, e um criado annunciou o sr. Aniceto Sebastião d'Oliveira Castro e Silva Faria.

Depois de várias phrases preambulares, trocadas de parte a parte, o fidalgo tossiu, como um orador quando está para principiar um discurso, e disse:

— Li com summa satisfação a sua carta d'hontem, por ver 'nella a prova de que ainda existem corações generosos: todavia não lhe posso conceder a mão de minha filha.

— Oh! exclamou Aniceto, imitando um actor do Theatro da Inquisição, 'numa scena de tragedia: serei eu mais uma víctima sacrificada nos altares da desgraça.

— Não digo tanto, meu amigo; se eu conseguir pôr em bom caminho os meus negocios, dar-lhe-hei a mão de Eugenia.

— Mas que têm os negocios de v. ex.^a com o meu amor?

— Têm muito; minha filha não tem cinco réis de dote.

— Fidalgo, não julgava que apreciasses tão mal os homens. Julga que busco dinheiro e não amor? engana-se. Dê-me a mão de sua filha, e não se importe com dotes.

— Nobre e generoso mancebo, és um di-

gno descendente dos Silvas Farias, a quem folgarei de chamar meu filho.

— Obrigado, mil vezes obrigado, aquelle que consente em que eu seja feliz.

Sahiu Aniceto da quinta do fidalgo, depois de terem concertado tractarem ambos de arranjar com a maior brevidade todos os documentos necessarios para o casamento. Chegou a Coimbra, e, como já tivesse anoutecido desde muito, ceou e deitou-se, dizendo consigo.

— Se acaso não fôsse verdade ter morrido o tal tio da Bahia ficava sem pataco.

(Conclúe)

A. CORLHO.

A DISTINCTA ACTRIZ JOSEPHA SOLLER

Em abril de 1860

Se um raio do teu genio illuminasse
Em scentelha fugaz meu estro ardente,
Ganháras um cantor;
Os applausos que escutas fervorosos
'Num hymno os traduzira p'ra lembrar-te
Esta noite de amor.

Hoje imperas aqui; cingem-te a fronte
Grinaldas de gentis, viçosas flores
Do mais formoso abril:
O tempo é primavera; e a mocidade
Te rende preito, unindo-se co'o tempo
Em cortejo gentil.

Na terra das saudades te festejam;
E um dia as carpirás quando te lembre
A noite que passou;
Que tributo leal se presta á glória
'Nesta terra gentil; nunca a lisonja
Tal tributo manchou.

A musa da tragedia, peregrina,
'Neste palco soltou a voz ingente
Em rapida visão;
Após ella seguiu-se a excelsa Emilia:
E tu' depois grangeias novas c'róas,
Moves nova emoção.

A. A. F. P.

A felicidade mata ás vezes o genio, assim como outras a desgraça o cria.

A. E.

AMOR E MARTYRIO

(Continuação)

Finalmente João, levantando para Sexto os olhos arrasados de lagrimas, quebrou a mudez que alli reinava, dizendo-lhe:

— Amigo, dá-me um conselho; vejo ante mim um abysmo que de instante para instante mais se alarga e aprofunda. Quando ha pouco entoava a minha canção d'amores sabia que essa açucena perfumava uma tumba.

— Assim é, disse Sexto, a morte devora lentamente os ultimos instantes de Elena, e cada grão de areia que se desprende da ampulheta que marca os momentos fugitivos da sua vida é um passo gigantesco que a formosa virgem dá para a sepultura. João, eleva-te á altura d'essa dor immensa, e recebe com coragem o teu baptismo de soffrimento; neophyto da sciencia do mundo, tem ânimo.

— Animo! fallais-me de animo e de coragem? Porventura Deus pedir-me-ha contas porque desfalleci á dor, não podendo suportar sua violencia?

De novo resoaram passadas na galleria, que interromperam João, o qual ancioso olhou para a porta e estremeceu violentamente.

Apparecêra nella um velho magestoso, de longa barba e cabellos tão alvos como a neve que corôa os pincares elevados das montanhas do norte. Era um ancião verdadeiramente poetico. Era um *fac-simile* d'esses bustos creados por *Forwalden*.

Entrou.

Lançou um olhar espavorido em roda do aposento. Os olhos despediam um fulgor extranho, mas não se fixavam em ponto algum.

— Senhor, disse João, ia procurar-vos.

— Tambem eu te buscava, exclamou elle.

— E vossa filha Elena?

O ancião respondeu com uma vóz que parecia o écho d'uma crypta subterranea, repercutindo ao longe:

— Está moribunda...

E, dizendo isto, lançou um suspiro, que resumia todo o soffrer de que são capazes as entranhas d'um pae para com o ente debil a quem deu a vida com seu alento amoroso, e creou na solidão de seus dias como uma planta mimosa e delicada. O ancião continuou:

— É a minha obra, ... cumpra-se a vontade

do Senhor; o sangue golfa dos labios de minha filha, resequidos pela febre. Vinde, vinde consolal-a e mitigar-lhe as derradeiras agonias. Pobre martyr que o capricho da minha vontade selvagem e ferrea sacrificou, planta tenra de que eu fui o furioso vendaval que a fez quebrar...

Estas palavras cahiram como cascas de fogo nos seios d'alma de João. As lagrimas, que ha pouco lhe minoravam a dor, seccaram-se-lhe nos olhos, que se tornaram aridos, como a fonte em dia calmoso d'estio.

Os signaes d'um sulco profundo desenharam-se-lhe na fronte até então lisa e esplendida. De cada um de seus cabellos cahia uma gôtta d'agua que escaldava. Sua alma, formada d'um puro e candido espirito, era um Eden para a poesia melancholica, para o romanticismo; nutria-se de commoções delicadas e timidas. A esperanza desabroxava-lhe no seio como uma flor mística, perfumando-o, e avivando-lhe os sonhos dourados.

Agora, por uma d'aquellas reacções de que tão susceptiveis são as naturezas delicadas, transformou-se 'num deserto desolador aquelle espirito fragil. Poesia, amor, esperanza — as tres palavras mais encantadoras da linguagem da alma, foram-lhe riscadas para sempre do livro do seu coração.

Os tres sahiram do quarto. João foi o primeiro; o seu andar acelerado apenas era acompanhado por Sexto. O pae de Elena seguiu-os em distancia com passos vagarosos.

III

A camara de Elena, escurecida de proposito, mal deixava aperceber os objectos que a occupavam. Não podiam as debeis retinas da muribunda supportar os fortes raios da luz. A noite artificial, que se via no quarto, correspondia á continua noite de padecer que devorava os ultimos alentos vitais da menina d'Ullera. Os olhos tinham-se-lhe sepultado na profundidade das orbitas. Era o symbolo da morte!

Segurava nas mãos um lenço branco, aonde, depois d'uma tosse sècca e violenta, cahiam de instante a instante golfadas de sangue purpureo ou negro.

No fundo da casa, ajoelhado, diante d'uma imagem do martyr do Golgotha crucificado,

ante o qual uma lampada projectava uma luz bruxuleante e mortiça, murmurava um monge o officio de defunctos. Ouvia-se-lhe distinctamente, apesar do baixinho do seu entoar, dizer:

Contra falium quod vento rapitur ostendis potentiam tuam et stipulam siccam persequeris?

Ao lado do leito sentado juncto á cabeceira outro monge repetia de vagarinho aquellas palavras. Com os braços cruzados, o negro capuz cobria-lhe a cabeça e moldurava-lhe o rosto. De quando em quando inclinava a cabeça para a virgem, como quem lhe estava ensinando a maneira de cruzar os humbraes do sepulchro para o porto de salvação.

Elena estava com o maior recolhimento e devoção. A cada palavra do monge correspondia o seu semblante cadaverico com um gesto de humildade.

O frade, segundo a práctica que a fé viva lhe inspirava, ora apresentava a sublime gravidade do representante do Ente Supremo, ora a sollicitude do ministro de Jesus Christo, o Deus dos que soffrem; 'nestes momentos similhava a mãe desvelada que á fôrça de caricias faz adormecer o filhinho adorado.

(Continúa)

HENRIQUE FREIRE.

A UM JOVEN ACTOR

O genio é sol brilhante, que illumina
Com dourado fulgor da gloria a palma!
Cada raio dos seus creara um Talma
Se a todos nos coubesse a luz divina.

Então nascera a gloria, peregrina,
Do mais ardente sópro de nossa alma!
Bem como nasce a flor na doce calma
Quando a brisa do sul o val' domina.

O que levar-nos pôde á eternidade
Esse laço, porém, que a Deus nos liga,
E que aos homens só lembra com saudade,

É bem raro condão de sorte amiga!
Mas tu, mancebo, exulta! á Divindade
Roubaste a luz eterna: a scena o diga!

LUÍZ CARLOS.

OS LUSIADAS E O ORIENTE

SEGUNDA PARTE

ANÁLISE DO DISCURSO PRELIMINAR DO ORIENTE
NO PRIMEIRO VOLUME D'ESTE POEMA

Até aqui temos mostrado onde José Agostinho de Macedo imitou, e muito, a Camões; passemos agora a analysar o Discurso Preliminar do *Oriente*, e algumas observações lhe faremos.

Lê-se a pagina 59: «Virgilio não quiz dar principio á navegação de Eneas com a partida d'este heróe do porto de Troia, lança-se com a imaginação no meio da viagem, e o considera velejando nas alturas ou nas aguas da Sicilia, etc. Eis aqui o exemplar ou modelo, etc.»

OBSERVAÇÃO

«Segundo as opiniões dos melhores auctores ha duas especies de narração, uma natural e outra artificial.

«A natural é a que segue a ordem dos tempos contando em primeiro lugar aquellas cousas que primeiro succederam, e em seguinte as que se seguiram. Em similhantes narrações se acha descripta uma acção do mesmo modo que succedeu, e alli se vê primeiramente o seu principio, depois seu meio, e ultimamente o seu fim.

«A artificial não segue a ordem dos tempos e dos successos; mas propõe desde logo o meio da acção, e depois narra os principios d'ella e o seu fim.

«A natural é mais propria dos historiadores, que dos poetas. Aquelles têm por objecto representarem nos escriptos os successos passados, segundo a verdade sem mais nem menos; e assim nol-os devem representar nos mesmos logares e nos mesmos tempos em que elles se passaram. Estes têm por fim o deleitar; e como um grande meio para isso é excitar a curiosidade e ter suspensos sempre os animos dos leitores, levam estes ao meio da acção na qual uma vez interessados, lhes faz desejar saber os principios e causas d'ella, suas antecedencias e o fim d'ella.»¹

Segue-se por consequencia que se Camões,

¹ Jeronymo Soares Barbosa — Análise dos Lusíadas de Luiz de Camões, pag. 55.

como Virgilio, não deu principio á navegação do Gama com a partida d'elle de Lisboa, não fez mais do que conformar-se com a opinião dos melhores auctores, como fica exposto.

Ha ainda aqui a notar uma cousa, e é, que Macedo diz querer fazer um poema todo original, e critica Camões, como já se disse por, como Virgilio, não dar principio á navegação do Gama com a sahida d'elle de Lisboa, e a pag. 89 do 1.º volume do *Oriente* diz: «....., e seguiu como o Tasso a ordem natural da historia desde a sahida do heróe até á sua entrada no Tejo.» Seguir como Tasso, etc., não é imitar o Tasso, é uma originalidade nova que Macedo inventou.

A pagina 60 lê-se: «Virgilio faz entrar Eneas em Carthago, Camões faz aportar o Gama a Melinde.»

OBSERVAÇÃO

Macedo da mesma fórma faz aportar o Gama a Melinde.

A pagina 60 lê-se: «Eneas é recebido e agasalhado por Dido; Vasco da Gama é recebido e hospedado por o rei de Melinde.»

OBSERVAÇÃO

Macedo faz acontecer o mesmo a Vasco da Gama.

A pagina 60 lê-se: «Eneas conta a Dido sua navegação desde Troia até Carthago; Vasco da Gama conta ao rei sua navegação desde a praia do Restello até Melinde.»

OBSERVAÇÃO

Macedo faz que o Gama conte ao mesmo rei a razão por que allí vinha, e succintamente os perigos que tinha encontrado na viagem, que é o mesmo que contar a sua navegação.

A pagina 60 lê-se: «Virgilio conta o resto da navegação de Eneas desde Carthago até ao Tibre; Camões conta o resto da navegação de Vasco da Gama desde Melinde até Calecut: fóra muito melhor traduzir Virgilio, que imitar tão servilmente Virgilio.»

OBSERVAÇÃO

Macedo conta tambem, como Camões, o resto da navegação de Vasco da Gama de Melinde até Calecut: fóra muito melhor tradu-

zir Virgilio e copiar Camões do que imitar tão servilmente um e outro.

A pagina 62 lê-se: «No concelho¹ de Virgilio, ergue-se Marte da sua cadeira, e segue as partes dos Troianos, seguindo o parecer e voto de Venus; no concelho de Camões segue Marte o parecer e proposta de Venus, opina como ella a favor dos portuguezes, e pede a Jupiter que mande a Mercurio, como Viador, a dispór a hospedagem dos Lusos em Melinde.»

OBSERVAÇÃO

Não é verdade ter Marté pedido a Jupiter que mande Mercurio preparar a Melinde hospedagem para os Lusos; mas sim pedir elle ao mesmo Jupiter que mande o mesmo Mercurio mostrar aos portuguezes terra, onde da India se informem.

(Continúa)

A. M. C.

Charada

Uma nota, um som apenas,	1
Que ouço ás vezes echoar.	1
Quem solto e livre de penas,	1
Ao cabo pôde-a buscar.	1

De ti, só volvem sorrisos
Do mais atroz dissabor
Tu és a patria dos genios,
Tu és seu doce vigor.

ALFREDO ELYSIO.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

SCENAS ROMANTICAS

POR

Henriqueta Elysa Pereira de Sousa

E

Alfredo Elycio Pinto de Almeida

Um volume de perto de 300 paginas em oitavo, pelo preço de 500 réis em Coimbra, e 600 réis nas outras terras. Assigna-se' nesta redacção e na Livraria Central, Lisboa e Coímbra.

¹ Concelho dos Deuses no Olimpo, convocado por Jupiter.



SAUDAÇÃO À PRIMAVERA

As Graças e os Amores,
Coroados de alegria
Em doce companhia
De nymphas e pastores, ó som brando
Doces versos de amor vão revezando.

FERREIRA. A primavera.

Bem vinda sejas, primavera qu'rida,
Que me dás vida que me dás calor
Bem vinda sejas! de teu seio a esperança
Brota em bonança de sincero amor.

Bem vinda sejas, palpitante, linda,
Que eu possa ainda tuas gallas ver.
É triste o ermo, quando murchas cores,
Pallidas flores se vão lá colher.

Bem vinda sejas, que por tí acorda
Da lyra a corda que não vibra um som.
Despertas 'nalma sensações já frias,
Mil harmonias com singelo dom.

Bem vinda sejas, deslumbrante aurora,
Tu és de Flora precioso altar.
Da frente esparges scintillantes lumes
De mil perfumes nos virás cercar!

Da minha terra protectora qu'rida,
Que já perdida pelo mundo andou,
E que ora-volve com semblante amigo
Buscar abrigo aonde outr'ora amou.

De puros raios vem cingir-te o rosto
Diadema posto pela mão de Deus.
As plantas cinges d'um collar de prantos
E elevas cantos ao Senhor dos ceus!

Tens oh rainha, no meu seio um throno,
Vem do teu somno nos degraus sonhar,
Terás vassallos, trovadores antes
Sempre constantes em saber-te amar!...

Lodeiro, 23 de fevereiro de 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 10

A PRIMAVERA NA MINHA ALDEIA

Na minha terra uma aldeia
Por noites de lua cheia,
É tão bella, é tão feliz!!

Disse-o João de Lemos; e ninguém com tanta propriedade, com tanta poesia filha d'alma, o poderia repetir!

Aquelles versos foram sentidos antes de serem escriptos! palavra por palavra lhe passou pelo coração antes de chegar á penna! Só a saudade, saudade da patria, lhe podia inspirar tão sentidas notas d'aquelle suavissimo canto! Ninguém ha que lendo-o, não experimente o sentimento que elle tão bem soube exprimir!

Depois de João de Lemos que poderei dizer da minha aldeia, eu que apenas lhe sentir as suas bellezas?! Posso sim contar as minhas impressões, que tantas são ellas, quantas as vozes d'esta natureza que me cerca!

O regresso da primavera aqui é uma coisa indescriptivel!

Um dia, pela manhã, abre-se uma janella, e fica-se extatico ante o bello espectáculo, que inesperadamente se appresenta a nossos olhos. Em torno de nós tudo sorri, tudo canta, tudo palpita!

É tão rapida, tão sensivel ás vezes esta transicção do inverno para a estação das flores, que, admirados, perguntamos a nós mesmos: «Que festa ha na natureza para assim se ostentar remocada e enfeitada como uma noiva? Ah! é verdade, é a primavera que chega; bem vinda sejas, eu te saúdo!

E um secreto estremezimento de alegria nos faz sorrir tambem para o Creador, que nos dá com mão prodiga tantas maravilhas.

O coração palpita com violencia, os pulmões arquejam com ancia, pela avidez com que aspiram este ar puro, que nos traz uma nova existencia!!

Não é bella e feliz a minha aldeia?! Se mais bellezas encerra eu não lh'as posso contar: mas os versos de João de Lemos resumem tudo quanto disse, e quanto me fica ainda por dizer.

Lodeiro, 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

O homem feliz só se lembra do presente.
1 DE ABRIL DE 1863

AO MONDEGO

Vão mansamente as aguas d'este rio
Correndo até seu fim... Tem fim ao menos
Estes espelhos d'agua tão serenos!
SANTOS VALENTE.

De Herminias serras nevadas
Desce o Mondego real;
E sobre areias doiradas
Corre puro o seu crystal;
Em fios de prata lisa
Vae murmurando co'a brisa
Doce canto festival.

Na veia se lhe retrata
E se mira a mais não ser
Donzella que os olhos mata
A quem com o riso prender;
Ledo o espelho lhe copia
O rosto d'aurea magia
Que o namora com prazer.

Com sua doce corrente,
Com seus lugubres chorões,
É mais que o Douro potente
A ferver em seus cachões;
Se carrancudo põe medo,
Não sabe o triste o segredo
De prender os corações.

Nas tuas margens viçosas
Foi, Mondego, que nasci;
Foi teu halito de rosas
O primeiro que bebi;
Foi por entre os teus salgueiros
Que tive os brincos primeiros,
Onde infante me sorri.

Foi então... 'naquella idade,
Que mais encantos gozei;
Hoje só resta a saudade
D'esse tempo que passei:
Quantas vezes pequenino
No teu curso crystalino
Alegre o rosto mirei!...

Quantas vezes pela areia
Corria louco a folgar,
Tendo sempre fita a ideia
Somente em rir e brincar!?
Ai! que lembrança tão doce!
Que pena a vida não fosse
Sempre infancia — sem penar!...

Foi aqui, por entre as flores,
Onde a sentir comecei,
Onde, perdido de amores,
Com vivo fogo adorei:
Foi ao som de tuas aguas
Que curti as minhas maguas
Que meus suspiros soltei.

Mas hoje, Mondego amado,
Meus prantos podes colher,
Que aquelle amor mallogrado
Me fez em copia verter.
Se te dei risos outr'ora,
Dou-te martyrios agora,
Que é minha sina... soffrer.

A. A. F. P.

ESPERANÇA

(Conclusão)

O criminoso, calando á fôrça o grito da consciencia, que lhe accusa um pensamento sinistro e sanguinario, deixando fallar mais alto uma paixão ruim, do que a ideia e sentimento do justo, que Deus implantou no coração de todos os homens, levanta o braço homicida e anniquila uma existencia.

Horrorisado, por que viu offendidos os mais sagrados direitos do homem, calcado aos pés o principio da justiça absoluta, e temendo pela sua segurança, que seria illudida na repetição de factos d'aquella natureza, a sociedade apodera-se do criminoso, mette-o 'numa enxovia, da-lhe por sustento pão negro e agoa, lança-lhe aos pulsos pesadas cadeias, que a custo arrasta. Então vem para o criminoso o soffrimento atroz: é a testemunha, a que nenhum crime se esconde, a consciencia, a accusar-lhe uma atrocidade: é o remorso implacavel a pungil-o de acerbos dores; é a prisão sombria e humida a recordar-lhe com amargura, a luz, o sol, as estrellas, os campos, as collinas, a familia; é a sua victima a clamar-lhe vingança em agitados e horrosos sonhos, é a ufania com que se manchou perpetrando o crime a recordar-lhe o desprezo dos seus semelhantes, é um turbilhão de pensamentos a qual mais pungente, a torturar-lhe o espirito... e este homem, assim angustiado por que se tem que não esmaga a cabeça contra as paredes do carcere?

Espera da justiça da terra que ha-de ser clemente, e restituir-lhe a liberdade, e da misericórdia de Deus que ha-de perdoar-lhe e livral-o do remorso implacavel.

Não é só isto. Um homem geme sobre os males da patria em desalento, que vê ir-se para a sua ruina, se mão vigorosa e bemfazeja não corta o mal, que lhe enerva as forças.

Aquelle homem concebeu uma ideia; na realisação d'essa ideia está, a seu vêr, a salvação da terra, que o viu nascer; é preciso trazer essa ideia ao mundo das realidades, encarnal-a em factos, tornal-a elemento de vida social. É empenho, na verdade, difficil. Ideias velhas a reagir contra as novas, preconceitos, interesses, ambições, poderes constituidos são outros tantos inimigos, que lhe hão-de oppor fôrça tenaz e teimosa contra a sua pretensão, e ai d'elle se não triumphar da lucta! Não importa. O amor de patria pôde muito, por que a patria é este sol, que nos alumia, sol mais brilhante que o que nasce 'noutras paragens, é esta lua mais saudosa, são estas arvoredos que nos dão sombra, estes prados verdejantes, estes arroios a serpear por entre a relva, estas collinas, estas montanhas a topar nas nuvens, estes bosques a gemer com a viração da tarde; a patria é tudo isto e mais ainda—é o pão que nos alimenta, as leis que nos regem, os costumes que nos caracterizam—é o amigo, o irmão, o pae, a mãe: são todos estes homens, que pisam o mesmo chão, que fallam a mesma lingua. Assim, a que não pôde levar o amor da patria? Pois bem: esse amor a dar animo, e a *esperança* a abrir-se em bello horisonte, a mostrar-se em risonho futuro levam a dar o passo arriscado, a empenhar a lucta, que, se lhe termina desfavoravel, ha-de custar-lhe a vida com a de muitos concidadãos.

De quanta *esperança* não é preciso ser alimentado para correr mar desconhecido em demanda de mundos novos? Como explicar os commettimentos audaciosos de Vasco da Gama, Christovão Colombo, Magalhães, e outros? Vasco da Gama, o capitão forte, que abriu á Europa as portas do Oriente, quantas difficuldades não teve que vencer? Sahindo do extremo occidente la vai por mares nunca d'antes navegados em demanda de regiões té hi desconhecidas. Tormentas no mar, insidias na terra, tudo arrosta para chegar ao seu

empenho. Ha-de dobrar o cabo tormentorio, ha-de resistir ás ameaças do fero e tórvo Adastor, ha-de roubar-lhe as chaves, com que abra ao velho mundo o mundo novo, ha-de, sim, por que la do oriente lhe scintilla uma luz d'*esperança*, e guiado por ella la vai por entre perigos e escarceus a encher aquellas remotas plagas do nome—Portugal—.

Mais um exemplo d'entre os muitos que se poderiam apresentar.

Vêde aquelle filho, que vae deixar a casa paterna; olhai para a mãe: vêde como ella o aperta ao seio, como sobre elle derrama lagrimas sentidas! attentae-lhe bem no rosto; vêde como 'nelle se lhe retrata a dor que lhe vai 'nalma!... Porque tem forças para vêr partir o seu filho querido? Por que lhe fica a *esperança* de que virá um dia matar-lhe as saudades, que serão de todos os dias, por que se não risca do espirito de mãe a lembrança do filho que lhe vae ausente. Então ainda chora, ainda sente a amarga consolação das lagrimas, em que se desafogam as grandes dores, por que lhe sorri a *esperança*, que se assim não fóra, nem lagrimas teria para a sua dor, que lh'as queimaria ella ao rebentarem-lhe do coração!

Em fim ouçamos o que diz o auctor do «Genio do Christianismo» em relação á materia:

«Sans doute elle fut revelée par le ciel, cette religion qui fit une vertu de l'esperance! Cette nourrice des infortunés, placée auprès de l'homme, comme une mère auprès de son enfant malade, le berce dans ses bras, le suspend a sa mamelle intarissable, et l'abreuve d'un lait qui calme ses douleurs. Elle veille á son chevet solitaire, elle l'endort par des chants magiques.»

ABEL P. DO VALLE.

PAN

O verde Pán com a sua capa azul.

ANTHERO DO QUENTAL.

Ó verde Pan! se vejo a grenha hirsuta,
Onde os raios do sol meigos se infiltram
Nas doces horas, em que o ceu é róxo,
Vão-se-me os olhos na amplidão sem nome
A contemplar as virides planicies,
Em que o boi, esse placido philosopho,
Com olho internecido a sós medita

Vendo o tronco d'uma arvore cahida,
Que succumbira ao sopro da nortada,
Como elle ao jugo.

O Pan, teus verdes myrtos
Em tristeza profunda, e azul invejam
Que essa capa do'ceu sobre elles lança
Coberta d'esplendores. E pendentos
Sobre a prata do arroio, nelle os prantos
Derramam que lhes solta a dor das hastes.

E nós que sobre as ondas d'este oceano
Vogamos sem ter norte, olhos no abysmo,
Quedos ficamos no ambiente immenso,
Onde rôlam as dores. E um momento,
Que é o espaço, que a vida nos levanta,
Erguemos ao azul, que a todos cobre,
A vista pelas lagrimas turbada...
Depois vae cada qual passando ávante,
E no seio do Pan, qual onda ephémera,
Cahimos mergulhados 'nessa sombra,
Onde se evolue sempre o grande Todo.

Penedo da Meditação, 25 de março de 1863.

SANTOS VALENTE.

A PERDIDA

Sepultada no tremedal do vicio, pallida,
como a rosa dos sepulchros, julgas-te, mul-
her perdida, a rainha dos lupanares!

Mas o anjo da morte, batendo vagaroso as
azas negras, e segurando em uma das mãos
a fouce das vidas, e com a outra abrindo-te
as portas do escuro averno, adeja funereo e
insensível sôbre o teu leito, velado constan-
tamente pelo vicio e pelo crime.

Agua nas aspirações, verme ignobil no
sentir, tentáste ultrapassar os limites do
mundo da pobreza honrada, que o Poderoso
te ha traçado!

Porque tu vias algumas a quem já não
adornava a grinalda da pureza, pisarem ri-
cos tapetes, trajarem setins e adornarem sa-
las!...

Porque tu eras pobre! E a ambição le-
vou-te a pedir ao mundo o que não podés-te
alcançar de Deus.

Mas hoje que és? Mulher perdida, que
outr'ora entre andrajos transparentes occul-
tava o ramo da pureza, e que trajando agora
suberbas vestes patentêa a todo o mundo o
ferrete da sua deshonra!

Assucena desfolhada, o venenoso aspide

do vicio te cerceou a petala, expondo-te ao
tufão, das tempestades...

Anjo despenhado, deixaste o teu eden; sa-
grado vergel das verdadeiras delicias, e vieste
a revolver-te 'num tenebroso pelago de crimes
e vicios.

Como a rosa aljofrada dos prantos matu-
tinos, eras hontem pura e louçã; como a rosa
pendida, a quem o sol estivo murçhou, és
hoje desgraçada e semi-morta, resvalando in-
sensivelmente para a beira da sepultura; como
a rosa caída, a quem o gelado beijo da brisa
arreatou, sumindo-a na amplidão do espaço,
amanhã serás pó, e a tua alma irá receber
do Creador o justo castigo de suas obras.

Vizeu, março.

A. C. P. DE F.

A UNS ANNOS

11 de março

Bem facil é no mundo achar mentidos gozos,
E labios a sorrir em toda a parte os há;
Mas tu, cercado só d' affectos extremosos,
Tens rosas d'um jardim que o sol não crestará.

E affectos ao prazer dão cansa a mais constante;
E da amizade a voz tambem de gozo val;
Não seja extranho pois que a over a luz brilhante
De aurora tão feliz, saúde o teu natal.

1863.

LUIZ CARLOS.

AMOR E MARTYRIO

(Continuação)

Tudo no quarto tinha o aspecto da morte!...
Só de quando em quando o sol que começava
a sua carreira, rutilando no espaço, deixava
projectar atravez das cortinas da janella um
raio de luz, que illuminava com uma clari-
dade suave o alvo rosto da moribunda, e des-
apparecia para de novo volver, quando se
desfazia a nuvem que por um momento ob-
scurecera o astro do dia.

O rumor do mar trazido pela corrente das
vibrações do vento murmurava com um echo
distante e monotono uma triste endeixa da
lyra da natureza. Alli so reinava a lugubri-
dade. Parecia que o anjo da morte se erguia

de juncto do leito de Elena, sacudindo suas negras azas em torno d'aquelle aposento de sombras e tristeza.

— Sim, Elena, continuava o monge, dorme em paz na tua tumba, para despertares na eternidade juncto do Senhor que te formou o coração immaculado. «Os dias da vida passam como a sombra», diz o sancto Job. A esperança das coisas da terra é como a poeira da estrada que a viração da tarde eleva até ás nuvens, para immediatamente a precipitar na humildade primitiva. A esperança existe no ceu... e só essa esperança, que, como diz o Apostolo, tem o seu fundamento na fé celestial, é a verdadeira porque viverá eternamente.

— Meu padre, respondeu Elena com uma voz terna e fraca, Deus se compadeça de mim, pobre mulher que tanto amei e tanto soffri.

— Elle se condoerá, disse o padre, porque pelo amor do homem morreu cravado na cruz. Elle para todos abre generosamente os thesouros de sua misericórdia, quanto mais para ti, formosa como Esther, pura como Abisag. A coroa das graças cingirá a tua fronte pois que, como diz S. Jeronymo, «apuraste o calix da amargura no mundo, para gozares as delicias eternas.» Não te importe que teus dias se desvançam como o fumo, por que fumo são. Embora murchem as flores da tua belleza! são bem desprezíveis as flores que o mundo nos empresta, por que as não sabe resguardar do sopro da morte. Não te importem todos esses bens transitorios e fugitivos. Cerra-lhes os olhos para só os abrires nos vastos horisontes da eternidade, aonde não ha lagrimas nem soffrimentos para o que foi justo 'neste mar d'illusão. A formosura é uma vã mentira da natureza; nuvem do estio que se desvançe quasi antes d'aperceber-se. E será sempre abençoado o ente que despojando-se das vaidades da terra eleve o seu espirito ao Creador.

Elena, exaltada pelas palavras do monge, levantou as mãos ao ceu, exclamando:

— Meu Deus, meu Deus!

— Bemaventurado, continuou o frade, aquelle para quem o nome do Senhor é a unica esperança, por que elle gozará da sua divina presença no reino dos ceus.

Estas palavras feriram o amago da alma de Elena por que ainda não dessarreigára do coração as recordações de seu amor mundano.

Uma nuvem de tristeza annuviou-lhe o semblante.

— Ah meu padre, disse ella, vossas palavras enlutam-me a alma... Aqui, e pôz a mão sobre o coração, viveu no passado, vive agora e viverá na eternidade uma imagem de creatura a par da imagem do Creador.

— Não te afflijas, Elena; Jezus, idealizando o amor, não fez d'elle um crime. O espirito vence a prostração, os sentimentos puros; que são a sua vida moral, serão como elle eternos. A creatura é sempre creatura. Ai d'aquelle que disse ser o amor divino um amor egoista. Sim, Elena, deixa vegetar no teu seio esse lyrio de amor; mas não o tomes como base para sustentar as tuas esperanças terrenas, por que o mundo já nada tem para ti. Teus dias já passaram; teus pensamentos já se desvaneceram. Podes dizer como o filho de Flus: «Sepulchro tu serás meu pae, terra tu serás minha mãe, vermes vós sereis meus irmãos.»

— Oh essa é a realidade nua e descarnada. As esperanças do meu coração estão despedaçadas para sempre... para sempre, e ao dizer tal copioso pranto lhe corria dos olhos. Perdoai, meu padre; é tão suave nas margens da tumba volver os olhos para o tempo que passou, quando essa quadra está cheia de recordações!...

— O viandante, exclamou o monge, quando deixa o casal da serra, aonde se acoitou das furias da tempestade, que o colheram no meio do deserto, já longe d'ella, ainda pára a contempla-a com os olhos humedecidos pelo pranto da gratidão.

— E que fará, disse a joven, quem deixa 'nessa habitação a mocidade, a luz, o amor? e o seu choro redobrava.

— Não choreis, minha filha, valor! Ha de-se dizer sempre como na parabola: «Quem encontrará uma mulher forte?»

— Não, meu padre, valor tenho eu... Deixai-me chorar, são lagrimas do coração, impossiveis d'estancar. Derramando-as no vosso seio affigura-se-me que as verto no seio do Senhor. O amor que eu nutria era tão profundo... soffri tanto por elle, ai!

Este sentido — ai — da muribunda ressoou por toda a habitação, como se a alma de Elena se tivesse concentrado toda 'naquella nota tão intima.

Elena ia continuar, mas uma golfada de sangue cortou-lhe a palavra.

—O seu fim avizinha-se rapido; a phytica pulmonar estava quasi a concluir a destruição dos órgãos. Neste instante a porta da alcova de Elena abriu-se de par em par. Sexto, João e o pae d'Elena entraram. Sexto, tranquillo, silencioso e merencorio, collocou-se aos pés do leito da moribunda. O sr. d'Ulera procurou o sitio mais recondito do quarto para chorar. João ao entrar cruzou os braços sobre o peito, soltou um ai, impossivel de descrever e lançou-se de joelhos juncto da cama.

O monge murmurou aos ouvidos de Elena, «Coragem, minha filha, coragem», e foi ajoelhar-se ao lado do seu companheiro.

As palavras do velho sacerdote foram como uma inspiração magnetica para a virgem. Com a nivea mão, affastou do rosto cada-verico os negros cabellos e limpou os labios tintos ainda de sangue. Sentou-se na cama.

—Meu padre, disse ella, abri a janella, quero morrer vendo a cor azul do ceu, a a immensidade do mar, as grandezas da natureza, as maravilhas do Senhor.

Abriu-se a janella. A luz entrou, dissipando a escuridão e inundando de brilhante claridade o quarto até então sombrio e negro.

Elena envolta em roupas, alvas como ella, parecia pela sua formosura a rainha dos sepulchros. Olhou para o mar, que revolvia ebrio de gloria, num leito infinito, suas grandiosas aguas. Levantou as vistas para o ceu, e extasiada contemplou por muito tempo a vasta abobada azul e transparente.

(Conclue)

HENRIQUE FREIRE.

Á POLONIA¹

Ergue-se altiva a escrava
Negros os pulsos d'algemas;
Rota a prisão que a ligava
Livre quiz ser.—E não temas,
Surdo, encontrar o soldado,
P'ra quem foi sempre sagrado
D'oppressas almas o brado

¹ Esta poesia foi recitada por A. Caetano Callado de Castro e Lemos, na noite de 21 de Março, no theatro academico.

Que não prende a gargalheira!
Nas crenças irmãos não somos!
Tambem escravos já fomos!

Mas surge alfim altaneira
A voz que nega senhores;
Caíam por terra oppressores
Curvem-se á nobre bandeira.

Já livre a escrava do norte
Diz que por força nasceu;
Vergar-se á lei do mais forte
Não é lei de quem morreu
Dando a todos egualdade!
E nós, do progresso obreiros,
Saudemos d'aqui primeiros
Da Polonia a liberdade.

JOSÉ DE SÁ COUTINHO JUNIOR.

OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

A paginas 63 lê-se: «Virgilio descreve uma tempestade apenas Eneas perde de vista a Sicilia, Venus implora a piedade de Neptuno, este surge em seu socorro, manda aos ventos que se acomodem e o mar socega. Quando a armada do Gama sae da aguada de S. Braz em demanda de Melinde, descreve Camões uma espantosa tormenta. A tempestade de Virgilio, foi promovida por Juno, a tempestade de Camões foi excitada por Baccho. Na tempestade de Virgilio aplaca Neptuno os ventos; na tempestade de Camões amacia Venus o futur dos mesmos ventos, não com imperio, mas com peitas e promessas de dar a cada um dos amotinados sua esquivia Ne-reida. Virgillio faz que Venus vá fallar a Jupiter, pelo risco que corriam os troianos; Camões faz que Venus vá fallar ao mesmo Jupiter, pelo perigo em que estavam os portuguezes.»¹

¹ Nesta ultima parte ha um erro. Ou J. A. de Macedo irreflectidamente se enganou, ou de proposito se quiz enganar, forçado pelo empenho de fazer confrontações com que mostre a pouca ou nenhuma originalidade (segundo o seu dizer) dos Lusiadas. Não foi por occasião da tempestade descripta por Camões que Venus foi fallar a Jupiter a favor dos portuguezes; mas sim quando elles hiam para entrar em Mombaca, como já fica dicto na confrontação n.º 2.

OBSERVAÇÃO

Macedo faz tal e qual a mesma cousa, servindo-se unicamente de outras pessoas. Representa uma tempestade promovida por Satanaz. O infante D. Henrique intercede para com Deus a favor dos portuguezes. Elle envia um anjo a socegar o mar e amainar a tormenta.

Isto é muito imitado de Camões, e diremos ainda, é muito mais imitado de Virgilio pela circumstancia de que neste ha o pedido de Venus a favor dos troianos, assim como em Macedo ha o pedido de D. Henrique a favor dos portuguezes, o que não ha em Camões.

A paginas 64 lê-se: «Virgilio faz que desça Mercurio a avisar os troianos, e dar parte aos cartaginezes da sua chegada, Camões faz que Mercurio desça a avisar o Gama que saia do porto de Mombaça, como o mesmo Mercurio avisa Eneas que saia do porto de Carthago.»

OBSERVAÇÃO

Macedo da mesma fórma faz avisar a Vasco da Gama por D. Henrique, que saia do porto da ilha ideal, como se disse na confrontação n.º 2.

A paginas 64 lê-se: «Virgilio pinta pelas paredes do templo de Carthago as batalhas dos troianos: Camões pinta nas portas do Palacio do Samorim em Pandarane¹ as batalhas de Bacho, de Semiramis, e Alexandre; por que tambem Virgilio as tinha pintado nas portas do palacio de el-rei Latino.»

OBSERVAÇÃO

Macedo pinta nas portas do palacio do mesmo Samorim em Pandarane, as mesmas batalhas (ou outras analogas) que Camões pinta nos portaes da cêrca do dicto Samorim, como se disse na confrontação 8.^a

Aqui tambem Macedo imitou mais a Virgilio, do que o proprio Camões, que elle diz tanto o imitou, por que em Macedo são as batalhas apresentadas nas portas do palacio do

¹ Outro engano ha aqui, talvez tambem devido ás circumstancias do antecedente, e é, que Camões não pinta pelas portas do palacio do Samorim as batalhas antigas, como diz Macedo; mas sim nos portaes da cêrca do mesmo Samorim.

Samorim, como as de Virgilio o são as portas do palacio do rei Latino, o que em Camões não ha, pois as representa nos portaes da cêrca, e não nas portas do palacio do já mencionado Samorim.

A paginas 66 lê-se: «Virgilio introduz a Dido depois da ceia, pedindo a Eneas que lhe conte os successos da guerra de Troia e os trances da sua longa navegação, Camões com a mesma phrase, introduz o rei de Melinde pedindo ao Gama lhe relate miudamente a historia de Portugal na paz e na guerra, e os successos da sua viagem desde a fôz do Tejo até áquelle porto.»¹

OBSERVAÇÃO

Macedo da mesma maneira faz que o rei de Melinde pessa ao Gama, depois do banquete que lhe deu, lhe conte a historia de Portugal. Vasco da Gama satisfaz a este pedido, e depois lhe conta tambem os perigos que passou desde o seu embarque até alli.

Ainda aqui imita Macedo mais a Virgilio do que o proprio Camões, por que, como o mesmo Virgilio, faz que o rei de Melinde faça aquelle pedido ao Gama *depois do banquete que lhe dá*, o que não faz Camões, como se pôde ver na confrontação 3.^a

(Continúa)

A. N. C.

RECORDAÇÃO

Amei-te outr'ora, quando pura ainda
Me vinhas meiga prometter amor;
Então donzella de candura infinda,
Tinhas na face virginal pudor.

Amei-te outr'ora, quando virgem bella
Sonhavas mundos de illusões sem fim;
Quando, em arrobos de mulher singella,
Louca tu vinhas abraçar-te em mim.

¹ Um outro engano ha aqui tambem, que não podemos deixar de notar: em Camões o rei de Melinde não pediu ao Gama lhe contasse a Historia de Portugal, quando o banqueteu; mas sim quando foi ver as náos sem que antes d'isso tivesse havido ceia ou banquete.

Hoje perdida já não posso amar-te,
 Já nem sei mesmo se te amei um dia;
 Já nem a ideia de poder gozar-te
 Me vem nas horas de infernal orgia.

Se ainda ás vezes tua image'em sonhos
 Falla de enleios de gentil saudar,
 É porque folgo recordar risonhos
 Dias de infancia, que passei a amar.

Coimbra, outubro de 1863.

J. TAVARES DE MACEDO.

BIBLIOGRAPHIA

Embora pretendam rebaixar a litteratura conimbricense, nada conseguem; e a prova é a quantidade de escriptos que por ahi se vêem; romances não faltam, e poetas não têm conto; e ainda assim não ligam a esta terra a consideração a que ella tem direito. Bem fazem esses nascentes genios, que ahi despontam ao sorrir da primavera, em se rirem, de quem lhes não admira as produções; tiram desforço, apresentando bellos modelos de poesia, d'essa nova eschola, que simelha a desejada luz, porque ha tanto anciámos. Aos que lhes negam gloria, lançam-lhes elles o desprêso no rosto; e assim deve de ser; que, sem forças e ousadia, de nada valem as meliores intenções e as mais sublimes ideias.

Baixemos, porém, de tão subido ponto a plana rasteira dos prosadores: que, hoje não temos que apresentar nenhuma selecção de poesias, temos sim de apresentar «Martyrios obscuros» romance de J. Manso Preto, e «O rei e o soldado» factó historico do reinado do senhor D. Pedro v, por Henrique Freire.

Diremos o necessario sobre estas obras: «Martyrios obscuros» é a segunda estreia de um joven, e feliz que ella foi; alli mostra elle mui conhecimento da litteratura patria, e bem assim dos romances francezes; o que principalmente deve hoje ser tido em muita conta, visto precisarmos um tanto de modelos estrangeiros; poucos são os nossos escriptores, por quem nos possamos guiar; e nos estrangeiros encontramos o muito que falta na nossa litteratura. Alem d'isto o romance é escripto com consição e move bastante o interesse: ao sr. J. Manso Preto aconselhamos que nos continue a mimosear com iden-

ticas produções da sua lavra, e folgaremos de o ver distinguir-se para dar brilho á litteratura conimbricense, e mostrar quanto progredimos.

«O rei e o soldado» é um pequeno folheto mas 'nessas poucas paginas revela-se bastante vocação; notam-se apenas algumas pequenas incorrecções: mas essas de nada valem, em attenção ás bellezas que o livro contém. O sr. Henrique Freire deve continuar na carreira que encetou com tanta felicidade.

Temos ainda a recommendar uma excellente polka-mazurca «Saudades de Coimbra» que o nosso amigo o sr. Manuel d'Assumpção acaba de offerecer ao publico; é digna de todos os elogios, por isso mesmo que é uma estreia; ás nossas leitoras compete protegela.

Logogripho

Eu sou de pelle ou de panno	1 e 3
Nem sem mim alguém vivêra,	1 e 2
Nem haveria consorcio,	1 e 4
E nada se conhecêra.	4 e 3

Bem mal fica quem me leva:
 A morte antes mais valêra.

A. NOBERTO.

Expediente

Aos ill.^{mos} srs. assignantes do Brazil pedimos desculpa de lhes não enviarmos o periodico desde o numero 1 até ao 9, porque os mandámos reimprimir.

Pedimos aos srs. assignantes que ainda estão em debito o obsequio de mandar satisfazer o importe da sua assignatura.

SCENAS ROMANTICAS

POR

Henriqueta Elysa Pereira de Sousa

E

Alfredo Elystio Pinto de Almeida.

Um volume de perto de 300 paginas em oitavo, pelo preço de 500 réis em Coimbra, 600 réis nas outras terras e 1\$000 réis fortes no Brazil. Assigna-se 'nesta redacção e na Livraria Central, Lisboa e Coimbra.



VEN...

Só a hora que as portas d'esta alma
A alegria costuma transpor:
Hora breve, momento que foge,
Sempre cheio d'encanto d'amor!

Só a hora, meu peito a acompanha
Em incerto, continuo bater;
Nasce a esperança mil vezes no seio
De sentir os seus passos, de o ver!

E não chegal silencio funesto!
Que tristeza me enlucta e me mata!
Só ao longe se escuta entre musgos
Deslisar, murmurando, a cascata!

Trinam aves, doudejam insectos,
Doura o sol as montanhas d'alem;
Tudo folga e sorri de ventura,
Só minha alma conforto não tem!

Onde páras? quem hoje, ó meu Anjo,
As caricias d'amor te roubou?
Quem, ao ver-te voar pressuroso,
Tuas azas nevadas cortou?

Quem negou o sorriso a meus labios?
Quem ás faces meu pranto desceu?
Quem ousou ir dizer — não prosigas
Não nos fujas — á nuvem no ceu?

Vem! Qu'importam censuras do mundo,
Quando ardente a paixão vem brotar?
Se o fulgir das estrellas fenece,
Mal no espaço desponta o luar?!

Dou-te a vida — deserta, se foges:
Ceu na terra, se és perto de mim!
Nossas almas num q'rer resumidas
Nos promettem venturas sem fim!

Desce, sonho dos sonhos mais bellos,
Visão linda das lindas alem!
Rasga o veu que me occulta o teu rosto
Solta as azas, desprende-te, vem!

Coimbra, julho de 1862.

AMELIA JANNY.

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 11

TRIBUTO AO MERITO

À EX.ª SR.ª

D. AMELIA JANNY

Eu gosto de ouvir-te!
Teus cantos são bellos
Espelhos singelos
Da alma que tens!
Eu gosto de ouvir-te!
Sentida tu fallas
E as dores me calas
Da sorte vaivens.

Tu soffres e sentes,
Que o dizem teus cantos,
Reflexo dos prantos
Que escondes talvez...
Tu soffres, não mentes
No canto sentido,
Que, d'alma nascido,
Te trabe e não vês!...

Se Deus pôz a chamma
Dó genio na mente,
Ao triste que a sente
Mostrou-lhe uma cruz;
A fronte lhe inflamma
Em sonhos de gloria,
Depois... illusoria
Se extingue essa luz.

Portanto não vejas
Na dor que te opprime
Mais que uma sublime,
Divina missão.
Se erguer-te desejas
Dos genios á altura
Ai! prova a amargura,
Seu duro braço!...

Eu gosto de ouvir-te!
São lindos teus cantos,
Quaes gottas de prantos
Que fazes verter!
Quizera cingir-te
De louros a lyra,
Pois ella m'inspira
Serenos soffrer!...

Lodeiro, 27 de março de 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

15 DE ABRIL DE 1863

OS DOIS OLHOS

(Conclusão)

Finalmente, senhores, é mister acabar o conto. Nem eu posso ir muito longe com elle, nem convem que elle fique eterno, isto é, sem fim.

A leval-o agora de seguida tinha a contar que não foram as ultimas aquellas cartas que tive a indiscripção de vos mostrar em numeros anteriores d'este periodico. E carta vae, carta vem, a ponto chegaram as coisas, que ambos os dois estavam como o lindo amor: estavam no ponto em que o ridiculo do amor toca o sublime. Quem tem passado por estas cousas sabe o que é, quem não tem passado tambem não fica a fazer ideia nenhuma do que eu lhe diga. Experimentem e saberão. É aquelle engano d'alma ledo e cego de que resa o Camões.

Era um viver de rosas,

De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam.

E como não ha espaço de tempo entre dia e noite, segue-se que viviam de sonhos e pensamentos. Ha de ser uma vida muito leve. Deus me livre d'ella.

Leonardo de Mesquitella é um homem de pura phantasia; um homem que vive 'neste mundo porque nelle se achou, mas que nem o ama, nem o conhece ao menos. Vive uma vida subjectiva, pensa como não pensa muita gente, tem um prisma original e seu por por onde vê tudo o que vê.

Entretanto não me pensem que o rapaz seja romantico. Não se apresenta desgrehado e pallido, com o fado sujo e bôfas rotas. Apparencias tem-nas de qualquer homem. Ahi passa despercebido entre toda a gente, e raras o conhecem, e menos ainda o avaliam. Nem elle apparece muito, nem com muitos falla.

A respeito de amor nunca elle o tinha tido a ninguem. Tinha lido bastantes romances de certa escola, onde a mulher é tudo menos mulher, onde só vem á scena anjos ou demonios, vestidos de alvas ou negras roupas, a gôsto do escriptor. A qual leitura muito mal lhe tinha feito, apurando-lhe a quéda

natural para fugir das peccas realidades d'esta vida.

Estes traços rapidos sobre o caracter do homem são quanto basta para explicar o que d'elle vimos de dizer, e mais ainda para não estranharem o final, que é o melhor. Não fazem ideia da repugnancia com que vou escrever uma grande verdade. O que lhes vou dizer, e lhes posso affirmar em minha consciencia, é um facto, que eu proprio não acreditaria, se o não tivessê presenciado. Sei que uma faulha é capaz de produzir um incendio, que uma gotta d'agua fria faz parar uma fervura, que uma pedra tomba um carro, que uma oitava de chumbo mata um homem, e que de acido prussico menos basta; pois ain'a assim me custa a crer o que os meus olhos viram. Eil-o.

D. Adelaide estava um domingo, não ha muito, a ouvir missa na Misericordia. Era escurecida a egreja, e ella estava proxima do altar mór. A luz das vellas, amarella e tremula, batia-lhe de frente no rosto, e dava-lhe um ar phantastico, elevado, sobrenatural. Com os olhos baixos, attenta ao livro de missa, tão grave, tão seria, parecia um anjo que alli do ceu baixasse a orar pelos homens.

E o moço namorado ficava-a com olhos avidos. Encadeado o espirito pela magia d'aquella postura toda graças, sentia-se fóra de si, sentia-se arrebatado por ignota força, e deixava-se ir de boamente apoz incanto tão suave. Aquella mulher que tinha visto tanta vez, cujas feições tinha de cor, cuja imagem trazia no coração, nunca a tinha visto tão linda, tão seductora.

E veio a missa, e tocou o orgão, e dobrou o encanto, e elle estava preso, extasiado, magnitizado.

Acabou a missa, sabiram todos, e elle ficou. Sabiu ella, e elle sabiu.

No corredor era immensa a gente, e elle passou por essa gente e não viu ninguem. Cumprimentaram-no, e não ouviu; tocaram-lhe, e não percebeu; riram-se d'elle, e não reparou. Caminhava cego, cego da luz d'aquella estrella que o guiava. Para onde? Para onde fosse. Ia por ir, ia porque ella ia, ia porque não podia deixar de ir.

Era alucinação completa.

E mais se viu, quando, logo á sahida da porta, estacou a tremer, e ao passo que

D. Adelaide subia para a rua dos Coutinhos, partia elle como um raio pela de Sob-ripas abaixo. Entrou em casa sosinho, fechou a porta, cahiu numa cadeira e desatou em soluços. E arrellava-se, e gritava, e batia com os punhos, e erguia-se, e corria, e tornava a sentar-se.

Cruzou os braços sobre uma mesa, encostou nelles a cabeça, e esteve assim uma hora.

Depois ergueu-se vagarosamente, endireitou ao lavatorio, banhou a cara em agua fria, esperou meia hora que a agitação acalmasse, e sorriu dizendo alto:

— Estou curado! Venha agora a convalescença. Foi uma lição terrivel; mas era-me necessaria.

Tomou o chapéu e foi ver a ponte de ferro.

Resta saber que lição terrivel foi essa. Eu lha digo com singeleza. Verão que é uma ridicularia sem nome, que até me está a doer a consciencia de a escrever. Quando sahii da igreja, com aquella muita gente que estava, não poude elle seguir o seu idolo de tão perto como quizera. Parou sobre o adro, e procurou-a com a vista. Adeante viu-a, mas viu-a de costas, a subir a ladeira, e viu-lhe os pés, e viu-lhe as botas, e viu — coisa horrenda! — que as botas tinham as orelhas de fóra!!!

Cahiu-lhe aos pés a illusão quebrada. Voou o anjo, ficou a mulher. Mulheres via-as elle todos os dias.

E fugiu.

CONCLUSÃO

Nunca mais poude o moço Leonardo olhar para D. Adelaide, que se não lembrasse das orelhas das botas, e não lhe desse vontade de rir. Ella tem estado doente com o desapego d'elle, que de modo nenhum sabe explicar, e dizem os medicos que receiam muito pela vida da pobre menina. Se morrer, o que nem os leitores nem eu desejámos, é mais uma victima das phantasias loucas dos namorados ideaes. Fugam d'elles, como o diabo da cruz.

FIM

J. SIMÕES FERREIRA.

Nós somos taes que até do bem desejámos mudança.

D. FRANCISCO MANUEL. Epanaphoras.

A UMA LAGRIMA

(FLOR)

Lagrima! que doce nome!

Quem te deu, florinha bella,

Este nome tão mimoso,

Que tanta cousa revela?...

Qual foi a primeira gotta,

Que de uns olhos se tombou,

E no teu formoso calix,

Dando-te o nome, pousou?...

Florinha, e que sentimento

Me queres tu expressar?...

São mágoas ou alegrias

Que pendem do teu chorar?

Correram liquidos fios,

Desabafando uma dôr?...

Ou foram per'as divinas,

Fallando meigas de amor?...

Lagrima! que doce nome!

Quem te deu, florinha bella,

Este nome tão mimoso,

Que tanta cousa revela?...

A. A. F. F.

INTELIZ POR CAPRICHIO

IV

— Estava a menina Eufemia com os olhos fitos no ceu dizendo consigo estas memoraveis palavras, que eu não ouvi, mas que ella mesmo repetiu mais tarde a quem me contou esta historia:

«Casarei com Aniceto ou fugirei com Possidonio? Parece-me que não amo este bastante, para me expor ao escandalo da fuga, cousa muito linda nos romances, mas altamente reprehensivel na vida real. Fugindo, ia-me confiar na honra de Possidonio; e quem é que me diz que seja ella talhada pelo molde dos heroes de Cotin e Ducray-Dumenil? Achei-o a ultima vez que o vi um pouco pertencioso no gesto, pareceu-me até que trazia a gravata mal posta. E está decidido não fujo com elle.

«Casarei com Aniceto? Se não caso desgos-

tava o meu pae que está velho e não supportaria o golpe: casando, appareço triste e melancholica, com um ar de martyr e todos me julgarão victima da tyrannia paternal. Quanto hei de ser romantica!

«O Aniceto não é um rapaz galante, mas tambem não é idiondo. Visto de perfil tem physionomia bastante expressiva. Quando ha pouco o vi estava vestido com elegancia. E está decidido caso com Aniceto».

Terminado este soliloquio, approximou-se Eufemia d'uma mesa e escreveu o seguinte:

Possidonio

«Já não nos resta esperanza alguma. Meu pae obrigou-me á fôrça a prometter casar com um homem que despréso.

Adeus para sempre».

«Eufemia».

Quando Possidonio recebeu esta carta, revestiu-se de coragem e declarou ao seu criado, na falta de melhor auditorio, que havia de matar o homem que lhe queria roubar a felicidade.

O criado foi participar aos vizinhos que seu amo estava doido, e este sahiu a procurar Aniceto, que elle julgou que devia ser o rival.

Aniceto não estava em casa e Possidonio para matar o tempo foi jantar ao Lopes.

Nos momentos de angustia o estomago, órgão perfeitamente egoista, sem se importar com o seu vizinho do segundo andar,— o coração que aneia dolorosamente, continúa impassivel a exercer suas funcções.

As paixões não têm influencia nenhuma no estomago; comprimem dolorosamente os órgãos subadjacentes, mas deixam este inteiramente insolado no meio da tempestade.

E estas verdades que recommendamos a quem lhes poder dar maior desenvolvimento, explicam a importação, que Possidonio fez para o seu estomago, d'um pingue jantar.

Quando o nosso heroe tornou a ir procurar Aniceto achou-o fazendo a doce digestão d'um homem feliz.

«Os dois troçaram um olhar, o de Possidonio parecia querer matar Aniceto, o d'este tinha a expressão de todos os olhares do que ganhou áquelle que perdeu.

— Temos novidade, Possidonio?

— Temos, senhor.

— Senhor! que tractamento é esse?

— É o tractamento que se dá aquelles com quem não quereamos ter relações intimas.

— Que linguagem!

— Trahiu-me e eu quero vingar-me.

— Explique-se.

— Sabendo que amava uma mulher, serviu-se da superioridade de fortuna que tinha sobre mim, e roubou-me essa mulher.

— Com que então não estou nos meus direitos, casando com a mulher que me apraz, porque outro homem ama essa mulher?

— Pois bem; amamos ambos a mesma mulher, e só um de nós ha de possuil-a; seja este o que sobreviver da lucta que vae haver entre nós.

Aniceto impallideceu; a vóz de Possidonio tremia, não sei se de raiva, se de temor.

— Amanhã ao anoitecer comparecerá com suas testemunhas no logar que lhe aprouver:

— Deixo-o á sua escolha.

— Seja no Senhor do Arnado. As armas sejam as que quizer.

— Escolho a pistola.

— Concordo na escolha. Agora boa noite.

— Boa noite.

(Conclue)

A. CORLHO.

NO ALBUM

DE

ANTONIO FELICIANO A. DA C. T. E BRITO

Amanhã d'entre o futuro

Ha-de um anno despontar;

Vacillante e mal seguro

Vae hoje um outro findar.

Dois abyssos! um com flores

Nos esconde as vivas dores

Que o porvir talvez nos dê;

Um se enfeita numa esp'rança

Que, se a vista a não alcança,

Em vãos sonhos se prevê.

Outro marca mais um passo

Que por sobre espinhos dei;

Será de espinhos o laço

Que a todos prendê? Não sei.

Talvez haja mil felizes

Que da vida entre os matizes
 Vejam só formosa cor;
 Para mim que a dor conheço
 Que lhe sei valor e preço
 Já não existe uma flor.

Mas folgarei se a ventura
 Vir em teu rosto sorrir;
 Se o anno, que já fulgura,
 Com chave d'ouro se abrir.
 De c'roas de myrto e louro
 Tenhas inteiro um thesouro
 Formado por mãos gentis.
 Sempre em cada novo dia
 Venha alegre a phantasia
 Pintar-te a vida feliz.

31 de dezembro de 1862. LUIZ CARLOS.

AMOR E MARTYRIO

(Conclusão)

Na camara só se ouvia o murmúrio lugubre das orações dos monges, e o soluçar do ancião. Depois a virgem percorreu com os olhos todo o luctuoso quadro que se apresentava ao redor de si.

Collocou a nivea mão sobre a fronte do mancebo, separou-lhe as emaranhadas madeixas, e exclamou, com uma vóz, se não forte, clara e sensível:

— Felizes, João, os que como eu caminham para a eternidade sem temor. Felizes porque a crença lhes segreda ao pé da sepultura palavras de consolo e paz eterna. Que fiz eu neste mundo de pó e miserias, senão penar e soffrer? Para que serviu minha fronte, mais do que para cingir uma corôa de espinhos? De que me serviram os olhos, mais do que para chorar? A dor é a sombra do coração da creatura. E a creatura mesquinha, nada, ainda se atreve com orgulho a chamar-se grande.

— Assim é, irrompeu João, entusiasmado pelas fallas de Elena.

— O ente rastejador veste a purpura, chama-se rei, mas vem o sopro da morte, a purpura transformou-se em mortalha, o sceptro partiu-se-lhe ao cair da mão gelada, a corôa rojou-lhe por terra, e o monarcha converteu-se em... cinza. Mas as obras que o Se-

nhor cria persistem cada vez mais brilhantes e grandiosas. Dizei ao poderoso que compre com o seu ouro uma estrella do firmamento, que fabrique um sol que o allumie nas trevas da noite. O mar dilata-se lá ao longe pelas bahias, e enseadas, suas aguas varrem as areias das praias com seus cabellos de espuma; perguntae que homem o viu crear e que homem o verá esconder no seio do cahos quando a hora da confusão das massas soar? O sol baixa ao occaso, resplandecente de gloria, e vae engolfar-se nas ondas, para no dia seguinte voltar mais formoso e esplendido; perguntae que homem o viu pela primeira vez encher com a sua luz a redondeza da terra, e quem o verá na conclusão dos seculos allumiarem solitario as gerações derubadas nos campos da morte?

— Ninguem responderá, disse Sexto, porque o homem dorme por uma vez e só a alma voa até ao throno do Altissimo; mas essa é muda para taes questões. O homem faz brotar da terra obras magnificas e diz que servem para seus prazeres!... Levanta um solio e diz que é para sua grandeza!... Tala os campos, assola as terras, saqueia as cidades, e diz que são joias para a sua corôa de sangue!... Mas um dia vem um sópro de ar, um tanto mais frio, penetra-lhe por entre os labios e gela-lhe no coração as grandes paixões que se desvanecem.

— E lá ficam os lucullos confundidos com os histriões.

— O rei e o escravo cahem feridos pelo mesmo golpe que a morte lhes vibra!

— Os ossos do conquistador não repellem os do conquistado quando cahem na mesma cova!...

O silencio reinou alli por algum tempo. João levantou-se de repente e poz-se a olhar fito para Elena. Nos olhos não lhe borbilhava lagrima alguma, a fronte não lhe traduzia um pensamento. Com um tom de vóz solemne e vibrante disse á virgem:

— Deus perdoe a quem calçou sob seus pés a nossa ventura.

O pranto do ancião redobrou com mais força.

— Deus lhe perdoe se é que ha perdão para tamanho crime!

— João! exclamou Elena aterrada.

Elle continuou com vóz impassível.

— Adeus, Elena, adeus. Quebraram-me to-

das as cordas da minha lyra. Tu eras a minha inspiração, e o meu estro; tua lousa será a minha e alli adormecerei as minhas esperanças. Ai de mim! nem a morte me presta o seu descanso, nem meus olhos já têm lagrimas, para banhar-te as mãos. A minha dor petreficou-se. O soffrimento calcinou-me as commoções intimas, e a alma dessecada pela dor já não tem expansão e nunca mais a terá.

Elena sorria com melancolica incredulidade.

— Deus te não castigue, disse ella, quando atraçoares os teus juramentos d'agora. Nenhuma dor é eterna e muito menos a do coração do homem. Passar-se-hão horas, dias e annos, sem que uma vez sequer penses na que hoje morre d'amor. Por algum tempo arderá em teu peito o fogo sagrado, como chispa na cratera inflammada do vulcão; depois, será uma chamma debil e opaca, e por fim apenas uma recordação, se tanto fôr.

— Elena, exclamou João com um accento lastimoso, duvidas agora? Quem te ensinou essa sciencia fatal?

— Ao pé da tumba apparecem os horisontes do porvir mais claros e resplandecentes. A alma dilata-se em aspirações infinitas, e os raios da luz eterna penetram atravez o craneo dos moribundos.

Os olhos d'Elena começaram de turvar-se, mas ella continuou:

— Meu padre, perdoae-me..., sancto monge, rogae a Deus por mim... chegaram os ultimos momentos de minha vida... João, tem valor... meu pae, perdoae á vossa filha que vae para a mansão eterna orar por vós.

Olhou para o mar, e para o ceu; fixou os olhos em João com um gesto d'amor profundo e intimo. Tirou uma rosa branca do seio, e deixou-a cahir nas mãos do poeta, soltando um gemido prolongado e triste. O mancebo osculou-lhe a mão, mas de repente repelliu-a; o gelo da morte esfriara-lhe os labios.... beijára um cadaver!

O semblante de Sexto pela primeira vez o atraçoou; suas lagrimas rolaram por suas faces. João, extactico e sombrio, contemplava Elena. O ancião similhava a imagem do terror pintada por Lebrun. E os monges psalmeavam as orações da agonia com vózes entrecortadas pelas lagrimas.

O sol occultou-se detraz d'uma densa nu-

vem, deixando a habitação com uma luz indiciosa e sinistra. A morte acabára de concluir a sua obra.

IV

Ainda não tinham decorrido tres mezes, já do palacio d'Ullera sahira outro feretro, conduzindo o cadaver do infeliz ancião, que não poude supportar a perda de sua filha querida, perda para a qual contribufra a sua rigidez; um joven cadaverico, de cabellos crescidos e rosto squalido, todo vestido de preto, acompanhou o cortejo funebre até ao campo da morte.

Poucos mementos depois, alguns marinheiros tiravam das ondas do Oceano um corpo que fluctuava á superficie das aguas; era o cadaver de João que não tendo mais que fazer no mundo quiz voar o mais breve possivel a unir-se com os amigos de seu coração; ao desnudar o cadaver das roupas encharcadas encontraram-lhe as pescoço uma bolsa de velludo preto, e dentro folhas seccas e quasi pulverisadas, que pareciam ser d'uma rosa...

Passado tempo, quem entrasse de vez em quando no cemiterio encontraria um velho curvado e pensativo, que ia collocar em tres sepulturas diversas corôas de flores, regando-as de pranto. Era Sexto que cumpria os deveres, que restam aos que sobrevivem á dor, para com os que a morte nos arrebatou com a sua impiedade fria e real; esses deveres resumem-se em tributar-lhes «FLORES E LAGRIMAS.»

HENRIQUE FREIRE.

A infancia chora juncto dos amores e das rosas; a velhice quasi sempre rega com as lagrimas o sepulchro, onde jazem os affectos que a consolavam do martyrio do viver.

REBELLO DA SILVA. *Odio velho, etc.*

Boa cousa é a historia,.... quando nos recordamos do nosso passado, e não achamos lá para colher um unico espinho de remorso.

A HERCULANO. *O alcaide de Santarem.*

A J. M. BRAZ MARTINS

Passam dias e dias; tudo esquece
Tudo cai no silencio, apoz instantes

De rapido fulgir.

Depois que o astro allumiou a terra,

E se perdeu no occaso, nada lembra

Que deixou de existir.

Tu, Artista, levanta ao ceu a fronte

E exulta! a vida te será de flores

Do mais bello matiz.

De ti fica a saudade, nova gloria!

E a saudade, se em peitos portuguezes,

Diz mais que tudo diz...

Coimbra, 31 de março de 1863.

ALFREDO ELYSIO.

OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Continuação)

A paginas 67 lê-se: «No fim do Canto 4.º dos Lusiadas, ha cousas que parecem grandes, e que parecem novas: o concurso da gente da cidade, a situação das naus, as despedidas entre os que partiram e os que ficavam, a prozopopeia do velho de tão máu agouro para os navegantes, são cousas que têm até agora merecido o applauso, e a admiração até dos varões mais doutos, e a approvação geral dos seculos que têm decorrido desde a epocha do apparecimento dos Lusiadas, etc.

«Ora pois se não existia o Livro 6.º da Guerra Punica de Sílio Italico, tambem não existia esta tão applaudida tirada dos Lusiadas. Sílio Italico em um dos mais admiraveis quadros de poesia, e talvez um dos maiores que existam fóra da Thebaida de Estacio, etc., nos descreve, e representa a partida de Regulo de Roma para Carthago. Alli apparece o mesmo concurso de povo, o mesmo luto, as mesmas ancias nos espectadores, a mesma serenidade e tranquillidade de animo em o heroe que embarca. Um dos cidadãos levanta a voz e exclama contra a partida, e o verdadeiro modelo d'estes brados do velho na praia do Rastello, é o pranto e a

imprecação de Marcia, mulher de Regulo até ao ponto de immudecer desmaiada».

OBSERVAÇÃO

Admira bem que Macedo, tendo apontado Sílio Italico, como modelo de que se serviu Camões neste ponto para compor o seu Poema, vá depois servir-se do mesmo auctor para fazer a mesma cousa.

Mas ainda isto não é o melhor: o melhor é, que se Camões imitou Sílio Italico por apresentar o velho do Rastello a exclamar contra a partida dos portuguezes, muito mais o imitou Macedo por apresentar o mesmo velho a fallar tambem contra a partida, até se lhe tolher a voz na garganta como aquelle auctor faz acontecer á mulher de Regulo que cae desmaiada.

A paginas 71 lê-se: «A chamada portentosa imagem do Adamastor apparecida de noite, é a imagem de Roma, que apparece de noite a Cesar, que intentava, e resolvia passar as vedadas margens do Rubicon em o Livro 1.º da Farzalia de Lucano; etc.

«O vaticinio triste, que Adamastor faz ao Gama, é o mesmo funesto agouro, que a Harpia Celeno faz aos Troianos em o Livro 3.º da Eneida, etc.».

OBSERVAÇÃO

Tambem Macedo se serve da mesma imagem que faz o mesmo vaticinio, como se vê na confrontação 6.ª

(Conclue)

A. W. C.

BIBLIOGRAPHIA

Em dois partidos está hoje dividida a litteratura em Coimbra; segue um as bellezas de arte e de talento, o outro aspira a mais alto; o primeiro, como o rouxinol, esconde-se em flores, embriaga-se no seu perfume e canta com melodia e arte: o segundo, mais soberbo, não se apraz em harmonias para todos, e sóbe, como a aguia, até ás nuvens, querendo avassalar tudo.

«Não é só isto.

«Aquelle é como a virgem; deleita-se em amenidades, tem por dom a singelleza, e entretém a imaginação pela facilidade de com-

prehender-se. Este, foi creado só para os espiritos elevados; nem todos o podem attingir, antes bem raros; tem só sublimidades incompreensíveis.

E contudo ambos são sustentados com energia.

Queira Deus, porém, que nunca nós seja forçoso termos que dar nossa fraca opinião sobre uma produção d'este ultimo genero; teremos que meditar para mezes e mezes.

Em quanto que folgaremos sempre em recommendar obras de arte ou talento. E hoje folgamos; o sr. Bernardino Pinheiro enviou-nos o seu romance historico «Sombras e Luz»; sem querermos fazer-lhe nma analyse, para a qual não nos sentimos com forças, diremos a impressão que nos causou a sua leitura.

O romance historico, creado por Walter Scott, e seguido primeiramente com tanta felicidade só pelos nossos escriptores de mais nota, vae hoje tornando-se mais generalizado; comprehenderam a final, que temos nós muitos factos na nossa historia dignissimos de memorar; se e cheios do maior interesse; demais ha na nossa lingua muita melodia e naturalidade, dotes que concorrem para aformosejar o romance historico. Ha tempos a esta parte têm-se ahí feito algumas tentativas e com felicidade.

O sr. Bernardino Pinheiro tinha já publicado o anno findo outro romance historico «Arzilla»; e todos sabem a ovação que elle teve.

Sobem, porém, de ponto muito e muito as «Sombras e Luz»; mais mimosas, tem mais perfume e coração; ainda que, nos parece, deviam ter mais; porém o sr. Bernardino Pinheiro, dotado de muito saber e estudo, guia-se mais pela cabeça do que pelo coração; antes de escrever pesa as palavras; e se isto lhe dá mais arte, dá-lhe menos animação; isto só o julgamos nós, e nem defeito é; obra acabada nem de mestres sae.

Mas convidamos a leitora ingenua a vir admirar a joven Eulalia; que suavidade ella rescende, e que amor lhe abraza a mente e lhe faz pulsar o seio; depois vem Luiz de Sousa; como é bello, e que nobreza d'alma; que coragem não lhe é precisa para vencer sua paixão, e como ambos temem offender a Deus! Rachel é uma verdadeira mãe, como hoje ha poucas; e Duarte Pacheco, Ezequiel e Maria Rosa e todos os mais personagens

estão descriptos com clareza. Não se deteve o sr. Bernardino Pinheiro em longas descrições; procurou antes tornar claro o seu romance, de maneira que fosse delectavel; registamos isto com prazer, hoje que são tão raras as obras de puro delecte! entretêm-se quasi todos os romancistas em longas descrições, as mais das vezes faltas de interesse.

Julgamos as «Sombras e Luz» um dos bons romances que nestes ultimos tempos têm apparecido, e folgaremos de ver que o sr. Bernardino Pinheiro continua com gloria a carreira que encetou tão brilhantemente. Por ultimo cumprê-nos agradecer-lhe a fineza da remessa, que não ou-avamos esperar; e recommendamos aos nossos leitores a sua leitura; dir-me-hão depois se não é verdade todo o bem que dissemos d'ella e o muito que nos fica por dizer.

Expediente

A pedido do sr. João Tavares de Macedo, declaramos não lhe pertencer a poesia «Recordação» publicada a pag. 80 d'este periodo com a sua assignatura.

Estando a findar o 1.º semestre, declaramos aos srs. com o qual finda a assignatura, que os que continuarem, serão agraciados com um volume de poesias e romances de 100 paginas pelo menos de impressão, bem como os que assignaram por um anno. E pedimos aos srs. que estão em debito o obsequio de mandar satisfazer o importe da assignatura.

Charada

Eil-o ahí vae; olhae-o, e pelos modos
Parece não fazer aqui parada... 2
Doura o sol da manhã os campos todos
Com esta que é só d'homens estimada... 1

Activo e forte e brioso
Ou homem seja ou cavallo;
Se este ultimo apanhasse
Ia depressa montal-o.

SANTOS VALENTE.



FATALIDADE

Inseparavel condição da vida
Padecimentos são; todos penamos.

GARRETT. *Camões.*

Sobre as ruínas sombrias
Do pó das crenças já frias
Não póde brotar a flor!
E se brota é a saudade,
Martyrio da soledade,
Pendida, triste, sem cor.

São bem amargos os annos
Que se perdem nos arcanos
D'um destino sem porvir!
O gelo de frio inverno
Cobre de estigma eterno
Joven fronte inda a sorrir.

Curva-se o genio á desgraça,
Bebe o veneno da taça,
Onde só amor sonhou.
Outro genio se levanta!
Na fronte aureola sancta
Diz que a desgraça o criou.

A dor é mãe dos poetas,
Mas seus carinhos são settas,
Que lhe arrancam denso véu
Das illusões que sonhára,
D'esses mundos que ideára
Não da terra, mas do ceu.

Quem inspirou esses cantos
Humidos inda de prantos
Que o nosso Camões deixou?!

HYMNOS E FLORES 1.º VOL. — N.º 12.

A dor, madrasta maldicta!
A miseria, sempre inscripta
Em cada som que soltou!

Foi inda a negra miseria,
Que levantou da matéria
Bocage, o feliz cantor!
Nicolau o inspirado
Foi tambem um desgraçado
Que ria da sua dor.

Entre outros nomes a historia
Nos transmittiu com gloria
O d'infeliz Bernardim!
A sorte fadou-lhe as trovas
Para serem agras provas
D'uma desgraça sem fim!

A dor foi sempre dilecta
Musa qu'rida do poeta,
Sua doce inspiração.
Percorrendo a longa escala
D'esses genios, só nos falla
O infortunio seu condão.

Abriu-me a dor uma senda,
Poz-me nos olhos a venda
Que á desgraça nos conduz!
E, apontando-me a gloria:
«Avante, é pharol a historia,
Disse, guia-te essa luz».

Curvei-me ao brado potente
D'esse destino inclemente,
Saudei meu estro fatal!...
Hoje a estrella que me guia
É o pharol da poesia,
É o meu genio do mal!

Fadou-me Deus para as magoas,
No sentir d'intensas fragoas
Do mais acerbo seffrer.
Sou poetisa, porque o pranto
Muitas vezes é meu canto,
Minha agonia viver!...

Lodeiro, 29 de setembro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

1 DE MAIO DE 1863

OS DOIS OLHOS

POST-SCRIPTUM

Não estranhem, que não é nova a ideia. Recordem-se da *Mocidade de D. João V*, na «Revista Universal Lisbonense». O post-scriptum é uma especie de capote de gelo ou banho de chuva com que o auctor se propõe abrandar a toleima do seu escripto. E se nem sempre consegue o fim, não deve ser isso motivo de despresar o medicamento; aliás todas os medicamentos estariam hoje a um canto, incluindo o gelo e os banhos. A humanidade folgaria, mas não falta quem querdesse. A vida é um batalhar continuado de compensações, uma desordem eterna que produz a eterna ordem. Uns vivem á custa dos outros, vivem uns para outros morrerem, e morrem muitos para dar vida a poucos, como acontece nos despachos para delegados, por exemplo. Ou tem quaesquer outros despachos. O que aliás não vem nada a propósito para aqui.

É vindo á ordem, é certo que razão tem de consulta forte quem haja lido o último capitulo d'este conto, sem o conhecimento de explicações que lhe vou dar. A primeira é que me não deram licença de faltar á verdade, quando me contaram a anedocta com permissão de a pôr por escriptura. Mas acrescentaram, e eu não disse, que o facto em si não produziria tamanho effeito na cabeça do pobre Leonardo, se não fôsem as consequencias á que o levou. Pois que é, realmente, o trazer as orelhas fóra das botas? Ha nada mais ridiculo do que um motivo d'estes para desarranjar uma paixão? Uma paixão que se arranca pelas orelhas, e pelas orelhas das botas...? Isto é cousa que se diga, isto é cousa que se creia? Pois as paixões do homem são assim cousa tão facil de arrancar? E então o amor, que dizem a mais rija de todas? É disparate, é impossivel.

Estas reflexões vêm a todos naturalmente. Attendamos, porém, a outra cousa. Sabem que as grandes molestias têm, muitas vezes, pequenissimos symptomas, e que todo aquelle que de pequenos indicios não se elevar até ás grandes verdades fica, quasi sempre, ignorante como um peixe. Pois se é isto assim, como estranhar que o Leonardo do meu conto visse naquella bagatella um indicio de me-

nos cuidado, do que deve ter sempre uma menina? Não me esqueci de dizer que o homem tinha um modo seu de ver as cousas. Para elle é axioma, que uma mulher nova que não tem cuidado em si, não tem cuidado em nada. A opinião será exaggerada, mas tem muito de verdadeira. Ora o amor é tendencia d'alma para um bem, e uma mulher descuidada é um mal. Leonardo não podia amar o que se lhe representou um mal.

Restitua-se entretanto o credito a quem o merece. D. Adelaide Josephina Faria de Cerqueira não é o que d'ella pensa Leonardo de Mesquitella e Castro. É pelo contrario uma linda, sisuda, arranjada, e, por consequencia, amavel menina, a quem tenho a honra de dedicar os meus dois olhos.

J. SIMÕES FERREIRA.

ESTOU VINGADO

Sou poeta, é minha sorte
Quando soffro abençoar

Eramos sós. Não sei que vivo affecto,
Que era nos labios teus palavra inutil,
Me juráras então 'num tom discreto,
Mas d'amor a prudencia é guarda futil.

Pois vi que nos teus olhos se pintava
A doce languidez que d'alma vinha;
Nossa propria vontade fóra escrava
D'aquella seducção que alli nos tinha.

Pousando os cotovellos na janella,
Hombro a hombro comigo, o mesmo enleio,
Que me causava a mim o vér-te bella,
Te fazia pulsar o niveo seio.

E sorrindo te disse: «Em breve espaço
Has de quebrar a jura feita agora;
Jámais o coração repousa lasso,
Irá vagando sempre d'hora em hora».

E foi assim. Porém quando hoje scismo
'Nessa noite, por ti receio ó linda!
Que meu amor, sul bravo em manso abysmo,
Viria a levantar procella infinda....

A custo me soltei do mago enlevo
Que meu pensar inteiro fascinára!

Contar-te as commoções... nem eu me atrevo,
Nem tal recordação nos fôra cara.

Agora, que o presente é duro e triste,
Com taes visões de amor já não se acalma;
Lembrança d'um prazer que não existe
Só nos augmenta a dôr que temos'nalma.

Mas de como a ventura se converte
Nas ancias do soffrer, eu pasmo absorto,
E sinto dentro em mim jazer inerte,
A força que n'outr'ora erguera um morto.

Tu mesma, que illudiste minha esp'rança
Tendo-me a fé já dado, és tu ditosa?
Conheço o mundo bem, mulher, descança,
E quem sorri assim, prazer não goza.

Nem teu sorriso, alegre n'apparencia
Me podéra enganar, pois sei que soffres;
Pois ferem-te os espinhos d'uma ausencia,
E vedas mal do pranto os tristes cofres.

O rival que oppozeras a meus votos
Em braços d'outra jaz ora embalado,
E não te escuta já: teus ais remotos
Não lhe acordam os echos do passado!

Estou vingado, pois; mas tenho pena
De te saber em lagrimas banhada;
Se de mim dependera, oh! quão serena
Tu andáras da vida a dura estrada!

Abril de 1863. LUIZ CARLOS.

UMA PAGINA

(Conclusão)

— Não é o orgulho offendido, que me faz fallar assim. Não o creias. Patenteio-te 'neste momento o coração, e ahí deves ler o soffrimento que o angustia, e o martyriô, que o dilacera. Não penses...

Olhei para Alberto. Estava pallido, Aper-tei-lhe a mão que, gelada, tremia convulsa. As lagrimas deslisavam-lhe mansamente pela face.

Que revelariam aquellas lagrimas? Uma saudade, talvez... e quem sabe, se e remorso de ter collocado no plano das mulheres vaidosas e orgulhosas sempre? — Ermelinda, a eucharistia visivel da belleza, a

encarnação viva da divina e formosa visão, que lhe inspirou estrophes de subido quilate pelos sentimentos, que despertam na alma, e pelo perfume e harmonia, que ala o espirito ás regiões do bello.

Alberto é poeta no religioso sentido da palavra; conhece a natureza em toda a sua novidade e manifestação constante da perfeição, em todos os seus perfumes, em toda a simplicidade de suas galas, em toda a magia de seus encantos, sempre repintados da feiteira variedade, que leva a alma ás regiões formosas do ideal, legando á materia a impressão doce que recreia, reflexo d'esse gozo do sublime, que pende do throno da divindade... porém, novo Stenio, sob o dominio das primeiras impressões, tanto sobe pela escada impalpavel, mas radiante, do lyrismo, descrevendo-nos d'alli todos os cambiantes da belleza, que só a vista do poeta pôde ler... como rasteja entado nas conveniencias sociais... Em face d'esta qualidade, que ha manifestado sempre, conheci, que as suas palavras não eram mais, que uma simples expressão do estado da sua alma, dominada pelo ciúme e descontentamento, filha da ligeira supposição de que Ermelinda repartisse com outrem os affectos do seu coração, o que não passava d'uma sombra e illusão, a esvaecer-se ao primeiro sopro da verdade.

Tens um excellente coração, Alberto, lhe disse eu. No teu logar esperava ainda, embora em silencio. Ainda que Ermelinda por mero capricho e vaidade acceite e partilhe o amor de Eduardo, ha de, em breve, vir o dia, em que o arrependimento lhe toque o coração, e a leve a implorar-te perdão humildemente!

A expiação vem sempre, e o cruciar da saudade, callando no intimo do peito, aproxima muitas vezes...

Quem sabe o que a esta hora terá passado em seu coração?

«Na alma da mulher ha sempre um nome querido, gravado muitas vezes com lagrimas, e sustentado quasi sempre com o martyrio. Esse nome torna-se o idolo das suas adorações, um symbolo das suas illusões mais ferventes. E qual será o que actualmente está gravado no coração de Ermelinda? Pódes crer, que o teu... Mas as novas relações que te prendem a Adelaide?

«Não serão de muita duração, porque lhe falta o sentir, que vincula, e o amor, que encadeia e algema. Ha entre nós apenas uma sincera estima, e quem sabe se a misera commiserção de identicos tormentos?!...»

«No coração d'esta mulher ha ainda uma ferida, que sangra, aberta por espinhos dolorosos num tempo, que não vae longe. Respeitoso á dor que a punge, presto sincera homenagem aos dotes elevados d'aquella alma candida. O soffrimento purificou-a, e de martyr tornou-se um anjo.

Anoitecera. Á luz da lua, que se levantava na orla azulada do ceu, devisamos dois vultos, que, destacados d'um grupo, caminhavam em nossa direcção; aproximaram-se, e bem depressa conheci Ermelinda e Adélaidé, que nós saudaram, convidando-nos para um passeio.

Realizou-se o que vaticinára!

A UM AMIGO

Acaso os versos que leio

Me confessam teu amor?!...

É muito cedo:—cautela,

Que apoz tudo... vem a dor!

A verdura dos teus annos

Talvez te venha a guardar

D'essa quadra de illusões

Que só produz... o chorar!

Não te entregues aos extremos

De amorosa inclinação,

Que em cada esp'rança que formes

Se engana teu coração.

Por cada gosto que alcances

Que desenganos terás!...

E só lagrimas amargas

Abundantes chorarás.

E depois... inda que queiras,

Nunca deixas de soffrer...

Queres fugir... mas debalde;

Teu destino é padecer!

A. A. F. P.

INFELIZ POR CAPRICHIO

(Conclusão)

Era ao anoitecer do dia seguinte.

Dois homens passeavam deante da capella do Senhor do Arnado.

Quem eram aquelles dois homens?

Que projectos tragicos alli os conduziam?

Eram os dois nossos amigos Aniceto e Possidonio, que pelos modos não pareciam muito resolvidos a darem alojamento dentro de seus estimados corpos a um pedaço de chumbo, que tivesse o prazer de fazer sahir de lá aquellas almas gentis.

Passeavam os rivaes, procurando evitar os olhares, mas de quando em quando paravam por momentos, um perto do outro, como quem queria dizer algumas palavras que lhes estavam presas na laringe.

A final Aniceto fez um esforço e disse:

— Parece-me que as testemunhas se vão demorando.

— Estava pensando o mesmo.

Novo silencio.

Leitor, vou dizer-te um segredo, que cada um de nossos dois heroes guardava comsigo. nenhum d'elles tinha escolhido testemunhas.

Depois de alguns minutos de passeio, Possidonio dirigiu-se ao rival:

— Sór Aniceto.

— Sór Possidonio.

— Queria terminar depressa este negocio, mas como um duello sem testemunhas tem ares d'assassinato, julgo melhor...

— Que addiemos isto para outro dia, concluiu Aniceto, vendo a reticencia do antagonista.

— Exactamente.

— Pois olhe, a mim parece-me melhor que nos deixemos d'isto. É uma brincadeira que podia trazer pessimos resultados.

— Tem razão, amigo Aniceto.

Possidonio, como se vê, tractando Aniceto por amigo, obedecia a seus principios moraes: mostrava-se grato áquelle que o tinha tirado da arriscada posição em que elle proprio se tinha mettido.

Separaram-se os dois amigos nas melhores disposições d'alma e corpo possiveis.

Um mez depois casava-se Eufemia a Aniceto.

A boda foi d'um luxo desconhecido em Coimbra, pois o fidalgo tinha recebido dias antes a noticia de lhe ter morrido um irmão na Bahia, que lhe havia deixado a ninharia de 70 contos.

O fidalgo deixou este mundo, quando estava com menos disposições para fazer a viagem dos reinos desconhecidos.

Quando Aniceto viu em suas mãos os bens da mulher, tentou-o Satanaz, e um bello dia, depois de ter reduzido quasi tudo a dinheiro, foi ver as florestas da America.

Eufemia ganhou então a palma de martyr.

Uma duzia de poetas, protectores das mulheres innocentes perseguidas, tem-lhe feito versos.

A infeliz menina esteve prestes a succumbir, quando, um anno depois da fuga do marido, soube que Possidonio se unia pelos sanctos laços do matrimonio a uma certa Ignacia, de que o leitor se esqueceu; salvou o pensar que não valia morrer por causa d'um ente tão indigno.

A. COELHO.

OS TOUROS ANANTES

(Tradução de Virgilio)

Vae-lhe com a vista as fôrças quebrantando
A femea, e pouco a pouco o abraza em fogo:
E taes encantos tem, tal graça e mimo
Que já nem pasto lembra. Às vezes mesmo,
Se ha dois que a mesma chamma e femea abrazem,
Rijo combate vão travar com as pontas;
Ella, a formosa rez, no prado emtanto
Pasce airosa ante os bravos amadores.
Ferve a peleja e não têm conta as f'ridas,
Em negro sangue os corpos se lhes banham,
E com fundo mugido as pontas cruzam;
Muge a floresta, o grande olympo muge.
Nem com taes odios junctos podem ambos
Dormir no mesmo chão: sae o vencido
E ao longe, em terra ignota, desterrado
Lá vae gemer seu mal, gemer a affronta,
Os golpes que levou, o amor perdido;
E os tectos dos avós saudoso olhando
Vae ruminando planos de vingança.
Agora as fôrças com ardor renova;
Quer leito duro, são-lhe cama as pedras,
Asperas folhas come, e junco rijo.

E prova-se na lucta; um tronco d'arvore
Lhe serve d'inimigo; nelle as pontas
Ceva, e com os golpes vão açoita os ares,
E com as mãos já revolve a areia toda,
Julgando-se na briga. Finalmente
Quando o vigor antigo aos membros torna,
Levanta o campo, e assalta d'improviso
O outro que olvidado o amor desfructa.

SANTOS VALENTE.

OS LUSIADAS E O ORIENTE

(Conclusão)

A paginas 77 lê-se: «Neste immenso Poema achou Camões grandes cousas. No 45 canto depois do Amadige se descobre um velho, mostrando a Floridante no templo da fama a pintura de Carlos V e de alguns castelhanos: tanto basta para que Camões faça proprio o que é estranho; quando Paulo da Gama mostra ao Catural os retratos dos heroes portuguezes, bordados nas bandeiras, mostra Camões, aos que quizerem ler, as estancias de Bernardo Tasso vertidas em portuguez.»

OBSERVAÇÃO

Macedo não fez bem em fazer esta comparação, porque se Camões imitou Bernardo Tasso como um, elle o imitou como cem, e para o que comparemos.

Tasso — Um velho mostra a Floridante no templo da fama a pintura de Carlos V e de alguns castelhanos.¹

Camões — Paulo da Gama mostra ao Catural os retratos dos heroes portuguezes bordados nas bandeiras.

Macedo — O infante D. Henrique mostra a Vasco da Gama no templo da fama os bustos dos heroes portuguezes.

Digam-nos agora os homens imparciaes ou mesmo alguém apaixonado de Macedo, qual imitou mais Tasso, Camões ou Macedo?

A paginas 80 lê-se: «A nympha introduzida a cantar no banquete de Thetis, além de ter, como já disse, o seu original na introdução do Iopas da Eneida, tem as suas circumstancias na introdução do Soprano Demodoco

¹ Poema de 100 cantos de Bernardo Tasso.

² Segundo diz Macedo.

no Livro 3.º da Odissêa. Se a nympha, musica e prophetisa, conta os heroes que se deviam ainda afamar na India, nomeando-os pelo seu nome, outro tanto faz Anchises no Inferno, contando ao filho de Eneas, e nomeando pelo seu nome, os heroes que deviam illustrar e engrandecer nos tempos futuros o vasto imperio romano.»

OBSERVAÇÃO

Macedo não fará o mesmo no Canto 12, Estancia 20 a 108, quando lança mão do Apostolo S. Thomé, que em uma visão, ao Gama lhe declara pelos proprios nomes os heroes que de futuro se haviam distinguir na India?

Muito e muito mau é repararmos nos defeitos dos mais sem olharms para os nossos, e n'isso foi Macedo pouco escrupuloso.

A paginas 89 lê-se: «O que mais se admira em Camões são as suas comparações e descripções; e tudo é alheio, sem podermos eximir uma só com justiça das mãos de seus legitimos possuidores. Contemplemos as suas comparações.»

OBSERVAÇÃO

Pois bem, sr. J. A. de Macedo, contemplemos as comparações de Camões, mesmo para ver se tambem v. s.ª as emprega no seu original poema. Contemplemos pois.

A paginas 90 lê-se: «No canto 2.º a primeira comparação é a da setta com que se dá a conhecer o rapido vôo de Venus do ceu ao oceano:

Voa do ceu ao mar como uma setta.
de Virgilio, livro 12, verso 855.»

OBSERVAÇÃO

Esta comparação da setta tambem Macedo a faz no canto 7.º, est. 10.ª:

Prompto um sonho saio que ali-potente
No vôo excede a setta voadora;

A paginas 91 lê-se: «A segunda comparação do mesmo canto é a das formigas:

Qual para a cova as providas formigas;
de Virgilio, livro, 4, verso 402.»

OBSERVAÇÃO

Tambem Macedo faz esta comparação no canto 4.º, est. 55:

Bem como no fecundo ardente estio
Correm formigas providas, lembradas,

A paginas 92 lê-se: «O mesmo se deve dizer da comparação do Iris, que vem na oitava 99 d'este 2.º canto:

Qual apparece o arco rutilante.

livro 5, verso 88.»

OBSERVAÇÃO

D'esta comparação tambem Macedo se serve no canto 1.º, est. 25:

Mostram, se ondeam, cores variadas
Qual em ar tenebroso Iris s'estende.

A paginas 93 lê-se: «Na oitava 49 do 3.º canto ha a comparação do incendio do bosque:

Bem como, quando a flama que ateadada
É grande e é bella, mas de Bernardo Tasso,
canto 65, oitava 33.»

OBSERVAÇÃO

Tambem Macedo se serve d'esta comparação no canto 7.º, est. 9:

Bem como na tranquilla ingenua aldêa
De singelos pastores habitada
Se a labareda subita se atêa
E lambe o colmo de que está forrada; etc.

A paginas 94 lê-se: «No canto 4.º, oitava 34, vem a comparação propriissima do leão:

Qual dos oiteiros
De Ceuta está o fortissimo leão.

tambem está o original em Luiz Alamani no canto 130 do Arvachiade.»